

Agatha Christie

MORTE NA PRAIA



Edição Guinefort

Evil under the sun (1941)

CAPÍTULO UM

Quando o capitão Roger Arigmering construiu, em 1782, uma casa na ilha ao largo da Baía de Leathercombe, considerou-se isso o cúmulo da excentricidade. Um homem de boa família como ele deveria ter uma mansão digna erguida num amplo prado, talvez com um riacho e uma boa terra de pastagem.

Mas o capitão Roger Arigmering tinha apenas uma grande paixão, o mar. Por isso construiu a sua casa - uma casa bem sólida, como precisava ser - no pequeno promontório batido pelo vento e infestado de gaivotas, de modo a ficar isolada da terra durante a maré-alta.

Nunca chegou a casar-se, o mar foi o seu primeiro e último amor, e, após a sua morte, a casa e a ilha ficaram para um primo afastado. Esse primo e os seus descendentes pouca importância deram ao legado. As suas próprias terras foram diminuindo e os seus herdeiros tornaram-se cada vez mais pobres.

Quando o grande culto das Férias na Praia se estabeleceu finalmente em 1922 e a costa de Devon e a Cornualha deixaram de ser consideradas demasiado quentes durante o verão, Arthur Arigmering descobriu que não conseguia vender o seu enorme e desconfortável casarão georgiano, mas em compensação obteve um bom preço pela propriedade adquirida pelo capitão Roger.

A robusta casa foi ampliada e decorada. Construiu-se um pontão de concreto entre o litoral e a ilha. Imaginaram-se e talharam-se “veredas e recantos” ao redor de toda a ilha. Havia duas quadras de tênis e terraços onde se podia apanhar sol, e que conduziam a uma pequena baía, equipada com jangadas e pranchas de mergulho. O Hotel do Pirata, a Ilha dos Contrabandistas, a Baía de Leathercombe, passaram triunfantemente a ter uma existência. E de junho a setembro (com uma curta temporada durante a Páscoa), o Hotel do Pirata estava habitualmente cheio até ao sótão. Foi ampliado e renovado em 1934 com a

adição de um bar, uma sala de jantar mais ampla e mais banheiros. Os preços subiram.

As pessoas diziam: “Já estiveram na Baía de Leathercombe? Há lá um hotel incrivelmente agradável, numa espécie de ilha. Muito confortável e sem excursionistas ou ônibus de turistas. Boa cozinha e tudo isso. Deviam ir lá”.

E as pessoas iam mesmo.

Havia uma pessoa muito importante (pelo menos era como ele próprio se considerava) hospedada no Hotel do Pirata. Hercule Poirot, resplandecente no seu terno de linho branco, com o panamá descido sobre os olhos e o bigode magnificamente frisado, estava recostado numa espécie de espreguiçadeira sofisticada, e observava a praia. Havia uma série de terraços desde o hotel até à praia. Na praia propriamente dita havia gaivotas, colchões infláveis, botes de borracha e de lona, bolas e brinquedos de borracha. Havia uma comprida prancha de mergulho, e três jangadas a distâncias variadas da costa.

Quanto aos banhistas, uns estavam na água, outros estendidos ao sol, e alguns aplicavam cuidadosamente protetor solar.

No terraço imediatamente acima estavam sentados aqueles que não tomavam banho de mar, comentando o clima, a vista que se estendia à sua frente, as notícias dos jornais da manhã e qualquer outro assunto que lhes despertasse o interesse.

À esquerda de Poirot um interminável fluxo de palavras brotava num tom suave e monótono dos lábios de Mrs. Gardener, ao mesmo tempo que as suas agulhas matraqueavam enquanto ia tricotando vigorosamente. Afastado dela, o marido, Odell C. Gardener, encontrava-se recostado numa cadeira de lona, com o chapéu descaído sobre o nariz, e uma vez por outra proferia uma breve afirmação quando lhe solicitavam.

À direita de Poirot, Miss Brewster, uma robusta mulher de porte atlético com cabelo grisalho e um agradável rosto curtido pelo clima, proferia comentários ásperos. O resultado soava a algo como um cão-pastor cujo breve ladrar estentóreo interrompesse o incessante latir de um lulu-da-pomerânia.

Mrs. Gardener dizia:

- E por isso disse a Mr. Gardener: pois bem, disse eu, ver paisagens está tudo muito bem, e até gosto de percorrer um lugar minuciosamente. Mas, afinal, disse eu, já conhecemos a Inglaterra bastante bem e tudo o que pretendo agora é arranjar um sítio sossegado perto do mar e simplesmente descansar. Foi o que eu disse, não foi, Odell? Simplesmente descansar. Sinto que devo descansar, disse eu. Foi assim, não foi, Odell?

Mr. Gardener murmurou por detrás do chapéu:

- Sim, querida.

Mrs. Gardener insistiu no tema.

- E assim, quando mencionei isso a Mr. Kelso, da *Cook* (ele planejou todo o nosso itinerário e tem sido muito prestativo em tudo. Nem sei o que faríamos sem ele!) bem, como ia dizendo, quando lhe mencionei isso, Mr. Kelso disse que o melhor que podíamos fazer era vir para cá. Um local muito pitoresco - disse ele - bastante afastado de tudo e ao mesmo tempo muito confortável e muito exclusivo sob todos os aspectos. E, é claro, Mr. Gardener interveio nessa altura e disse: “E quanto às instalações sanitárias?” Porque, pode acreditar em mim, M. Poirot, uma irmã de Mr. Gardener ficou uma vez numa casa de hóspedes muito exclusiva, diziam eles, situada no coração dos pântanos, mas acredita se lhe disser que as instalações sanitárias não passavam de uma casinhola com um buraco no chão?! Naturalmente que isso fez com que Mr. Gardener ficasse desconfiado destes lugares afastados de tudo, não foi, Odell?

- Ora, sim, querida - respondeu Gardener.

- Mas Mr. Kelso sossegou-nos logo. O saneamento, disse ele, era absolutamente o último grito e a comida era excelente... E, de fato, é como ele disse. E o que mais me agrada é que é íntimo, se é que me entende. Tratando-se de um local pequeno, falamos todos uns com os outros e todos se conhecem. Se algum defeito se pode apontar nos ingleses é de tenderem a ser um pouco distantes, até já conhecerem as pessoas há um par de anos. A partir de então ninguém pode ser mais simpático. Mr. Kelso disse que vinham aqui pessoas interessantes, e vejo que ele tinha razão. Há o senhor, M. Poirot, e Miss Darriley. Oh! Fiquei excitadíssima quando descobri quem o senhor era, não fiquei, Odell?

- Ficou sim, querida.

- Ah! - disse Miss Brewster, intervindo explosivamente. - Muita emoção, hein, M. Poirot?

Hercule Poirot levantou as mãos, em autodepreciação. Mas não passava de um gesto polido. Mrs. Gardener continuou suavemente.

- Está vendo, M. Poirot, Cornelia Robson falou-me muito a seu respeito, Mr. Gardener e eu estivemos em Badenhof em maio. E é claro que Cornelia nos contou tudo a respeito daquele caso no Egito, quando Linnet Ridgeway foi assassinada. Ela disse que o senhor foi maravilhoso, e eu estava doida por conhecê-lo, não estava, Odell?

- Sim, querida.

- E depois aquela Miss Darriley, também. Faço muitas compras na *Rose Mond* e é claro que ela é a Rose Mond, não é? Acho que as roupas dela são sempre tão elegantes. Linhas maravilhosas. O vestido que usei na noite passada era um dos dela. É mesmo uma mulher encantadora sob todos os aspectos, acho eu.

O major Barry, que se encontrava do outro lado de Miss Brewster e que tinha estado sentado com olhos protuberantes colados aos banhistas, resmungou:

- Uma moça distinta!

Mrs. Gardener entrechocou as agulhas de tricô.

- Tenho mesmo que lhe confessar uma coisa, M. Poirot. Quase me assustei ao encontrá-lo aqui... não que eu não tivesse ficado mesmo entusiasmada por conhecê-lo, porque fiquei. Mr. Gardener sabe que sim. Mas é que me veio à idéia que o senhor talvez estivesse aqui, bem... profissionalmente. Está entendendo? Bem, é que eu sou mesmo terrivelmente sensível, como Mr. Gardener poderá confirmar, e não seria mesmo capaz de aguentar ver-me envolvida num crime de qualquer gênero. Está vendo...

Mr. Gardener clareou a garganta e disse: - Sabe, M. Poirot, Mrs. Gardener é muito sensível.

As mãos de Hercule Poirot dispararam para o ar.

- Mas permita-me que lhe assegure, Madame, que me encontro aqui

simplesmente pelo mesmo motivo que vocês, para descansar... para passar as férias. Nem sequer penso em crimes.

Miss Brewster falou de novo, soltando o seu curto latido roufenho:

- Não há corpos na Ilha dos Contrabandistas.

- Ah, mas isso não é estritamente verdade - disse Poirot apontando para baixo. - Olhem para eles, lá em baixo, deitados em fileiras. O que são? Não são homens e mulheres. Nada têm de pessoal. São apenas... corpos!

O major Barry disse em tom apreciativo:

- Umas eguazinhas bem parecidas, algumas delas. Um tanto para o magro talvez.

- Sim, mas onde está o atrativo? - exclamou Poirot. - Onde está o mistério? Eu cá sou velho, pertenço à velha escola. Quando era novo, mal se viam os tornozelos. O vislumbre de um saiote vaporoso, que fascínio! o suave contorno da barriga da perna... um joelho... uma liga com laçarotes...

- Seu malandreco - disse o major Barry, roufenho.

- É muito mais sensata a maneira como nos vestimos atualmente - comentou Miss Brewster.

- Ora essa, M. Poirot - disse Mrs. Gardener. - Sabe, acho que as moças e os rapazes de hoje vivem uma vida muito mais saudável e natural. Convivem à vontade e... bem, e... - Corou ligeiramente, pois possuía um espírito recatado - ... não acham nisso nada de extraordinário, se me entende.

- Claro que entendo! - disse Hercule Poirot. - É deplorável!

- Deplorável? - guinchou Mrs. Gardener.

- Acabam com todo o romance... com todo o mistério! Hoje em dia está tudo padronizado! - Agitou a mão na direção das figuras deitadas. Isto faz-me lembrar, e muito, a morgue em Paris.

- M. Poirot! - Mrs. Gardener estava escandalizada.

- Corpos... dispostos sobre lajes... como carne no talho!

- Mas, M. Poirot, essas palavras não serão um pouco excessivas? - Hercule Poirot admitiu:

- Sim, talvez.

- Seja como for - Mrs. Gardener tricotava com energia -, inclino-me a concordar com o senhor num ponto. Estas moças assim, ali deitadas ao sol, vão acabar por ter pêlos nas pernas e nos braços. Já disse isso à minha filha Irene, M. Poirot. “Irene”, disse-lhe eu, “se ficar assim deitada ao sol, vai ficar cheia de pêlos, pêlos nos braços e pêlos nas pernas e pêlos no peito, e o que é que vai parecer então?”. Foi o que eu lhe disse. Não foi, Odell?

- Sim, querida - disse Mr. Gardener.

Ficaram todos em silêncio, talvez imaginando Irene depois de lhe ter sucedido o pior.

Mrs. Gardener embrulhou o tricô e disse:

- Será que...

- Sim, querida? - disse Mr. Gardener, levantando-se com esforço da cadeira de lona e pegando no tricô e no livro de Mrs. Gardener. E perguntou:

- Que tal juntar-se a nós para uma bebida, Miss Brewster?

- Agora não, obrigada.

Os Gardeners encaminharam-se para o hotel.

- Os maridos americanos são maravilhosos! - disse Miss Brewster.

O lugar de Mrs. Gardener foi ocupado pelo reverendo Stephen Lane. Mr. Lane era um clérigo alto e vigoroso com cinquenta e tantos anos. Tinha o rosto bronzeado, e as calças de flanela cinzenta-escura apresentavam-se num estado vergonhoso, sujas e velhas.

- Que região maravilhosa! - disse com entusiasmo. - Fui da Baía de Leathercombe até Harford e voltei pelos penhascos.

- Hoje está um bocado quente para passeios a pé - disse o major Barry, que nunca fazia passeios a pé.

- É um bom exercício - disse Miss Brewster. - Hoje ainda não fui remar. Não há nada como remar para os músculos do estômago.

Os olhos de Hercule Poirot caíram com algum pesar numa certa protuberância em volta da cintura.

Notando o olhar de Poirot, Miss Brewster disse com simpatia:

- Depressa se veria livre disso, M. Poirot, se todos os dias pegasse num

barco a remos.

- *Mais, Mademoiselle*. Detesto barcos!

- Refere-se a barcos pequenos?

- Barcos de todos os tamanhos! - Fechou os olhos e estremeceu. O movimento do mar não é agradável.

- Abençoado seja! Hoje o mar está calmo como uma lagoa.

Poirot respondeu convictamente:

- Isso de um mar realmente calmo é coisa que não existe. Há sempre movimento, sempre.

- Se quer a minha opinião - disse o major Barry -, o enjôo é nove décimos de nervos.

- Pronto, falou o grande marinheiro... hein, major? - disse o clérigo, sorrindo um pouco.

- Só fiquei enjoado uma única vez... e foi durante uma travessia do Canal! o meu lema é não pensar nisso.

- O enjôo no mar é realmente uma coisa muito estranha - devaneou Miss Brewster. - Por que será que algumas pessoas são afeitas a isso e outras não? Parece tão injusto. E não tem nada a ver com a saúde geral de cada um. Pessoas bem doentes são bons marinheiros. Alguém me disse uma vez que isso tinha qualquer coisa a ver com a nossa espinha. Depois há também o caso das pessoas que não suportam alturas. Eu própria não suporto lá muito bem, mas Mrs. Redfern é bastante pior. No outro dia, na vereda dos penhascos em direção a Harford, ficou com bastante vertigem e simplesmente agarrou-se a mim. Disse-me que uma vez parara no meio da descida da escadaria exterior da Catedral de Milão. Subira sem pensar, mas descer foi demais para ela.

- Então é melhor ela não descer a escada que vai dar na Enseada do Duende - observou Lane.

Miss Brewster fez uma careta.

- Eu própria me intimidei. Está bem para os jovens. Os rapazes dos Cowans e os jovens Mastermans, por exemplo. Esses sobem e descem e divertem-se.

- Aí vem Mrs. Redfern, regressando do banho - disse Lane.

- M. Poirot certamente que a aprovaria - observou Miss Brewster. Ela não gosta nada de banhos de sol.

A jovem Mrs. Redfern tirara a touca de borracha e sacudia o cabelo. Tinha cabelos louros de um tom cinza e a pele era daquela tonalidade mortiça comum àquela cor de cabelo. As pernas e os braços eram muito brancos.

- Parece um bocado branquela entre as outras, não parece? - disse o major Barry, com uma risada rouca.

Embrulhando-se num comprido roupão de banho, Christine Redfern atravessou a praia e subiu os degraus na direção deles.

Tinha um rosto belo e algo sério, bonito mas estranho, e mãos e pés pequenos e delicados.

Sorriu-lhes, e deixou-se cair ao lado deles, aconchegando o roupão à sua volta.

- Conquistou a admiração de M. Poirot - disse Miss Brewster - Ele não gosta da multidão que se bronzeia. Diz que são como pedaços de carne no talho - ou o mesmo, por outras palavras.

Christine Redfern sorriu com uma expressão pesarosa e disse:

- Quem me dera poder tomar banhos de sol! Mas não consigo ficar bronzeada. Fico é cheia de bolhas e com os braços cobertos de sardas de aspecto horrível.

- Sempre é melhor do que ficar com eles cheios de pêlos como a Irene de Mrs. Gardener - disse Miss Brewster. E em resposta ao olhar curioso de Christine prosseguiu: - Mrs. Gardener tem estado em grande forma esta manhã. Absolutamente irrefreável. “Não é assim, Odell?” “Sim, querida.” - Fez uma pausa e depois disse: - Quem me dera, no entanto, que o senhor tivesse brincado um bocado com ela, M. Poirot. Por que não o fez? Por que é que não lhe disse que estava aqui investigando um homicídio particularmente arrepiante, e que o assassino, um maníaco homicida, se encontrava certamente entre os hóspedes do hotel?

Hercule Poirot suspirou e disse:

- Receio bem que ela teria acreditado em mim.

O major Barry soltou uma risada ofegante.

- Pode crer que sim - disse.

- Não, acho que nem a própria Mrs. Gardener teria acreditado num crime acontecido aqui - disse Emily Brewster. - Este não é o gênero de local onde se encontraria um corpo.

Hercule Poirot agitou-se um pouco na cadeira.

- Mas por que não, Mademoiselle? - protestou. - Por que não haveria aqui o que a senhorita chama de um “corpo”, aqui na Ilha dos Contrabandistas?

- Não sei - disse Emily Brewster. - Acho que alguns lugares são mais improváveis do que outros. Este não é o gênero de sítio... - interrompeu-se, tendo dificuldade em explicar o que pretendia dizer.

- É romântico, sim - concordou Poirot. - É pacífico. O Sol brilha. O mar é azul. Mas está se esquecendo, Miss Brewster, de que o mal está debaixo do Sol.

O clérigo agitou-se na cadeira. Inclinou-se para a frente. Os seus olhos intensamente azuis iluminaram-se.

Miss Brewster encolheu os ombros.

- Oh! Claro que compreendo isso, mas mesmo assim...

- Mas mesmo assim isto continua a parecer-lhe um cenário improvável para um crime? Está se esquecendo de um pormenor, mademoiselle.

- A natureza humana, será?

- Isso, sim. Isso sempre. Mas não era isso que eu ia dizer. Ia chamar a sua atenção para o fato de que aqui toda a gente está de férias.

Emily Brewster mostrou-lhe um rosto intrigado.

- Não estou entendendo.

Hercule Poirot sorriu-lhe com simpatia. Fez pequenos gestos no ar com um enfático dedo indicador.

- Digamos que tem um inimigo. Se o procurar em casa dele, no escritório, na rua... *eh bien*, tem de ter uma razão... tem de justificar isso. Mas aqui, à beira-mar, ninguém precisa justificar a sua presença. Está na Baía de Leathercombe, porquê? *Parbleu*, estamos em agosto... vai-se para a beira-mar em

agosto... as pessoas estão de férias.

- É perfeitamente natural que a senhora esteja aqui e que Mr. Lane esteja aqui e que o major Barry esteja aqui e que Mrs. Redfern e o marido estejam aqui. Porque na Inglaterra é costume ir-se para a beira-mar em agosto, compreende?

- Bem - admitiu Miss Brewster -, essa é certamente uma idéia bastante engenhosa. Mas, e quanto aos Gardeners? Esses são americanos...

Poirot sorriu.

- Até Mrs. Gardener, conforme ela própria nos disse, sente necessidade de descansar. Além disso, já que ela anda “fazendo a Inglaterra”, tem que passar uma quinzena à beira-mar, como um turista que se preze, se não for por outro motivo. Ela gosta de observar as pessoas.

- Creio que o senhor também gosta de observar as pessoas, não é verdade? - murmurou Mrs. Redfern.

- Madame, tenho de confessar. Sim, gosto mesmo.

- O senhor vê... muita coisa. - Disse ela, de modo pensativo.

Seguiu-se uma pausa. Stephen Lane clareou a garganta e disse, com um toque de timidez: - Interessei-me, M. Poirot, por uma coisa que acabou de dizer. O senhor disse que o mal estava debaixo do Sol. Era quase uma citação do Eclesiastes. - Fez uma pausa, e depois citou: - Na verdade, também o coração dos filhos dos homens está cheio do mal e a loucura reside-lhes no coração enquanto vivem.

O rosto iluminou-se com uma luz quase fanática.

- Fiquei contente por ouvi-lo dizer isso. Hoje em dia, ninguém acredita no mal. É considerado, no máximo, uma mera negação do bem. O mal, dizem as pessoas, é praticado por aqueles que não têm consciência disso, que não se desenvolveram, que devem ser lamentados mais do que censurados. Mas, M. Poirot, o mal é real! É um fato! Acredito no Mal tal como acredito no Bem. Existe! É poderoso! Vagueia pela Terra!

Calou-se. A respiração estava ofegante. Limpou a testa com o lenço e subitamente pareceu apologetico. - Peço desculpa. Entusiasmei-me.

- Compreendo o que quer dizer - disse Poirot calmamente. - Até certo

ponto concordo consigo. O Mal vagueia mesmo pela Terra e pode ser reconhecido como tal.

O major Barry aclarou a garganta.

- Já que se fala desse gênero de coisas, alguns daqueles faquires na Índia...

O major Barry já estava hospedado no Hotel do Pirata há tempo suficiente para que todos estivessem precavidos contra a sua tendência fatal para se lançar em longas histórias sobre a Índia. Tanto Miss Brewster como Mrs. Redfern irromperam simultaneamente.

- É o seu marido que vem nadando para a praia, não é, Mrs. Redfern? Tem uma braçada magnífica. É um excelente nadador.

Ao mesmo tempo, Mrs. Redfern dizia:

- Oh, olhem! Que barco tão bonito ali adiante, com as velas vermelhas. É o de Mr. Blattendo?

O veleiro de velas vermelhas acabava de cruzar o extremo da baía.

- Que idéia estranha esta de usar velas vermelhas... - resmungou o major Barry.

Mas a ameaça da história do faquir foi evitada.

Hercule Poirot olhou com admiração para o jovem que acabava de nadar para a praia. Patrick Redfern era um belo espécimen humano. Esbelto, bronzeado, com ombros largos e quadris estreitos, havia nele uma espécie de alegria e jovialidade contagiantes: uma simplicidade inata que o tornava querido de todas as mulheres e da maioria dos homens.

Ficou ali sacudindo a água, levantando a mão numa jovial saudação à mulher.

Ela acenou-lhe também, chamando-o:

- Venha pra cá, Pat!

- Já vou.

Patrick afastou-se um pouco ao longo da praia para ir buscar a toalha que ali deixara.

Foi então que uma mulher passou por eles vinda do hotel,

encaminhando-se para a praia.

A sua chegada tinha toda a importância de uma entrada num palco. Além do mais, ela caminhava como se soubesse disso. Não se notava nela qualquer embaraço. Parecia já estar bastante acostumada ao efeito invariável que a sua presença produzia.

Era alta e esbelta. Vestia um maiô simples, branco e sem costas, e cada centímetro exposto do seu corpo estava bronzeado num belo e uniforme tom castanho. Era perfeita como uma estátua. O cabelo tinha um magnífico e flamejante tom arruivado, caindo-lhe ondulado, abundante e intimamente sobre o pescoço. O rosto exibia aquela ligeira dureza que se vê quando os trinta anos já ficaram para trás, mas o efeito geral que transmitia era de juventude: de uma soberba e triunfante vitalidade. Havia no seu rosto uma imobilidade chinesa, e os olhos azuis-escuros eram ligeiramente oblíquos. Usava um fantástico chapéu chinês de cartão verde-jade.

Havia algo nela que fazia com que todas as outras mulheres na praia parecessem apagadas e insignificantes. E foi com igual inevitabilidade que o olhar de todos os homens presentes foi atraído e se fixou nela.

Os olhos de Hercule Poirot abriram-se, o bigode estremeceu apreciativamente, o major Barry endireitou-se na cadeira e os seus olhos protuberantes esbugalharam-se ainda mais com a excitação; à esquerda de Poirot, o reverendo Stephen Lane inspirou com um ligeiro silvo e a sua figura retesou-se.

- Arlena Stuart - disse o major Barry num sussurro roufenho -, era como se chamava antes de se casar com o Marshall. Vi-a em *Come and Go* antes de abandonar os palcos. É digna de ser vista!

Christine Redfern disse lentamente, e a sua voz era fria: - É atraente... sim. Creio que... se parece mais com uma fera!

- Ainda agora falava no mal, M. Poirot - disse Emily Brewster, abruptamente. - Na minha opinião, aquela mulher é a personificação do mal! É uma ovelha negra da cabeça aos pés. Por acaso sei muita coisa a respeito dela.

- Lembro-me de uma fulana lá em Simla - disse o major Barry,

recordando o passado. - Também essa tinha cabelo avermelhado. Mulher de um oficial subalterno. Não é que pôs o quartel todo em polvorosa? Pois a verdade é que pôs! Os homens estavam loucos por ela! E todas as mulheres, claro, teriam gostado de lhe arrancar os olhos! Causou distúrbios em mais de um lar.

Soltou uma risada ao recordar-se.

- O marido era um sujeito simpático e calmo. Idolatrava o chão que ela pisava. Nunca via nada, ou fingia que não via.

Stephen Lane disse, numa voz baixa e repleta de emoção: - Essas mulheres são uma ameaça... uma ameaça para...

Calou-se. Arlena Stuart aproximara-se da água. Dois jovens, pouco mais do que adolescentes, tinham-se levantado de um salto, aproximando-se ansiosamente dela. Ela permaneceu ali a sorrir-lhes.

Os seus olhos desviaram-se deles para Patrick Redfern, que vinha caminhando ao longo da praia.

Era, pensou Hercule Poirot, como observar a agulha de uma bússola. Patrick Redfern fora deflectido, os seus pés mudaram de direção. Faça a agulha o que fizer, tem que obedecer à lei do magnetismo e apontar para o Norte. Os pés de Patrick Redfern levaram-no até Arlena Stuart.

Ela ficou parada a sorrir-lhe. Depois caminhou lentamente ao longo da praia. Patrick Redfern foi com ela. Arlena estendeu-se junto de um rochedo. Redfern deixou-se cair sobre os seios ao lado dela.

Christine Redfern levantou-se abruptamente e dirigiu-se para o hotel.

Fez-se um breve e incômodo silêncio depois de Christine partir. Emily Brewster disse então:

- É uma pena. Ela é tão simpática... Só estão casados há um ano ou dois.

- A fulana de que eu estava falando - disse o major Barry -, aquela de Simla, perturbou um par de casamentos bem felizes. É uma pena, não acham?

- Existe um tipo de mulher - disse Miss Brewster - que gosta de destruir lares. - Passados uns momentos, acrescentou:

- Patrick Redfern é um idiota!

Hercule Poirot não disse nada. Estava de olhar fixo na praia mas não

olhava para Patrick Redfern e Arlena Stuart.

- Bem, é melhor eu ir e reservar o meu barco - disse Miss Brewster. E deixou-os.

O major Barry virou com alguma curiosidade aqueles seus olhos congestionados e salientes como groselhas para Poirot.

- Bem, Poirot - disse. - Em que é que tem estado pensando? Ainda não abriu a boca. O que pensa da sereia? Grande brasa, hein?

- É... - disse Poirot.

- Ora, sua velha raposa. Conheço bem os franceses. Como você!

- Eu não sou francês! - ripostou Poirot, com frieza.

- Bem, não me diga que não sabe apreciar uma jovem bonita! Que pensa dela, hein?

- Já não é nenhuma jovem - disse Poirot.

- Que interessa isso? Uma mulher tem a idade que aparenta! E a daquela parece-me bastante bem.

Hercule Poirot anuiu em concordância e disse:

- Sim, é bela. Mas no final não é a beleza que conta. Não é a beleza que faz com que todas as cabeças, excepto uma, se voltem na praia para a olharem.

- É AQUELA COISA, rapaz - disse o major. - É o que isso é: AQUELA COISA. Depois com súbita curiosidade, disse:

- Para onde está olhando com tanta atenção?

- Estou olhando para a exceção - respondeu Hercule Poirot. - Para o único homem que não levantou o olhar quando ela passou.

O major seguiu o olhar dele até se fixar num homem de cerca de quarenta anos, de cabelos claros e bronzeado. Tinha um rosto calmo e agradável e estava sentado na praia fumando cachimbo e lendo o *Times*.

- Oh, esse! - exclamou o major. - Esse é o marido, meu caro. É o Marshall.

- Sim, eu sei - disse Poirot.

O major Barry soltou uma risada. Ele próprio era um solteirão. Estava habituado a considerar o marido sob três facetas apenas: como “o obstáculo”, “a

inconveniência” ou “a salvaguarda”.

- Parece um sujeito simpático - disse ele. - Sossegado. O meu *Times* já terá chegado?

Levantou-se e dirigiu-se para o hotel.

O olhar de Poirot desviou-se lentamente para o rosto de Stephen Lane. Este continuava a observar Arlena Marshall e Patrick Redfern. Virou-se subitamente para Poirot. Havia uma austeridade fanática nos seus olhos.

- Aquela mulher é o mal personificado - disse. - Tem alguma dúvida?

- É difícil ter-se a certeza - respondeu Poirot, pausadamente.

- Seja franco! - exclamou Stephen Lane. - Não o sente no ar? A toda a nossa volta? A presença do Mal.

Lentamente, Hercule Poirot confirmou com um aceno.

CAPÍTULO DOIS

Quando Rosamund Darriley chegou e se sentou ao seu lado, Hercule poirot não fez qualquer esforço para disfarçar o prazer que sentia.

Como veio a admitir, admirava Rosamund Darriley mais do que qualquer outra mulher. Gostava do seu ar distinto, das linhas graciosas da sua figura, do porte altivo da cabeça. Gostava do seu cabelo escuro e brilhante, ondulado e bem tratado, e do toque de ironia no seu sorriso.

Ela trajava um vestido de fazenda azul-marinho com enfeites brancos. Ia muito simples, graças à acentuada severidade do corte. Rosamund, sob a designação comercial de *Rose Mond Ltd. Vartiley*, era uma das mais conhecidas modistas de Londres.

- Acho que não gosto deste lugar - declarou ela. - Pergunto a mim própria que motivo me terá levado a vir para cá!

- Mas já estive aqui antes, não estive?

- Sim, há dois anos, pela Páscoa. Nessa altura não havia tanta gente.

Hercule Poirot olhou para ela.

- Aconteceu alguma coisa que a preocupou - disse delicadamente. -

Tenho razão, não tenho?

Ela aquiesceu. O seu pé balouçava para a frente e para trás. Fixou o olhar no pé e disse: - Encontrei um fantasma, foi isso o que me sucedeu.

- Um fantasma, Mademoiselle?

- Isso mesmo.

- O fantasma de quê? Ou de quem?

- Oh, o fantasma de mim própria.

- Seria um fantasma doloroso? - perguntou Poirot com delicadeza.

- Inesperadamente doloroso. Fez-me regressar ao passado, sabe... Calou-se por um instante, pensativa. Depois disse: - Tente imaginar a minha infância. Não, não pode! o senhor não é inglês!

Poirot perguntou: - Foi uma infância muito inglesa?

- Oh, incrivelmente! o campo... uma casa enorme, miserável... cavalos, cães... caminhadas à chuva... lareiras... maçãs no pomar... falta de dinheiro. tweeds velhos... vestidos de noite que passavam de uns anos para os outros... um jardim votado ao abandono, com margaridas de S. Miguel que floresciam como grandes estandartes no Outono...

- E tem vontade de regressar a isso? - perguntou Poirot delicadamente.

Rosamund Darriley abanou a cabeça.

- Nunca podemos regressar ao passado, pois não? - disse. - Nunca. Mas eu gostaria de ter feito o meu caminho... de modo diferente.

Poirot disse: - Olhe que não sei...

Rosamund Darriley riu-se. - Também eu não, palavra.

Poirot prosseguiu: - Quando era novo (e acredite, Mademoiselle, que isso já foi há muito tempo) havia um jogo chamado "Se não fosse quem é, quem gostarias de ser?". Escrevia-se a resposta naqueles álbuns que as jovens tinham, com rebordos dourados e uma encadernação em cabedal azul. A resposta, Mademoiselle, não é realmente muito fácil de encontrar.

- Não, penso que não - disse Rosamund. - Seria um grande risco. Ninguém havia de gostar de ser Mussolini ou a princesa Elisabeth. Quanto aos amigos, já sabemos demais a respeito deles. Lembro-me de uma vez ter

conhecido um casal encantador; eram tão corteses um com o outro e pareciam tão felizes após vários anos de casamento, que senti inveja da mulher. De boa vontade teria trocado o meu lugar pelo dela, até que alguém me contou que há onze anos não falavam um com o outro quando estavam sozinhos!

Riu-se.

- Isto mostra que nunca se sabe nada, não é?

Passados alguns instantes, Poirot disse:

- Muita gente deve invejá-la, Mademoiselle.

- Sim, com certeza - disse Rosamund Darriley com frieza.

Ficou pensativa, com os lábios recurvados naquele seu sorriso irônico.

- Sim, de fato sou o exemplo perfeito de uma mulher bem sucedida!

Desfruto da satisfação artística da criadora de sucesso (gosto realmente de desenhar roupas), e da satisfação financeira da mulher de negócios de sucesso, tenho uma boa situação econômica, tenho uma boa figura, um rosto aceitável, e uma língua não muito mordaz.

Fez uma pausa. O sorriso acentuou-se:

- Claro... que não tenho marido! Nesse pormenor fracasei, não é verdade, M. Poirot?

Galantemente, Hercule Poirot respondeu:

- Mademoiselle, se não está casada é porque ninguém do meu sexo foi suficientemente eloquente. É por escolha, e não por necessidade, que continua solteira.

- E todavia - disse Rosamund Darriley -, estou certa de que no fundo o senhor crê, como todos os homens, que nenhuma mulher é feliz se não casar e tiver filhos.

Poirot encolheu os ombros.

- Casar e ter filhos é o destino da maioria das mulheres. Apenas uma mulher em cem - mais, em mil - consegue conquistar um nome e uma posição como a senhora fez.

Rosamund sorriu-lhe maliciosamente.

- E todavia, não passo mesmo é de uma solteirona infeliz! É como me

sinto hoje, pelo menos. Seria mais feliz com meia dúzia de tostões por ano e um marido taciturno e bruto e um bando de fedelhos correndo atrás de mim. Esta é a verdade. Não concorda comigo?

Poirot encolheu os ombros.

- Se assim o diz, mademoiselle.

Rosamund riu-se, recuperando subitamente o equilíbrio. Tirou um cigarro e acendeu-o. Depois disse:

- Não há dúvida de que sabe realmente lidar com as mulheres, M. Poirot. Estou agora tentada a considerar o ponto de vista contrário e argumentar com o senhor a favor de uma carreira profissional para as mulheres. Certamente que estou muito bem como estou, e reconheço isso!

- Nesse caso, tudo o que existe no jardim - ou, talvez mais apropriadamente, na praia - é maravilhoso, Mademoiselle.

- Tem toda a razão.

Poirot recorreu também à sua cigarreira e acendeu um daqueles diminutos cigarros que tanto apreciava.

Observando a espiral de fumo ascendente com um olhar inquiridor, murmurou:

- Portanto, o Mr... Ou melhor, o capitão... Marshall é um velho amigo seu, Mademoiselle?

Rosamund levantou-se.

- Como sabe isso? - perguntou. - Oh, suponho que foi o Ken quem lhe disse.

Poirot abanou a cabeça.

- Ninguém me disse nada. Afinal, Mademoiselle, sou detetive. Era a conclusão óbvia a retirar.

- Não estou vendo como... - disse Rosamund Darriley.

- Pense um pouco! - As mãos do homenzinho eram eloquentes. Encontrase aqui há uma semana. É uma pessoa viva, alegre, sem problemas. Hoje, repentinamente, começa a falar de fantasmas, de tempos passados. O que terá acontecido? Há alguns dias que não se registravam novas chegadas, até que,

ontem à noite, chegam o capitão Marshall, a mulher e a filha. Hoje noto uma modificação. É óbvio!

- Bem, tem uma certa razão - disse Rosamund Darriley. - Kenneth Marshall e eu passamos a infância praticamente juntos. Os Marshalls viviam na casa ao lado da nossa. O Ken foi sempre amável comigo, ainda que um pouco condescendente, claro, visto ser quatro anos mais velho do que eu. Há muito que não o via. Devem ter passado... uns quinze anos, pelo menos.

- É muito tempo - disse Poirot, pensativo. Rosamund concordou com um aceno.

Houve uma pausa, e então Hercule Poirot perguntou:

- Ele é uma pessoa simpática, não é?

- O Ken é um amor - disse Rosamund com ternura. - É ótimo. Extraordinariamente sossegado e calmo. Diria que o seu “único defeito é um certo *penchant* para casamentos infelizes.

- Ah! - exclamou Poirot, num tom de grande compreensão. Rosamund Darriley prosseguiu.

- Kenneth é um tolo, um perfeito imbecil no que diz respeito a mulheres. Recorda-se do caso Martingdale?

Poirot franziu o sobrolho.

- Martingdale? Martingdale? Arsênico, não foi?

- Isso mesmo. Há dezessete ou dezoito anos. A mulher foi julgada pelo homicídio do marido.

- E ficou provado que ele era um consumidor habitual de arsênico, e ela foi inocentada?

- Precisamente. Bem, depois de ter sido absolvida, o Ken casou-se com ela. Este é um exemplo das tolices que ele faz.

- Mas, se ela era inocente... - murmurou Hercule Poirot. Rosamund Darriley ripostou com impaciência:

- Oh, até eu me atrevo a dizer que estava inocente. Ninguém sabe ao certo, mas com tantas mulheres neste mundo para casar, ele não precisava escolher uma que tinha sido julgada por homicídio.

Poirot não disse nada. Talvez soubesse que, se ficasse calado, Rosamund continuaria a falar. E assim foi.

- Ele era muito novo, claro, só tinha vinte e um anos. Estava louco por ela. Ela morreu quando a Linda nasceu, um ano após o casamento. Creio que ficou destruído com a morte dela. Depois andou na esbórnia durante algum tempo, talvez tentando esquecer, penso eu. - Fez uma pausa. - E depois surgiu esta história da Arlena Stuart. Na ocasião, ela trabalhava no teatro. Tinha havido aquele caso do divórcio dos Codringtons. Lady Codrington divorciou-se do marido e intimou Arlena Stuart a comparecer no tribunal - Dizem que Lorde Codrington estava absolutamente perdido por ela. Pensava-se que casariam assim que o divórcio fosse decretado. Na verdade, quando chegou a ocasião, ele acabou por não casar com ela. Abandonou-a. Parece-me que ela até chegou a pôr-lhe um processo por quebra de contrato. De qualquer modo, o caso fez um grande barulho, na época. Logo a seguir o Ken vai e casa-se com ela. O louco... completamente louco.

- Uma loucura dessas talvez se perdoe a um homem... ela é linda, Mademoiselle - murmurou Hercule Poirot.

- Sim, quanto a isso não há dúvidas. Depois, há cerca de três anos, surgiu outro escândalo. O velho Sir Roger Erskine deixou para Arlena toda a sua fortuna. Pensei que aquilo tivesse servido para abrir os olhos do Ken, se é que alguma coisa o faria.

- E não serviu?

Rosamond Darriley encolheu os ombros.

- Como lhe disse, não o via há muitos anos. Dizem, contudo, que ele enfrentou o caso com perfeita serenidade. Porquê? Gostaria de saber. Terá uma confiança absolutamente cega nela?

- Talvez existam outras razões.

- Sim. O orgulho! Manter a cabeça erguida! Não sei o que ele sente realmente por ela. Ninguém sabe.

- E ela? O que sente realmente por ele? Rosamund olhou fixamente para Poirot.

- Ela? - disse. - Ela é a maior interesseira do mundo! E ainda por cima, uma devoradora de homens! Se alguém com calças e bom aspecto chega a menos de cem metros dela, é carne fresca para Arlena. Ela é desse gênero!

Poirot acenou lentamente, manifestando o seu completo acordo.

- Com efeito - comentou. - Há muita verdade no que me disse... Os olhos dela só procuram uma coisa: homens.

Rosamund prosseguiu: - Neste momento só tem olhos para Patrick Redfern. É um homem com bom aspecto, bastante simples, amigo da mulher, e não tem ar de mulherengo. É precisamente o prato favorito de Arlena. Eu gosto de Mrs. Redfern. É bonita, ainda que um pouco apagada, mas suspeito que não terá qualquer chance contra aquela tigresa devoradora de homens.

- Pois não, tem toda a razão - disse Poirot.

Parecia desolado.

- Christine Redfern era professora, parece-me - continuou Rosamund - É das que pensam que a mente exerce controle sobre a matéria. Vai sofrer uma grande desilusão.

Poirot abanou a cabeça, inquieto. Rosamund levantou-se, dizendo:

- É uma vergonha, sabe. - E acrescentou, vagamente: - Alguém devia fazer qualquer coisa a respeito disto.

Linda Marshall examinava desapaixonadamente o seu rosto no espelho do quarto. Não gostava nada da sua cara. Naquele momento parecia-lhe ser apenas ossos e sardas. Observava com desagrado as abundantes madeixas de cabelo castanho - “parece pêlo de rato”, pensou - os olhos cinzentos-esverdeados, as maçãs do rosto pronunciadas e a longa linha do queixo agressivo. A boca e os dentes talvez não fossem maus de todo, mas que interessava isso? E seria uma mancha aquilo que estava aparecendo no seu nariz?

Constatou com alívio que não era uma mancha, “É horrível ter dezesseis anos... simplesmente horrível”, pensou.

Não sabia bem quem era. Linda era desajeitada como um potro jovem e irritadiça como um ouriço. Estava permanentemente consciente da sua

deselegância e do fato de não ser nem uma coisa nem outra. Na escola não tinha se sentido tão mal, mas agora já não estava na escola. Ninguém parecia saber exatamente o que ela iria fazer a seguir. O pai falava vagamente em enviá-la para Paris no inverno seguinte. Linda não queria ir para Paris... mas também não queria ficar em casa. Na realidade, nunca tinha apercebido, como naquele momento, o quanto detestava Arlena.

O rosto jovem de Linda tornou-se tenso, e os olhos verdes endureceram. Arlena... Arlena é uma besta... uma besta... Madrastas! Era detestável ter madrasta, toda a gente dizia. E era verdade!

Não que Arlena a tratasse mal. A maior parte do tempo nem dava pela existência da jovem. Mas quando reparava nela havia um ar de ironia e desprezo no seu olhar, nas suas palavras. A graciosidade dos movimentos e o porte de Arlena realçavam a falta de graça de Linda. Sempre que Arlena estava perto ela sentia, com embaraço, como era imatura e imperfeita.

Mas não era apenas isso. Não, não era apenas isso.

Linda sondou, hesitante, o mais recôndito do seu espírito. Não tinha jeito para analisar e classificar as suas emoções. Era alguma coisa que Arlena fazia às pessoas, à casa...

“Ela é má”, pensou Linda resoluta. “É muito má.”

Mas isso não bastava. Não se podia simplesmente empinar o nariz com jeito de superioridade moral e passar a ignorá-la.

Era alguma coisa que ela fazia às pessoas. O pai, por exemplo. O pai estava bastante diferente...

Sentia-se intrigada. O pai indo buscá-la na escola. O pai levando-a uma vez num cruzeiro. E o pai em casa... na companhia de Arlena. Todo... todo retraído como... se não estivesse ali...

“E há de continuar assim”, pensou Linda. “Dia após dia, mês após mês. Não vou aguentar.”

A vida estendia-se à sua frente, interminável, numa série de dias obscurecidos e envenenados pela presença de Arlena. Linda ainda era suficientemente infantil para ter pouco sentido das proporções. Para ela, um ano

parecia uma eternidade.

Uma onda enorme e escaldante de ódio contra Arlena encapelou-se no seu espírito. “Gostaria de matá-la!”, pensou. “Oh, quem me dera que morresse...”

Olhou além do espelho, para o mar que se via lá em baixo.

Este lugar era realmente divertido. Ou poderia ser. Todas aquelas praias e enseadas e atalhos singulares. Tanta coisa a explorar. E sítios para onde se poderia ir sozinho e vadiar. Havia cavernas, também, segundo lhe tinham dito os rapazes Cowan.

“Se ao menos Arlena fosse embora, eu podia divertir-me aqui”, pensou Linda.

Recordou a tarde da sua chegada. Vir do continente tinha sido emocionante. A maré alta galgara o pontão e por isso tinham vindo de barco. O hotel parecera-lhe excitante, invulgar. E depois, no terraço, surgira uma mulher, alta e morena, que dissera: “Olá, Kenneth!”.

E o pai, parecendo terrivelmente surpreendido, exclamara: “Rosamund!”. Linda analisou Rosamund Carriley com a severidade e a crítica próprias dos jovens.

Decidiu que aprovava Rosamund. Rosamund, pensou, era sensível. O cabelo dela crescia de um modo agradável, ficando-lhe bem, o que não acontecia com a maioria das pessoas. A roupa que usava era bonita. E tinha uma espécie de cara engraçada e divertida... como se estivesse divertida consigo própria, não com os outros. Rosamund tinha sido simpática com ela. Não tinha sido efusiva, nem dito coisas (Linda agrupava na expressão “dito coisas” uma miscelânea de aversões). E Rosamund não a olhara como se a tivesse achado uma tolinha. Na realidade, tratara-a como se a considerasse um ser humano. Linda sentia-se tão raramente um ser humano que ficava muito grata quando alguém parecia considerá-la como tal.

O pai também parecera contente por ver Miss Darriley.

Era curioso, de repente ficara diferente. Parecera... parecera... Era isso mesmo! - encontrou a palavra - mais jovem. Tinha rido, um riso estranho de garoto. Agora que pensava nisso, Linda constatava que raramente o via rir.

Sentia-se intrigada. Era como se tivesse visto de relance uma pessoa diferente. “Como seria o pai quando tinha a minha idade?”, pensou. Mas era muito difícil. Desistiu.

Passou-lhe uma idéia pela cabeça.

Que divertido teria sido se tivessem vindo aqui e encontrassem Miss Darriley... só ela e o pai.

Uma visão luminosa: o pai, juvenil e risonho, Miss Darriley, e ela própria: como poderiam divertir-se na ilha, tomando banhos, explorando as cavernas...

Mas depressa regressou à realidade.

Arlena. Ninguém poderia divertir-se quando Arlena estava por perto. Por que não? Bem, ela, Linda, não podia. Não poderia sentir-se feliz quando estava presente uma pessoa que ela... odiava. Sim, odiava. Ela odiava Arlena.

Muito lentamente, aquela enorme e escaldante onda de ódio voltou a surgir.

O rosto de Linda empalideceu. Os seus lábios abriram-se ligeiramente. As pupilas dos olhos contraíram-se. E os seus dedos endureceram e crisparam-se...

Kenneth Marshall bateu à porta do aposento da mulher. Quando ela respondeu, abriu a porta e entrou.

Arlena estava dando os últimos retoques na sua toilette. Usava um vestido verde resplandecente e parecia-se um pouco com uma sereia. Estava imóvel diante do espelho aplicando rímel nas pestanas.

- Ah, é você Ken - disse.

- Vim saber se já está pronta.

- Só mais um minuto.

Kenneth Marshall aproximou-se da janela. Olhou lá para fora, para o mar.

O seu rosto, como de costume, não exibia qualquer emoção. Era apenas agradável e normal.

Dando meia-volta, disse: - Arlena?

- Sim?

- Já conhecia Redfern, suponho?

Arlena replicou com naturalidade: - Oh, sim, querido. Conheci-o numa festa qualquer. Achei que era muito simpático.

- Estou vendo. Sabia que ele e a mulher vinham passar férias aqui?

Arlena abriu muito os olhos.

- Não fazia idéia, querido. Foi uma enorme surpresa!

- Pensei que tivesse sido isso que lhe deu a idéia deste local - disse Kenneth Marshall, calmamente. - Estava muito empenhada em que viéssemos para cá.

Arlena pousou a escova do rímel. Virou-se para ele, exibindo um sorriso suave e sedutor. Depois disse:

- Houve alguém que me falou deste lugar. Parece-me que foram os Rylands. Disseram que era simplesmente maravilhoso, inexplorado. Porquê, você não gosta?

- Ainda não sei bem - replicou Kenneth Marshall.

- Oh querido, mas você gosta tanto de banhos de mar e de ficar deitado ao sol. Estou certa de que vai adorar.

- Estou vendo que tenciona divertir-se.

Ela observou-o, hesitante, com os olhos muito abertos.

Kenneth Marshall prosseguiu: - Tenho a impressão de que a verdade é que disseste ao jovem Redfern que vinha para cá.

- Kenneth querido -, replicou Arlena -, não vai fazer uma cena, não é?

- Escute, Arlena - disse Kenneth Marshall. - Conheço-a bem. Eles formam um casal bastante simpático. Aquele rapaz gosta realmente da mulher. Precisa mesmo vir estragar esta maldita cena?

- Não é justo que esteja me culpando - queixou-se Arlena. - Eu não fiz nada, absolutamente nada. Não posso evitar...

Ele incitou-a a continuar: - O quê?

Arlena pestanejou. - Evidentemente, sei que os homens ficam loucos por

mim. Mas a culpa não é minha. O problema é deles.

- Admite, portanto, que o jovem Redfern está louco por você?

- Acho que é uma grande estupidez da parte dele - murmurou Arlena. Deu um passo na direção do marido.

- Mas você bem sabe, Ken, que só gosto de você e de mais ninguém, não sabe? - disse, olhando para ele.

Era um olhar maravilhoso - um olhar a que poucos homens teriam resistido.

Kenneth Marshall olhou para ela gravemente. O rosto estava tranquilo. Com uma voz calma disse-lhe:

- Acho que lhe conheço muito bem, Arlena...

Ao sair-se do hotel pelo lado sul, os terraços e a praia ficavam imediatamente abaixo. Havia também um caminho que contornava o penhasco existente do lado sudoeste da ilha. Num certo ponto desse caminho alguns degraus conduziam a uma série de recantos escavados na rocha e identificados no mapa do hotel pela designação de Sunny Ledge. E aqui havia nichos com assentos talhados na rocha.

Foi a um recanto destes que chegaram Patrick Redfern e a mulher, logo a seguir ao jantar. Estava uma noite límpida e amena, iluminada pela lua cheia. Os Redferns sentaram-se. Durante algum tempo ficaram em silêncio.

- Está uma noite maravilhosa, não está, Christine? - disse por fim Patrick Redfern.

- Está.

Algo na voz dela o fez sentir-se apreensivo. Permaneceu sentado sem olhar para ela.

Christine Redfern perguntou, com uma voz calma: - Você sabia que aquela mulher ia estar aqui?

Ele voltou-se repentinamente para ela.

- Não sei a quem se refere - disse.

- Acho que sabe.

- Escuta, Christine. Não sei o que se passa contigo...

Ela interrompeu-o. A sua voz estava agora emocionada. Tremia.

- O que se passa comigo? o problema é o que se passa contigo!

- Não se passa nada comigo!

- Oh, Patrick, há com certeza qualquer coisa. Você insistiu em virmos para cá. Foi até bastante veemente. Eu queria ir outra vez para Tintagel, onde passamos a nossa lua-de-mel. Mas você estava decidido a vir para cá.

- E por que não? É um local fascinante!

- Talvez. Mas você queria vir para cá porque ela vinha também.

- Ela? Ela quem?

- Você... você está louco por ela.

- Pelo amor de Deus, Christine, não seja tonta. Você não costumava ser ciumenta.

A reação dele parecia pouco firme, talvez exagerada.

- Éramos tão felizes... - disse ela.

- Felizes? Claro que éramos felizes! Somos felizes. Mas não continuaremos a ser por muito tempo se não puder sequer falar com outra mulher sem que você arme uma discussão.

- Não é nada disso.

- É, sim. Num casamento tem que existir espaço... bem... para amizades com outras pessoas. Esta atitude de suspeita está errada. Não posso... não posso falar com uma mulher bonita sem que você pense logo que estou apaixonado por ela...

Patrick calou-se e encolheu os ombros.

- Você está mesmo apaixonado por ela!

- Ora, não seja tonta, Christine! Mal... mal falei com ela.

- Isso não é verdade.

- Pelo amor de Deus, não se torne ciumenta com todas as mulheres bonitas com quem eu topar.

- Ela não é apenas uma mulher bonita! - explodiu Christine. - Ela é diferente! É uma ovelha negra. É, sim. Vai lhe fazer mal, Patrick. Por favor, desista! Vamos embora daqui!

Patrick Redfern ergueu o queixo num gesto rebelde. Parecia, de algum modo, infantil ao dizer num tom de desafio:

- Não seja ridícula, Christine. E... é melhor não discutirmos mais.
- Não quero discutir.
- Nesse caso, comporte-se como uma pessoa razoável. Vamos, regressemos ao hotel.

Pôs-se de pé. Fez-se silêncio e pouco depois Christine Redfern levantou-se também.

- Está bem... - disse.

Sentado no recanto ao lado daquele, Hercule Poirot abanou a cabeça pesaroso. Algumas pessoas teriam evitado escrupulosamente ouvir uma conversa particular, mas não Hercule Poirot. Ele não tinha escrúpulos desse gênero.

- Além disso - como explicaria mais tarde ao seu amigo Hastings - tratava-se de um caso de homicídio.

- Mas o homicídio não tinha ainda ocorrido... - ripostou Hastings, olhando-o fixamente.

Hercule Poirot suspirou e disse: - Mas já existiam muitos indícios, *mon cher*.

- Nesse caso, por que não o impediu?

E Hercule Poirot, suspirando, disse - como já dissera uma vez, no Egito – que se alguém está decidido a assassinar alguém, não é fácil impedi-lo... Não se considerava culpado pelo que acontecera. Era, na sua opinião, inevitável.

CAPÍTULO TRÊS

Rosamund Darriley e Kenneth Marshall estavam sentados na relva curta e macia do penhasco sobranceiro à Enseada da Gaivota, situada do lado leste da ilha. Algumas pessoas costumavam vir aqui de manhã para tomarem banho, quando procuravam um local mais sossegado.

- É agradável afastarmo-nos das outras pessoas - disse Rosamund.

- Hum... - respondeu Marshall, quase inaudivelmente. Estendeu-se ao comprido sobre a barriga, aspirando a relva curta.

- Tem um cheiro agradável. Lembra-se das dunas em Shipley?

- Muito bem.

- Bons velhos tempos.

- Sim.

- Você não mudou muito, Rosamund.

- Mudei, sim. Mudei imensamente.

- Você tem tido muito sucesso e é rica e tudo isso, mas continua a ser a mesma Rosamund.

- Quem me dera - murmurou Rosamund.

- O que você disse?

- Nada. Não acha que é uma pena, Kenneth, não podermos conservar a boa índole e os ideais que tínhamos quando éramos jovens?

- Não me parece que a sua índole alguma vez tenha sido boa. Em Shipley você costumava ter acessos de cólera bem assustadores. Uma vez quase me estrangulou quando se atirou em cima de mim furiosamente.

Rosamund riu-se.

- Lembra-se daquele dia em que resolvi levar o Toby para caçar ratazanas?... - disse.

Por momentos, reviveram antigas aventuras. Depois, ficaram em silêncio. Os dedos de Rosamund brincavam com o fecho do seu casaco.

- Kenneth? - disse por fim.

- Hum... - A resposta dele era indistinta. Continuava estendido no chão, com a cara encostada à relva.

- Se eu lhe disser uma coisa que talvez seja uma grande impertinência, você deixa de falar comigo?

Ele deu meia-volta e sentou-se.

- Não me parece – declarou, com uma expressão séria - que alguma vez fosse capaz de considerar uma impertinência qualquer coisa que você me dissesse. Você bem sabe que sou muito seu amigo.

Ela acenou em sinal de que compreendia o que ele pretendia dizer. Escondeu apenas o prazer que aquilo lhe dava.

- Kenneth, por que não se divorcia da sua mulher?

A expressão dele modificou-se radicalmente. Parecia ter endurecido, e o ar de felicidade desapareceu por completo. Tirou um cachimbo do bolso e começou a enchê-lo.

- Desculpe-me se lhe ofendi - disse Rosamund.

- Não, você não me ofendeu - respondeu ele calmamente.

- Mas por que você não se divorcia?

- Você não pode compreender, minha cara amiga.

- Gosta... assim tanto dela?

- Não é só disso que se trata. Sabe, é que eu casei com ela.

- Bem sei. Mas ela... tem uma certa reputação.

Ele pensou um pouco naquela afirmação, comprimindo cuidadosamente o tabaco no cachimbo. - Acha que tem? É capaz de ter.

- Você podia se divorciar dela, Ken.

- Minha querida amiga, você não tem o direito de me dizer uma coisa dessas. O fato de alguns homens perderem a cabeça por ela não significa que ela também a perca.

Rosamund evitou replicar. Depois disse:

- Você poderia preparar as coisas de forma a ser ela a se divorciar de você... se preferir assim.

- Sei bem que poderia...

- Devia fazê-lo, Ken. Palavra. Você tem que pensar na criança.

- Na Linda?

- Sim, na Linda.

- Que tem ela a ver com isto?

- Não é de uma Arlena que a Linda precisa. Não é mesmo. Me parece que ela sente as coisas com muita intensidade...

Kenneth Marshall chegou um fósforo aceso ao cachimbo.

- Sim... é capaz de você ter razão nesse ponto – disse, entre cachimbadas.

- Parece-me que a Arlena e a Linda não se dão muito bem. Talvez não seja o melhor ambiente para uma adolescente. É um pouco preocupante.

- Gosto muito da Linda - disse Rosamund. - Ela tem qualquer coisa... de muito especial.

- É muito parecida com a mãe - disse Kenneth. - Leva as coisas muito a sério, tal como Ruth fazia.

- Então você não acha que devia mesmo ver-se livre da Arlena? - perguntou Rosamund.

- Preparando o caminho para o divórcio?

- Sim. As pessoas fartam-se de fazer isso.

- Pois é, e é precisamente isso que detesto - ripostou Kenneth Marshall, com súbita veemência.

- Detesta? - Rosamund estava surpreendida.

- É verdade. A forma como hoje em dia se encara a vida. Se aceitamos uma coisa e depois não gostamos dela, tratamos logo de nos desfazer dela o mais depressa possível! Caramba, tem que haver uma coisa chamada boa-fé. Se casamos com uma mulher e nos comprometemos a tomar conta dela, temos o dever de cumprir aquilo a que nos obrigamos. É nossa a responsabilidade, visto que a aceitamos. Estou farto dos casamentos rápidos e dos divórcios fáceis. A Arlena é a minha mulher, e isso é que conta.

Rosamund inclinou-se para a frente e disse, numa voz quase sumida: Então é assim que você pensa? “Até que a morte nos separe”?

- É isso mesmo - respondeu Kenneth Marshall, com um aceno.

- Estou vendo - disse Rosamund.

Regressando à Baía de Leathercombe por uma estrada estreita e perigosa, Mr. Horace Blatt por pouco não atropelou Mrs. Redfern depois de uma curva.

Ao vê-la encostar-se bem à sebe, Mr. Blatt fez parar o Sunbeam com uma freada vigorosa.

- Olá... olá... - disse Mr. Blatt, alegremente.

Era um homem corpulento com o rosto avermelhado e uma franja de cabelo ruivo em volta da calva luzidia. Aparentemente, a única ambição de Mr.

Blatt era dar vida e alegria a qualquer local onde calhasse de se encontrar. O Hotel do Pirata, na sua opinião - aliás transmitida em alto e bom som -, precisava de uma certa animação. Intrigava-o a maneira como as pessoas pareciam dissolver-se e desaparecer sempre que ele surgia.

- Quase ia sendo transformada em geléia de morango, não foi? - exclamou Mr. Blatt, com satisfação.

- Bem pode dizê-lo - disse Christine Redfern.

- Entre! - sugeriu Mr Blatt.

- Oh, obrigada, mas acho que vou a pé.

- Disparate! - disse Mr. Blatt. - Para que servem os carros?

Rendendo-se à evidência, Christine Redfern entrou.

Mr. Blatt voltou a dar partida no carro, cujo motor havia desligado devido à força com que ele freara.

- E o que é que anda fazendo aqui, passeando sozinha? - perguntou, - Não está certo, uma moça bonita como você.

- Ora, gosto de estar só - disse Christine apressadamente.

Mr. Blatt deu-lhe uma cotovelada, quase atirando ao mesmo tempo o carro para o acostamento.

- As moças dizem sempre isso - comentou Mr. Blatt. - Mas não são sinceras. Sabe, aquele lugar, o Hotel do Pirata, está precisando de um pouco de animação. Não tem vida nenhuma. É verdade, está cheio de espantalhos. Cheio de garotada, por um lado, e muitos botas-de-elástico por outro. Há aquele chatarrão anglo-indiano e o clérigo atleta, mais aquele casal americano que nunca se cala, e o outro estrangeiro, o do bigode... me dá até vontade de rir com aquele bigode ridículo! Deve ser algum cabeleireiro ou qualquer coisa do gênero.

Christine abanou a cabeça. - Oh, não. Ele é detetive.

Blatt quase deixou o carro ir de novo para o acostamento. Detetive? Quer dizer que ele está disfarçado?

Christine sorriu ligeiramente.

- Oh, não! Ele é mesmo assim. É o Hercule Poirot. Com certeza já ouviu falar nele.

- Não tinha percebido bem o nome dele - disse Mr. Blatt. - Sim, sim, Claro que já ouvi falar nele, mas pensava que já tivesse morrido. Caramba, já devia ter morrido. O que andarás ele procurando por aqui?

- Não anda à procura de nada. Está aqui passando férias.

- Pode ser - disse Mr. Blatt, com ar duvidoso. - Parece um bocado metedico, não acha?

- Bem... - respondeu Christine, hesitante. - Talvez um pouco excêntrico.

- O que eu gostaria de saber - prosseguiu Mr. Blatt - é o que é que as pessoas têm contra a Scotland Yard. Cá para mim, o que é inglês é que é bom.

Chegou ao final da descida e com uma triunfal buzina entrou na garagem do hotel, a qual, por causa das marés, estava situada em terra, na zona fronteira ao hotel.

Linda Marshall encontrava-se na pequena loja que fornecia tudo o que os visitantes da Baía de Leathercombe podiam desejar. Uma das paredes do estabelecimento estava coberta de diversas estantes com livros, que eram vendidos por dois pences. Os mais recentes tinham dez anos, alguns vinte, e outros tinham ainda mais.

Linda tirou um e depois outro, indecisa, e olhou-os de relance. Decidiu que não lhe interessaria ler *The Four Feathers* ou *Vice-Versa*. Apanhou um pequeno volume encadernado em carneira castanha.

Decorreu algum tempo...

Sobressaltada, Linda repôs o livro na estante ao ouvir Christine Redfern perguntar:

- O que estás lendo, Linda?

- Nada de especial - respondeu Linda, apressada. - Ando à procura de um livro.

Ao acaso, retirou da estante *The Marriage of William Ashe* e avançou para o balcão, enquanto procurava no bolso uma moeda de dois pences.

- Mr. Blatt deu-me uma carona até aqui... depois de quase ter me atropelado - disse Christine. - Achei que não era capaz de aturá-lo durante a

travessia do pontão, por isso disse-lhe que precisava comprar umas coisas.

- É um homem horrível, não acha? Sempre dizendo que é rico e contando anedotas desagradáveis.

- Pobre homem. Chego a ter pena dele - disse Christine.

Linda não concordou. Não via em Mr. Blatt nada que lhe fizesse ter pena. Linda era jovem e implacável.

Saiu da loja na companhia de Christine e caminharam até o pontão. Ia embrenhada nos seus pensamentos. Simpatizava com Christine Redfern. Ela e Rosamund Darriley eram, na opinião de Linda, as únicas pessoas suportáveis na ilha. Uma das razões era que nenhuma delas falava demasiado. Agora, enquanto caminhavam, Christine seguia em silêncio. Era perfeitamente sensato, pensou Linda. Se não se tinha nada de interessante para dizer, para que se havia de estar sempre tagarelando?

Depois, perdeu-se nas suas próprias perplexidades. Inesperadamente, perguntou:

- Mrs. Redfern, alguma vez sentiu que tudo é tão terrível, tão feio, que vai... Oh, rebentar?

As palavras eram quase cômicas, mas o rosto de Linda, distorcido e ansioso, não era. Olhando para ela vagamente, e compreendendo com dificuldade, Christine Redfern não viu nada que lhe desse vontade de rir. Subitamente susteve a respiração, e respondeu-lhe: - Sim, sim... já senti... isso mesmo.

- Com que então o senhor é o famoso detetive, hein? - observou Mr. Blatt.

Estavam no bar do hotel, o local favorito de Mr. Blatt.

Hercule Poirot confirmou a observação com a sua habitual falta de modéstia.

Mr. Blatt prosseguiu: - E o que está fazendo aqui? Vem a serviço?

- Não, não. Estou descansando. Tirei férias.

Mr. Blatt piscou um olho.

- Diria isso de qualquer maneira, não é verdade?

- Não necessariamente - respondeu Poirot.

- Ora! Deixe disso - insistiu Horace Blatt. - Por acaso, o seu segredo ficaria em segurança comigo. Eu não sou desses que repetem tudo aquilo que escutam! Aprendi a conservar a boca fechada há muitos anos. Não teria chegado aonde cheguei se não fosse assim. Mas o senhor sabe como é a maioria das pessoas: é só blá blá blá a respeito de tudo o que ouvem! Ora, isso não é coisa que se permita na sua profissão! É por isso que tem que dizer a toda a gente que está aqui em férias e mais nada.

- E por que pensa que não é assim? - perguntou Poirot.

Mr. Blatt fechou um olho e disse: - Sou um homem muito vivido, e sei bem avaliar uma pessoa pelo jeito. Um homem como o senhor estaria em Deauville ou em Touquet ou em Juan les Pins. É esse o seu... como direi?... O seu lar espiritual.

Poirot suspirou. Olhou pela janela. A chuva caía, e a neblina envolvia a ilha.

- É possível que tenha razão! - disse. - Ao menos ali, quando o tempo está úmido, há sempre outras distrações.

- O velho cassino! - exclamou Mr. Blatt. - Sabe de uma coisa? Tive que trabalhar duro quase toda a minha vida. Não havia tempo para férias ou distrações. Estava decidido a ter sucesso, e tive sucesso. Agora posso fazer o que bem me apetece. O meu dinheiro é tão bom como o de qualquer outro. E tenho me divertido bastante nestes últimos anos, pode crer.

- Ah, sim? - Murmurou Poirot.

- Nem sei por que razão me lembrei de vir para cá - prosseguiu Mr. Blatt.

- Estava precisamente fazendo essa pergunta a mim próprio - observou Poirot.

- Ah? o que foi que eu disse?

Poirot fez um gesto eloquente.

- Também eu tenho alguns poderes de observação. Era capaz de supor que o senhor certamente preferiria Deauville ou Biarritz. Mas, em vez disso, aqui

estamos nós. Mr. Blatt soltou uma risada rouca.

- Nem sei mesmo por que razão vim para cá - comentou pensativamente.

- Talvez, não sei, porque o nome me parecesse romântico. Hotel do pirata, ilha dos Contrabandistas. Nomes destes são excitantes, fazem-nos lembrar de quando éramos crianças. Piratas, contrabando, tudo isso.

Riu-se, um tanto constrangido.

- Quando era novo costumava velejar bastante. Não nesta zona. Ao largo da costa leste. É engraçado como uma experiência desse gênero nunca se esquece. Podia possuir um iate dos melhores, se me apetecesse, mas na realidade a idéia não me agrada muito. Prefiro entreter-me no meu pequeno escaler. O Redfern também gosta muito de velejar. Já saiu comigo uma ou duas vezes. Agora nunca consigo apanhá-lo, anda sempre às voltas com aquela ruiva que é casada com o Marshall.

Fez uma pausa; depois, baixando o tom de voz, prosseguiu:

- São quase todos uns papa-natas, neste hotel. Mrs. Marshall é a única esperta! Parece-me bem que o marido terá que se esforçar muito para tomar conta dela. Conhecem-se muitas histórias a respeito dos seus tempos de teatro... e depois disso! Os homens ficam malucos por ela. Vai ver que é capaz de vir a provocar problemas, um destes dias.

- Que tipo de problemas? - perguntou Poirot.

- Isso depende - respondeu Horace Blatt. - Olhando para Marshall, eu diria que ele é um homem com um temperamento invulgar. Aliás, tenho a certeza de que é. Ouvi dizer umas coisas a respeito dele. Conheço bem este gênero de pessoa muito calada, das quais nunca sabemos o que podemos esperar. O Redfern que se acautele...

Calou-se de repente, pois o motivo das suas palavras entrou no bar. Continuou a falar, alto e pouco à vontade.

- Conforme estava dizendo, velejar em redor desta costa é bem divertido. Olá Redfern, quer beber alguma coisa? O que toma? Um martini seco? Ótimo - E o senhor, M. Poirot?

Poirot abanou a cabeça.

Patrick Redfern sentou-se e disse:

- Velejar? É o que há de melhor no mundo. Quem me dera poder praticar mais vela. Quando era rapaz passava quase todo o meu tempo num bote à vela em volta desta costa.

- Nesse caso conhece bem este lugar? - perguntou Poirot.

- Bastante bem! Conheci isto aqui antes de existir o hotel. Havia apenas algumas cabanas de pescadores na Baía de Leathercombe, e um velho casarão em ruínas, todo fechado, na ilha.

- Existia aqui uma casa?

- É verdade, mas não era habitada há muitos anos. Estava praticamente para cair. Havia uma série de histórias sobre passagens secretas entre a casa e a Caverna do Duende. Andávamos sempre à procura dessa passagem secreta, ainda me recordo.

Horace Blatt entornou a bebida. Praguejou, limpou-se, e perguntou: Onde é essa Caverna do Duende?

- O quê, não sabe? - replicou Patrick. - Fica na Enseada do Duende. Não é fácil encontrar-se a entrada. Fica numa das pontas da enseada, no meio de uns pedregulhos amontoados. Não passa duma fenda estreita e comprida. A entrada é muito apertada. Depois abre-se numa caverna bastante espaçosa. Pode fazer uma idéia de como isso era divertido para um garoto! Foi um velho pescador que me mostrou. Hoje em dia nem os pescadores sabem da sua existência. No outro dia perguntei a um deles por que razão aquele lugar se chamava Enseada do Duende, e não soube responder-me.

- Mas ainda não compreendo - disse Hercule Poirot. - o que é isso de “duende”?

- Oh, é um termo típico de Devonshire - explicou Patrick Redfern. Há uma Caverna do Duende em Sheepstor-on-the-Moor. Diz a tradição que se deve deixar lá um alfinete, sabe, como prenda para os duendes. Um duende é uma espécie de espírito das charnecas.

- Ah, mas isso é interessante - comentou Poirot. Patrick Redfern prosseguiu.

- Ainda há muitas lendas sobre duendes em Dartmoor. Existem picos rochosos que se diz estarem povoados por duendes, e creio que os agricultores que têm de regressar às suas casas já de noite, quando está nevoeiro, ainda se queixam de terem sido enfeitiçados pelos duendes.

- Quer dizer, depois de terem bebido uns copos? - perguntou Horace Blatt.

- Essa é certamente a explicação mais sensata! - respondeu Patrick Redfern com um sorriso.

- Vou entrando, para ir jantar - disse Blatt, consultando o relógio. - De um modo geral, Redfern, os piratas são os meus favoritos, não os duendes.

- Palavra que gostaria de ver este sujeito enfeitiçado pelos duendes - disse Patrick Redfern, com uma gargalhada, quando o outro saiu.

- Para um homem de negócios inflexível, Mr. Blatt parece ter uma imaginação muito romântica - observou Poirot, pensativamente.

- Isso é porque não é verdadeiramente instruído. Pelo menos é o que a minha mulher diz. Veja só o que ele costuma ler! Nada, a não ser policiais e histórias de cowboys...

- Quer dizer, com isso, que ele tem a mentalidade de um rapazinho? perguntou Poirot.

- Bem, não é essa a sua opinião, monsieur?

- Ainda não o conheço muito bem.

- Eu também não. Fui velejar com ele uma ou duas vezes, mas na realidade não gosta muito de levar ninguém consigo. Prefere estar sozinho.

- Isso é realmente curioso - replicou Poirot. - Contrasta bastante com o comportamento dele em terra.

- Também acho - disse Redfern, rindo. - Todos nós temos uma certa dificuldade em nos vermos livres dele. Parece-me que o seu sonho era transformar isto aqui numa mistura de Margate e Le Touquet.

Por uns momentos Poirot não disse nada. Estava estudando com muita atenção o rosto risonho do seu companheiro.

- Tenho a impressão de que aprecia muito a vida, M. Redfern - disse

súbita e inesperadamente.

Patrick olhou para ele, surpreendido.

- Assim é, com efeito. Por que não?

- Por que não, na verdade - concordou Poirot. - Aceite as minhas felicitações por esse fato.

- Obrigado, monsieur - disse Patrick Redfern, sorrindo ligeiramente.

- É por esse motivo que, sendo um homem mais velho, muito mais velho mesmo, me atrevo a dar-lhe um conselho.

- Sim, monsieur?

- Um amigo meu, muito sábio, que pertencia à polícia, disse-me há já alguns anos: “Hercule, meu amigo, se quiseses viver tranquilo, evita as mulheres”.

- Creio que já é um pouco tarde para isso, monsieur. Como sabe, sou casado - disse Patrick Redfern.

- Sei, sim. A sua esposa é uma pessoa encantadora, muito prendada. Segundo me parece, gosta muito do senhor.

- E eu também gosto muito dela - replicou Patríc, prontamente.

- Ah! - ripostou Poirot. - Fico muito satisfeito por ouvir isso.

O semblante de Patríc ficou subitamente carregado. - Ouça lá, M. Poirot, aonde pretende chegar?

- *Les femmes*. - Poirot recostou-se e fechou os olhos. - Conheço algumas coisas a respeito delas. São capazes de complicar insuportavelmente a vida de uma pessoa. E os ingleses, esses conduzem os seus assuntos de um modo indescritível. Se era necessário vir para cá, Mr. Redfern, por que motivo, em nome do céu, trouxe consigo a sua mulher?

- Não sei o que quer dizer com isso - disse Patrick Redfern, reagindo furioso.

Hercule Poirot respondeu calmamente:

- É evidente que sabe. Não tenho a pretensão de discutir com um homem enfeitiçado. Pretendo apenas recomendar-lhe cautela.

- Vê-se que tem andado dando ouvidos a essas mexeriqueiras, Mrs.

Gardener, a Brewster, que nada têm que fazer além de dar trabalho à língua. Só porque uma mulher é atraente, saltam-lhe logo em cima para denegri-la.

- O senhor será assim tão ingênuo? - murmurou Hercule Poirot, levantando-se.

Abanando a cabeça, saiu do bar. Patrick Redfern ficou olhando para ele, irado.

Hercule Poirot parou no saguão, ao sair da sala de jantar. As portas estavam abertas, e entrava um sopro de ar noturno agradável.

A chuva tinha cessado e a neblina dispersara-se. Era novamente uma noite amena.

Hercule Poirot foi encontrar Mrs. Redfern no seu banco favorito, à beira do penhasco. Parou ao pé dela e disse-lhe:

- Esse assento está úmido. Não devia sentar-se aí. Vai apanhar um resfriado.

- Não apanho, não. E, de qualquer forma, não tem importância.

- Não diga isso, já não é uma criança! Seja razoável. Deve olhar para as coisas de uma forma sensata.

- Posso garantir-lhe que nunca me constipo - replicou Christine friamente.

- O dia esteve úmido - disse Poirot. - o vento soprou, a chuva caiu, e havia tanta neblina que não se podia ver nada. *Eh bien*, e agora como está o tempo? A neblina levantou, o céu está límpido, e lá no alto as estrelas brilham. É como a vida, madame.

- Sabe o que mais detesto neste lugar? - disse Christine numa voz baixa e incisiva.

- O que, madame?

- A compaixão. - Cuspiu a palavra com a intensidade duma chicotada. Depois prosseguiu: - Julga que não sei? Julga que não percebo? As pessoas estão sempre dizendo: “Pobre Mrs. Redfern... pobre mulher”. E não suporto isso!

Cuidadosamente, Hercule Poirot abriu o seu lenço sobre o assento e sentou-se.

- Tem toda a razão - disse pensativamente.

- Aquela mulher... - exclamou Christine; depois calou-se.

- Dá-me licença que lhe diga uma coisa, madame? - disse Poirot com gravidade. - Uma coisa que é tão verdadeira como as estrelas que estão por cima de nós? As Arlenas Stuarts ou Marshalls deste mundo não contam.

- Disparate - disse Christine Redfern.

- Asseguro-lhe que é verdade. O seu império é o do momento e para o momento. Para contar... para contar real e verdadeiramente, uma mulher precisa de ter bondade ou inteligência.

- Pensa por acaso que os homens se interessam pela bondade ou pela inteligência? - replicou Christine com desprezo.

- Fundamentalmente, sim - declarou Poirot com gravidade. Christine deu uma risada.

- Não concordo com o senhor.

- O seu marido a ama, madame. Estou certo disso.

- O senhor não pode saber se é assim.

- Sei, sim. já o vi olhando para a senhora.

De repente ela descontrolou-se. Chorou copiosa e amargamente no ombro reconfortante de Poirot. Depois disse:

- Não aguento isto... não aguento...

Poirot afagou-lhe o braço, dizendo com suavidade:

- Paciência, precisa ter paciência.

Christine endireitou-se e levou o lenço aos olhos.

- Já estou bem - disse numa voz abafada. - Deixe-me, por favor. Prefiro... prefiro ficar só.

Ele obedeceu, deixando-a ali sentada e começando a percorrer o sendeiro tortuoso que conduzia ao hotel.

Estava quase chegando quando escutou o murmúrio de vozes. Afastou-se um pouco do caminho. Havia uma abertura entre os arbustos.

Viu Arlena Marshall e Patrick Redfern ao seu lado. Ouviu a voz dele, notando nela um latejo de emoção.

- Estou doido por ti... doido... Você me enlouqueu! Gosta um bocadinho de mim, não gosta?

Poirot viu o rosto de Arlena Marshall. Era como o focinho de um gato feliz e saciado, pensou; era um rosto animalesco, não humano. Ela replicou suavemente:

- Claro que sim, Patrick querido. Adoro você. Você sabe isso...

Hercule Poirot abreviou a sua escuta clandestina. Regressou à trilha e prosseguiu a caminho do hotel. Subitamente, um vulto juntou-se a ele. Era o capitão Marshall.

- Uma linda noite, não acha? - comentou. - Depois de um dia tão desagradável. - Olhou para o céu. - Parece que amanhã vamos ter bom tempo.

CAPÍTULO QUATRO

A manhã de 25 de Agosto surgiu clara e sem nuvens. Era uma daquelas manhãs que tentava até um dorminhoco inveterado a levantar-se cedo. Naquela manhã, diversas pessoas se levantaram cedo no Hotel do Pirata. Eram oito horas quando Linda, sentada diante do seu toucador, pousou no tampo da mesa um pequeno mas grosso volume encadernado em carneira, aberto e virado para baixo, e olhou para o seu rosto no espelho.

Tinha os lábios comprimidos, e as pupilas dos olhos contraídas.

- Vou fazê-lo, então... - disse para si própria.

Despiu o pijama e enfiou o maiô. Vestiu o roupão de praia e calçou um par de chinelos.

Saiu do quarto e percorreu o corredor. No final deste, uma porta abria-se para uma varanda e para uma escadaria exterior que conduzia às rochas abaixo do hotel. Havia uma pequena escada de ferro cravada nas rochas, que conduzia ao mar, e que era usada por muitos dos hóspedes do hotel para um rápido mergulho antes do café da manhã, uma vez que isso levava menos tempo do que descer até à praia principal.

Ao começar a descer a escadaria exterior, Linda encontrou o pai, que

vinha subindo.

- Já está de pé? - perguntou ele. - Vai dar um mergulho?

Linda confirmou, acenando com a cabeça.

Passaram um pelo outro, cada um para o seu lado.

Contudo, em vez de descer até às rochas, Linda circundou o hotel pelo lado esquerdo até atingir a trilha que ia dar no pontão que ligava o hotel ao continente. A maré estava cheia e o pontão achava-se submerso, mas o bote usado no transporte dos hóspedes do hotel estava amarrado a um pequeno molhe. O homem que cuidava dele tinha-se ausentado. Linda subiu a bordo, desatou o bote e remou até chegar à outra margem.

Prendeu a embarcação do outro lado, subiu a rampa, passou pela garagem do hotel e encaminhou-se para a loja.

A dona tinha acabado de abrir as portas e ocupava-se em varrer o chão. Ficou admirada ao deparar com Linda.

- Então, menina. Isso é que foi madrugar.

Linda retirou algum dinheiro do bolso do roupão e tratou de fazer as suas compras.

Christine Redfern estava no quarto de Linda quando esta regressou.

- Ah, você está aí! - exclamou Christine. - Pensava que ainda não tinha se levantado.

- Não, fui dar um mergulho - disse Linda.

Reparando no embrulho que a moça trazia na mão, Christine disse, com surpresa: - O correio chegou cedo hoje.

Linda corou. Com a sua inépcia habitual, o embrulho soltou-se das suas mãos. O frágil fio partiu-se e uma parte do conteúdo espalhou-se pelo chão.

- Para que você foi comprar velas? - exclamou Christine.

Contudo, para alívio de Linda, ela não ficou à espera de uma resposta, baixando-se para a ajudar a apanhar as coisas do chão.

- Vim aqui para lhe perguntar se você queria ir comigo à Enseada da Gaivota esta manhã. Quero ir fazer alguns desenhos.

Linda aceitou prontamente.

Naqueles últimos dias tinha acompanhado Christine Redfern por várias vezes nas suas expedições artísticas. Christine era uma artista de pouco mérito, mas talvez achasse na pintura um consolo para o seu orgulho ferido, agora que o marido passava a maior parte do tempo na companhia de Arlena Marshall.

Linda Marshall estava cada vez mais taciturna e irascível. Gostava de estar com Christine porque esta, entretida com o seu trabalho, pouco falava. Na opinião de Linda, era quase tão agradável como se estivesse sozinha, mas ao mesmo tempo ansiava, curiosamente, por companhia. Existia um sutil laço de simpatia entre ela e Christine, possivelmente porque ambas tinham aversão à mesma pessoa.

- Vou jogar ténis ao meio-dia - disse Christine -, por isso é melhor sairmos cedo. Às dez e meia está bem?

- Ótimo! Estarei pronta. Espero por você no saguão.

Ao sair da sala de jantar, após um café da manhã muito tardio, Rosamund Darriley quase foi abalroada por Linda, quando esta descia a escada numa correria desenfreada.

- Oh, desculpe, Miss Darriley.

- Está uma bela manhã, não acha? - disse Rosamund. - Quase custo a acreditar, depois do dia de ontem.

- Também acho. Vou com Mrs. Redfern à Enseada da Gaivota. Fiquei de me encontrar com ela às dez e meia. Pensei que estava atrasada.

- Não, ainda faltam cinco minutos.

- Oh, ainda bem.

Parecia um pouco ofegante, e Rosamund olhou para ela com curiosidade.

- Você não está com febre, não é, Linda?

Os olhos da moça estavam muito brilhantes, e ela tinha as faces bastante rosadas.

- Oh, não, nunca tenho febre.

- Está um dia tão bonito que me levantei para tomar o café da manhã - disse Rosamund, sorrindo. - Normalmente eu o tomo na cama. Mas hoje desci e

devorei ovos e bacon como um homem.

- É, hoje está um dia magnífico, comparado com o de ontem. A Enseada da Gaivota é muito agradável pela manhã. Vou pôr muito bronzeador para ficar bem morena.

- Sim, a Enseada da Gaivota é muito agradável de manhã. E é mais tranquila do que a praia daqui.

- Por que não vem também? - perguntou Linda com timidez.

- Esta manhã não posso - disse Rosamund. - Tenho coisas mais importantes a tratar.

Christine Redfern vinha a descer a escadaria.

Vestia um traje de praia muito largo e solto, com longas mangas e pernas amplas, num tecido esverdeado com desenhos amarelos. Rosamund sentiu desejo de lhe dizer que o amarelo e o verde eram as cores mais desaconselhadas para o seu pálido tom de pele. Causava-lhe sempre impressão deparar com pessoas que não tinham o menor gosto para escolher as suas roupas.

“Se fosse eu a vestir esta moça” pensou, “depressa faria com que o marido passasse a prestar-lhe mais atenção. Por muito imbecil que seja, Arlena ao menos sabe vestir-se. Esta infeliz parece uma alface murcha”.

- Divirtam-se - disse depois em voz alta. - Eu vou até o Terraço do Sol, com o meu livro.

Como sempre, Hercule Poirot tomou o café da manhã - café e pãozinhos - no seu quarto.

Contudo, a beleza da manhã tentou-o a deixar o hotel mais cedo do que era seu hábito. Eram dez horas, pelo menos meia hora mais cedo do que costumava aparecer, quando desceu a caminho da praia. Esta encontrava-se deserta, com exceção de uma única pessoa.

Essa pessoa era Arlena Marshall.

No seu maiô branco, com o chapéu chinês verde na cabeça, tentava lançar um pedalinho na água uma gaivota. Poirot avançou galantemente em seu auxílio, encharcando por completo os seus sapatos de camurça branca.

Ela agradeceu-lhe com um dos seus olhares atrevidos.

No momento em que começava a afastar-se da praia, chamou-o:

- M. Poirot?

Este saltou de novo para a beira da água.

- Madame?

- Faça-me um favor, sim?

- O que quiser.

Ela sorriu-lhe e murmurou:

- Não diga a ninguém onde estou. - Lançou-lhe um olhar agora suplicante. - Toda a gente virá atrás de mim. Só desejo estar sozinha.

E afastou-se, pedalando vigorosamente a pedalinho. Poirot começou a caminhar ao longo da praia.

- *Ah, ça jamais!* - murmurou para si. - Nisto, *par exemple*, não acredito!

Duvidava que Arlena Stuart, para lhe dar o seu nome artístico, alguma vez tivesse desejado estar sozinha.

Hercule Poirot, um homem tão experiente da vida, sabia que não era assim. Arlena Marshall teria certamente algum encontro, e Poirot bem que desconfiava com quem seria.

Ou pensava que sim, mas depressa constatou que se enganara, porque logo que ela dobrou o extremo da baía, desaparecendo de vista, Patrick Redfern - seguido de perto por Kenneth Marshall - surgiu caminhando pela praia, vindo do hotel.

Marshall cumprimentou Poirot.

- Bom dia, Poirot. Por acaso viu a minha mulher?

A resposta de Poirot foi diplomática:

- Quer dizer que Madame já se levantou, tão cedo?

- Já não está no quarto - respondeu Marshall. - Olhou para o céu. Lindo dia. Vou já dar um mergulho. Tenho muito que escrever esta manhã.

Mas disfarçadamente, Patrick Redfern estava examinando a praia de uma ponta à outra. Sentou-se próximo de Poirot e preparou-se para aguardar a chegada da sua amada.

- E madame Redfern? - inquiriu Poirot. - Ter-se-á também levantado cedo?

- Christine? Oh, foi desenhar não sei aonde - respondeu Patrick Redfern. - Agora anda entusiasmada com a arte. - Falava com nervosismo, obviamente pensando noutra coisa. Conforme o tempo ia decorrendo, menos conseguia disfarçar a sua impaciência em relação à chegada de Arlena. Sempre que escutava um passo, voltava ansiosamente a cabeça para ver quem teria saído do hotel.

As desilusões sucediam-se.

Primeiro surgiram Mr. e Mrs. Gardener, com o tricô e o livro, e depois apareceu Miss Brewster.

Mrs. Gardener, diligente como sempre, acomodou-se na sua cadeira e começou a tricotar vigorosamente e a falar ao mesmo tempo.

- Bem, M. Poirot. A praia parece muito deserta esta manhã. Onde está toda a gente?

Poirot respondeu que os Mastermans e os Cowans, duas famílias com jovens, tinham partido numa excursão de barco que duraria o dia inteiro.

- Ora, aí está a diferença; nota-se a falta deles e dos seus risos e gritos. Havia só uma pessoa tomando banho, o capitão Marshall.

Marshall tinha justamente terminado o seu mergulho matinal, e vinha subindo a praia balançando a toalha.

- A água está muito agradável esta manhã - anunciou. - Pena que eu tenha tanto que fazer. Tenho de regressar ao hotel e atirar-me ao trabalho.

- Oh, que lástima, Mr. Marshall! Logo num dia tão bonito como este. Ontem foi mesmo horrível, não foi? Disse até a Mr. Gardener que, se o tempo continuasse assim, teríamos de ir embora. É a melancolia, sabe, com a neblina a cercar a ilha. Dá-nos uma sensação fantasmagórica, mas a verdade é que sempre fui muito sensível à atmosfera, desde criança. Por vezes, sabe, sentia que só tinha vontade de gritar. E isso, claro, era muito penoso para os meus pais. Mas a minha mãe era uma mulher encantadora e costumava dizer para o meu pai: "Sinclair, se a criança se sente assim, temos que deixá-la fazer o que quer. Gritar é a sua

forma de se exprimir”. E, evidentemente, o meu pai concordava. Era muito dedicado à minha mãe, e fazia tudo o que ela dizia. Formavam um casal perfeitamente adorável, como Mr. Gardener certamente confirmará. Eram um casal de exceção, não eram, Odell?

- Eram sim, querida - disse Mr. Gardener.

- E onde está a sua menina esta manhã, capitão Marshall?

- A Linda? Não faço idéia. É capaz de andar por aí a devanear pela ilha.

- Sabe, capitão Marshal, a menina parece-me um bocado enfermiça.

Precisa ser bem alimentada e ser tratada com muita, muita compreensão.

Kenneth Marshall replicou, mal disfarçando a sua irritação:

- A Linda encontra-se perfeitamente bem. - E encaminhou-se para o hotel.

Patrick Redfern não foi para a água. Ficou sentado, olhando com frequência para o hotel. Começava a parecer mal-humorado.

Miss Brewster chegou cheia de energia e boa disposição.

A conversa prosseguiu nos moldes da manhã anterior: a serena tagarelice de Mrs. Gardener, e os curtos latidos *staccato* de Miss Brewster que, por fim, comentou:

- A praia parece hoje um pouco deserta. Teria ido toda a gente em excursões?

Mrs. Gardener interveio:

- Ainda há pouco estive dizendo a Mr. Gardener que temos mesmo que fazer uma excursão a Dartmoor. É bastante perto, e os locais históricos são todos muito românticos. E gostaria também de visitar a prisão... Princetown, não é? Acho que será melhor marcarmos já e irmos lá amanhã, Odell.

- Sim, querida - respondeu Mr Gardener.

- Vai tomar banho, mademoiselle? - perguntou Hercule Poirot a Miss Brewster.

- Oh, já dei o meu mergulho matinal antes do café da manhã. Na verdade, até houve alguém que quase me partiu a cabeça com um vidro, atirado de uma das janelas do hotel.

- Ora aí está uma ação muito perigosa - comentou Mrs. Gardener. Um bom amigo meu teve uma concussão ao ser atingido por uma lata de pasta dentífrica quando caminhava na rua; tinha sido atirada de um trigésimo quinto andar, soube-se depois. Uma coisa extremamente perigosa. Ainda recebeu uma boa indenização pelo sucedido. - Começou a rebuscar entre as suas meadas de lã. - Sabe, Odell, parece-me que não trouxe aquele segundo tom de lã roxa. Está na segunda gaveta da cômoda no nosso quarto, ou talvez na terceira.

- Sim, querida.

Mr. Gardener levantou-se obedientemente e partiu.

- Por vezes, sabem - prosseguiu Mrs. Gardener -, parece-me que estamos indo um pouco longe demais. Com todas estas grandes descobertas e todas as ondas elétricas que deve haver na atmosfera, acho que tudo isto dá origem a uma grande perturbação mental, e parece-me que talvez tenha chegado a hora de surgir uma nova mensagem para a humanidade. Não sei, M. Poirot, se o senhor alguma vez se interessou pelas profecias das pirâmides.

- Confesso que não - replicou Poirot.

- Bem, posso assegurar-lhe que são muito, muito interessantes. Dado que Moscou se situa exatamente a mil quilómetros ao norte de... do que é que era?... seria Nínive?... mas, seja o que for, desenha-se um círculo e encontra-se as coisas mais surpreendentes, e qualquer pessoa pode ver que isso deve querer dizer qualquer coisa, e que os antigos egípcios não podiam ter inventado tudo o que inventaram sem ajuda. E quando se entra na teoria dos números e da sua repetição, é tudo tão claro que não percebo como há quem ainda não acredite em tudo aquilo.

Mrs. Gardener fez uma pausa triunfante, mas nem Poirot nem Miss Emily Brewster demonstraram qualquer interesse em debater o assunto.

Poirot observou com um ar pesaroso os seus sapatos de camurça branca.

- M. Poirot, por acaso andou a usar os sapatos como remos? - perguntou Emily Brewster.

- Oh, foi uma imprudência.

- Onde estará a nossa *vamp* esta manhã? - disse Emily, intrigada. Está

atrasada.

Levantando o olhar do seu tricô para observar Patrick Redfern, Mrs. Gardener murmurou:

- Parece mesmo que um bicho lhe mordeu. Meu Deus, tudo isto me dá uma pena... Gostaria de saber o que pensa o capitão Marshall de tudo isto. É um homem tão simpático... muito inglês e despretensioso. Nunca se sabe o que ele pensa sobre as coisas.

Patrick Redfern levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

- Parece mesmo um tigre enjaulado - sussurrou Mrs. Gardener. Patrick estava a ser observado por três pares de olhos, o que parecia fazê-lo ficar desconfortável. A sua expressão já não era apenas de mau humor: agora parecia prestes a explodir.

No silêncio que se seguiu chegou-lhes aos ouvidos o tênue tocar de um sino, vindo do continente.

- O vento está outra vez do leste - disse Emily Brewster. - É um bom sinal, quando se consegue ouvir o sino do relógio da igreja.

Nada mais foi dito até que Mr. Gardener regressou do hotel com uma meada de luzidia lã vermelha.

- Você demorou tanto, Odell.

- Desculpa, querida, mas a lã não estava na cômoda. Fui encontrá-la na sua prateleira do roupeiro.

- Ora essa, que estranho! Era capaz de jurar que a tinha deixado na gaveta da cômoda. Ainda bem que nunca precisei prestar declarações num tribunal. Ficaria cheia de remorsos se por acaso não me lembrasse corretamente de qualquer pormenor.

- Mrs. Gardener é muito conscienciosa - declarou Mr. Gardener.

Tinham decorrido uns cinco minutos quando Patrick Redfern perguntou:

- Por acaso vai remar esta manhã, Miss Brewster? Importa-se que eu vá consigo?

- Com muito gosto - replicou Miss Brewster, satisfeita.

- Proponho darmos uma volta à ilha remando - sugeriu Redfern.

Miss Brewster consultou o relógio. - Acha que teremos tempo? Ah, pois, ainda não são onze e meia. Vamos, então.

Foram ambos até à beira-mar. Patrick Redfern foi o primeiro a remar. Remava com movimentos vigorosos, e o barco deu um salto em frente.

- Muito bem. Vejamos se consegue aguentar esse ritmo - comentou Emily Brewster em tom de aprovação.

Ele riu-se, com aparente satisfação. A sua disposição tinha melhorado bastante.

- Sou capaz de ter as mãos cobertas de bolhas quando regressarmos. Fez um gesto com a cabeça, atirando para trás a cabeleira negra. - Santo Deus, está um dia mesmo maravilhoso! Quando se consegue ter um dia de autêntico verão na Inglaterra, não há nada melhor.

- Faça bom ou mau tempo, nada há melhor do que a Inglaterra - replicou Emily Brewster com aspereza. - Não seria capaz de viver noutro país.

- Concordo inteiramente consigo.

Circundaram o extremo da baía para oeste e passaram por baixo dos penhascos. Patrick Redfern olhou para o alto.

- Alguém estará no Terraço do Sol esta manhã? Está sim: vejo um chapéu-de-sol. Quem será?

- Deve ser Miss Darriley - disse Emily Brewster. - Ela tem uma daquelas coisas japonesas.

Continuaram a remar, seguindo a linha da costa, com o mar aberto à sua esquerda.

- Devíamos ter feito a volta ao contrário - comentou Emily Brewster. - Desta forma temos a corrente contra nós.

- A corrente é muito fraca. Tenho nadado por aqui e mal a sinto. De qualquer forma não poderíamos ir na outra direção, pois o pontão não deve estar submerso.

- Depende da maré, claro. Mas sempre ouvi dizer que tomar banho na enseada do Duende é perigoso, se se nadar para longe do areal.

Patrick continuava a remar vigorosamente, não deixando de observar

atentamente a falésia.

De repente, Emily Brewster pensou: ele anda à procura da Marshall. Foi por isso que quis vir comigo. Ela não apareceu esta manhã e ele não sabe o que ela estará fazendo. Possivelmente ela fez isso de propósito, só para irritá-lo”.

Dobraram a ponta rochosa ao sul da pequena baía conhecida por Enseada do Duende. Era uma enseada muito pequena, com fantásticos rochedos, distribuídos pela praia. Voltada para noroeste, uma parte da praia estava coberta pelos penhascos. Era um local muito utilizado, à tarde, para piqueniques. Mas durante a manhã, como o sol não chegava lá, não era procurado e quase nunca alguém ficava lá.

Contudo, havia um vulto na praia.

O ritmo das remadas de Patrick Redfern fraquejou, para logo recuperar-se.

- Olá, quem estará ali? - disse num tom pretensamente casual.

- Parece ser Mrs. Marshall - respondeu Miss Brewster, secamente.

- Assim parece, com efeito! - exclamou Patrick Redfern, como se estivesse admirado.

Alterou a sua rota, remando para terra. Emily Brewster protestou:

- Não vamos desembarcar aqui, não é?

Patrick Redfern respondeu prontamente:

- Ora, temos muito tempo... - Os seus olhos fixaram-se nos de Miss Brewster, e alguma coisa neles, uma ingênua expressão de súplica que recordava a de um cão sabujo, fez com que ela se calasse.

“Pobre rapaz”, pensou, “está mesmo caidinho. Bem, não há nada a fazer. Isso acaba passando”.

O bote aproximava-se rapidamente do areal.

Arlena Marshall estava deitada de cara para baixo sobre os seixos, com os braços estendidos para os lados. O pedalinho estava puxado para fora d’água, não muito longe.

Algo estava intrigando Emily Brewster. Era como se estivesse olhando para qualquer coisa que conhecia bem, mas na qual havia algum pormenor que

lhe parecia errado.

Só passados alguns momentos constatou o que era.

A posição de Arlena Marshall era a de alguém tomando banho de sol. Tinha-a visto muitas vezes deitada na praia próxima do hotel, com o corpo bronzeado estendido na areia e o chapéu de cartão verde protegendo-lhe a cabeça e o pescoço.

Mas não havia sol na praia da Enseada do Duende, e não haveria durante as próximas horas. A falésia protegia a praia do sol toda a manhã. Uma vaga apreensão apossou-se de Emily Brewster.

O bote encalhou nos seixos. Patrick Redfern chamou:

- Olá, Arlena!

Foi então que o vago pressentimento de Emily Brewster tomou forma, pois a figura deitada não reagiu ao chamamento.

Emily reparou na mudança na expressão do rosto de Patrick, que saltou do barco logo seguido por ela. Puxaram o bote para fora d'água e depois caminharam até onde a figura vestida de branco estava deitada, inerte e sem reagir, próximo da base da falésia.

Patrick alcançou-a primeiro, mas Emily seguia um pouco atrás dele e viu, como num sonho, as pernas bronzeadas, o maiô branco sem costas... uma madeixa de cabelo ruivo sobressaindo da aba do chapéu verde-jade... e outra coisa, sim, o curioso ângulo anormal dos braços estendidos. Sentiu, nesse preciso momento, que aquele corpo não se deitara ali, mas que fora atirado ali...

Ouviu a voz de Patrick - apenas um sussurro amedrontado. Ele ajoelhou-se junto da figura imóvel, tocou-lhe na mão, no braço...

Num arrepiante murmúrio disse:

- Meu Deus, ela está morta! - E depois, ao levantar ligeiramente a aba do chapéu, espreitou-lhe o pescoço: - Santo Deus, ela foi estrangulada... assassinada.

Era um daqueles momentos em que o tempo parece ficar parado.

Com uma estranha sensação de irrealidade Emily ouviu a sua própria voz:

- Não podemos tocar em nada... até que chegue a polícia.

A resposta de Redfern veio maquinalmente: - Não, não... claro que não.

- E depois, num profundo e agonizante murmúrio: - Quem? Quem? Quem terá feito isto a Arlena? Ela não pode... ter sido assassinada. Não pode ser verdade!

Emily Brewster abanou a cabeça, sem saber o que responder.

Ouviu-o tomar fôlego, e sentiu a ira controlada na sua voz ao dizer: Meu Deus, se ponho as mãos no diabo que fez uma coisa destas...

Emily arrepiou-se. Imaginou algum assassino emboscado atrás de uma das rochas. Depois ouviu-se a dizer:

- Quem quer que tenha feito isto não ia ficar aqui à espera. Temos que ir buscar a polícia. Talvez... - hesitou - um de nós devesse ficar aqui com... com o corpo.

- Eu fico - disse Patrick Redfern prontamente.

Emily Brewster soltou um pequeno suspiro de alívio. Não era do gênero de mulher que alguma vez admitisse estar com medo, mas sentia-se secretamente grata por não ter que ficar sozinha na praia, apesar de ser quase impossível que algum maníaco homicida ainda permanecesse por perto.

- Está bem - disse. - Vou o mais rápido que puder. Vou no barco. Não tenho coragem para subir a escada de ferro. Há um policial na Baía de Leathercombe.

- Sim... sim - murmurou Patrick Redfern, de um modo mecânico. Faça o que achar melhor.

Ao afastar-se da praia remando vigorosamente, Emily viu Patrick sentar-se ao lado do corpo e enterrar a cara nas mãos. Havia algo tão triste nesta atitude que ela sentiu pena dele, ainda que a contragosto. Fazia-lhe lembrar um cão velando o seu dono falecido. Apesar de tudo, o forte bom senso de Emily não cessava de lhe dizer: “Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, tanto para ele como para a mulher, como também para Marshall e para a filha... mas não creio que ele possa encarar o assunto por esse prisma, pobre infeliz”.

Emily Brewster era uma daquelas mulheres sempre capazes de fazer face a uma emergência.

CAPÍTULO CINCO

O inspetor Colgate esperou junto da falésia que o médico-legista terminasse o exame do corpo de Arlena. Patrick Redfern e Emily Brewster aguardavam a alguma distância.

O Dr. Neasden pôs-se de pé com um movimento ágil. - Estrangulada - anunciou -, e por um poderoso par de mãos. Ela não aparenta ter oferecido muita resistência. Foi apanhada de surpresa. Hum... bem... é um caso terrível.

Emily tinha dado um rápido olhar no rosto da mulher morta, que logo se desviou. Aquela horrível face arroxeadada...

- Já conseguiu determinar a hora da morte? - perguntou o inspetor Colgate.

- Não posso ter certeza antes de possuir mais fatos a respeito da vítima - ripostou Neasden irritado. - Há numerosos fatores a considerar. Vejamos, é uma menos um quarto. Que horas eram quando a encontrou?

Patrick Redfern, a quem a pergunta era endereçada, disse distraidamente: - Um pouco antes do meio-dia. Não sei exatamente.

- Era exatamente meio-dia menos um quarto quando vimos que estava morta - interveio Emily Brewster.

- Ah, e tinham vindo de barco. Que horas seriam quando primeiro a viram aqui deitada?

Emily ponderou um pouco.

- Creio que dobramos o extremo da ilha uns cinco ou seis minutos antes. - Virou-se para Redfern: - Concorde?

- Sim... sim, mais ou menos isso, acho eu - respondeu Redfern num tom vago.

- É este o marido? - perguntou Neasden ao inspetor, em voz baixa.

- Oh! Estou vendo. Enganei-me. Pensei que talvez fosse. Parece ter ficado bastante abalado.

“Digamos portanto meio-dia menos vinte. Ela não devia ter sido morta muito antes disso. Digamos, entre essa hora e as onze menos um quarto como

limite máximo.

O inspetor fechou com ruído o seu livro de notas.

- Obrigado - disse. - Isso deve ajudar-nos consideravelmente. Coloca a hora da morte dentro de limites bastante estreitos, menos de uma hora no total.

Voltando-se para Miss Brewster disse:

- Portanto, parece-me que está tudo compreendido até agora. A senhora chama-se Miss Emily Brewster e este senhor é Patrick Redfern, ambos hospedados no Hotel do Pirata. Ambos identificam esta senhora como sendo também hóspede do mesmo hotel, e mulher do capitão Marshall?

Emily Brewster confirmou com um aceno.

- Nesse caso - disse o inspetor Colgate -, parece-me que poderemos regressar ao hotel.

Chamou um policial.

- Hawkes, você fica aqui e não autoriza ninguém a aproximar-se desta enseada. Depois mando o Phillips vir lhe fazer companhia.

- Macacos me mordam! - exclamou o coronel Weston. - Que surpresa encontrá-lo aqui!

Hercule Poirot retribuiu de maneira apropriada o cumprimento do chefe de polícia, murmurando:

- Ah, sim, muitos anos já se passaram, desde aquele caso em St. Loo.

- Mas eu não me esqueci dele - disse Weston. - A maior surpresa da minha vida. O que não me sai da memória, contudo, foi o modo como me fez andar às voltas com o assunto do funeral. Absolutamente nada ortodoxo. Fantástico!

- *Tout de même, mon Colonel* - declarou Poirot -, produziu o resultado que se pretendia, não é verdade?

- Bem... sim, provavelmente. Mas estou convencido de que acabaríamos por alcançar o mesmo resultado com métodos mais convencionais.

- É possível - concordou Poirot com diplomacia.

- E agora encontra-se de novo na presença de outro homicídio - disse o

chefe de polícia. - Tem alguma idéia a respeito deste?

Poirot respondeu lentamente: - Nada de concreto... mas parece-me um caso interessante.

- Estará disposto a dar-nos uma ajuda?

- Se o senhor permitir, sim.

- Meu caro amigo, a sua colaboração dá-me muito prazer. Não sei ainda se será um caso para a Scotland Yard. À primeira vista, parece-me que o nosso homicida não deve ser de muito longe. Por outro lado, todos os que estão aqui são forasteiros. Para se saber alguma coisa a respeito deles ou dos seus motivos será necessário ir a Londres.

- Sim, tem razão - disse Poirot.

- Primeiro que tudo, teremos de saber quem terá sido a última pessoa a ver a vítima ainda viva - continuou Weston. - A criada de quarto levou-lhe o café da manhã às nove. A moça da recepção viu-a passar pelo saguão e sair perto das dez.

- Meu amigo - disse Poirot -, creio ser eu a pessoa que procura.

- Viu-a esta manhã? A que horas?

- Passavam cinco minutos das dez. Ajudei-a a colocar na água o pedalinho que estava na praia.

- E ela partiu nele?

- Com efeito.

- Sozinha?

- Sim.

- Reparou em que direção seguiu?

- Vi-a dobrar aquele extremo da ilha, ali à direita.

- Ou seja, na direção da Enseada do Duende?

- Isso mesmo.

- E que horas seriam então?

- Eu diria que saiu da praia às dez e quinze.

Weston pensou um pouco.

- Sim, deve estar certo. Quanto tempo acha que ela levaria pedalando até

à enseada?

- Ah, não sou um especialista. Não gosto de andar de barco nem de me expor em pedalinhos. Talvez meia hora?

- É mais ou menos isso que eu calculo - disse o coronel. - Ela não devia ir com pressa, penso eu. Bem, se tiver chegado lá por volta das onze menos um quarto, os tempos ajustam-se.

- E a que horas calcula o médico que ela terá morrido? - perguntou Poirot.

- Oh, Neasden não gosta de se comprometer. É um tipo cuidadoso. Quinze para as onze é o limite inicial que ele estabeleceu.

Poirot acenou.

- Existe um outro ponto que tenho que mencionar - disse. - Ao embarcar, Mrs. Marshall pediu-me para não dizer a ninguém que a tinha visto.

Weston olhou para ele fixamente.

- Hum, isso tem o seu interesse, não acha?

- Foi também o que pensei - murmurou Poirot.

Weston cofiou o bigode, e disse:

- Escute, Poirot. O senhor tem muita experiência de vida. Que tipo de mulher era Mrs. Marshall?

Um ligeiro sorriso aflorou nos lábios de Poirot.

- Ainda não percebeu? - perguntou.

- Sei muito bem o que as mulheres dizem - disse o chefe de polícia com secura. - Não admira. Em que medida será verdade? Teria ela realmente um caso com aquele sujeito, Redfern?

- A minha resposta é: sim, sem dúvida.

- Ele seguiu-a até aqui, não foi?

- Tudo leva a crer que sim.

- E o marido? Saberá? O que pensaria?

- Não é fácil saber-se o que o capitão Marshall sente ou pensa - respondeu lentamente Poirot. - É um homem que não demonstra as suas emoções.

- Mas ainda assim deve tê-las - replicou Weston.

Poirot confirmou com um aceno.

- Oh, sim, deve tê-las.

O chefe de polícia estava sendo o mais diplomático que conseguia na sua conversa com Mrs. Castle. Mrs. Castle era a proprietária e gerente do Hotel do Pirata. Era uma mulher de cerca de quarenta anos com um amplo busto, cabelo pintado de um ruivo bastante forte e um modo de falar quase desagradavelmente rebuscado.

- E uma coisa destas no meu hotel! – ela estava dizendo. - Sempre foi, estou certa, o local mais tranquilo que possa imaginar-se! As pessoas que vêm aqui são tão simpáticas. Nada de turbulências, se é que me faço entender! Nada comparável com os grandes hotéis de St. Loo...

- Tem toda a razão, Mrs. Castle - confirmou o coronel Weston. - Mas acidentes acontecem até nos melhores... hum... ambientes.

- Tenho a certeza de que o inspetor Colgate poderá ratificar o que afirmo - disse Mrs. Castle lançando um olhar de súplica na direção do inspetor, sentado a pouca distância deles com um ar muito solene. - Sou sempre muito exigente em tudo o que se refere a assuntos legais de licenciamento. Nunca puderam apontar-me a menor irregularidade.

- Certamente, certamente - assegurou Weston. - Não a incriminamos pelo que sucedeu, Mrs. Castle.

- Contudo, a verdade é que o sucedido vai refletir-se no estabelecimento - queixou-se Mrs. Castle, com o amplo busto a arfar. - Só de pensar nas multidões pasmadas e ruidosas... Claro que o acesso à ilha é reservado aos clientes do hotel... ainda assim, sem dúvida que virão até à costa para apontar para aqui! - Ao dizer isto, estremeceu.

O inspetor Colgate calculou que esta era a melhor oportunidade para encaminhar a conversa para o que interessava.

- Relativamente a esse ponto que acaba de referir... O acesso à ilha - disse. - Como procede para manter as pessoas afastadas?

- Sou muito exigente nesse ponto.

- Certo, mas que medidas toma? Como é que impede o acesso aos indesejáveis? Na época das férias os veranistas enxameiam por toda parte, como moscas.

Mrs. Castle voltou a encolher os ombros.

- Isso é culpa dos catamarãs. Já cheguei a ver dezoito estacionados em fila diante da Baía de Leathercombe. Dezoito!

- Mesmo assim, como consegue evitar que eles venham para este lado?

- Existem avisos. E depois, claro, quando a maré está cheia, ficamos isolados.

- Está bem, mas com a maré baixa?

Mrs. Castle explicou. No extremo do pontão, do lado da ilha, havia uma cancela com um letreiro dizendo: “Hotel do Pirata. Propriedade Privada. Acesso proibido exceto aos empregados do hotel.” Os rochedos eram muito escarpados de ambos os lados, e não poderiam ser escalados.

- Contudo - insistiu o inspetor -, qualquer pessoa poderia meter-se num barco e dar a volta à ilha para desembarcar numa das angras, suponho. A senhora não poderia impedir que alguém o fizesse, pois o acesso às praias entre as linhas da preamar e da baixa-mar é livre.

Aparentemente, contudo, era muito raro isto acontecer. Podiam alugar-se botes no porto da Baía de Leathercombe, mas era tarefa árdua remar até à ilha a partir daí, e além disso havia uma forte corrente logo à saída do porto.

Havia também avisos afixados junto das escadas de acesso por terra e das Enseadas da Gaivota e do Duende. Mrs. Castle acrescentou que George ou William estavam sempre de vigia na praia propriamente dita, que era a que estava mais próxima do continente.

- Quem são George e William?

- George é quem cuida da praia. Toma conta das roupas e dos pedalinhos. William é o jardineiro. Trata das trilhas e marca as quadras de tênis e outras coisas assim.

O coronel Weston parecia impaciente.

- Bem, tudo isso me parece perfeitamente claro - disse. - Pelo que depreendo, não seria impossível alguém vir do exterior, mas quem o fizesse correria um risco: o risco de ser detectado. Daqui a pouco falaremos com George e William.

Mrs. Castle prosseguiu: - Não estou interessada em excursionistas; são uma gente muito barulhenta, e frequentemente deixam cascas de laranja e maços de cigarro no pontão e junto da falésia, mas mesmo assim nunca pensei que algum deles fosse um homicida. Deus me proteja! Não há palavras para algo tão terrível! Uma senhora como Mrs. Marshall assassinada... pior ainda... estrangulada!

Via-se que Mrs. Castle tinha dificuldade em pronunciar a palavra, mas acabou por dizer com grande relutância.

- É na realidade um caso muito desagradável - disse o inspetor Colgate, tranquilizador.

- E os jornais? o meu hotel mencionado nos jornais!

- Bem, serve de publicidade, por assim dizer - disse Colgate com um tênue sorriso.

Mrs. Castle empertigou-se. O seu amplo busto agitou-se, fazendo ranger as barbatanas de baleia do espartilho.

- Não é este o gênero de publicidade que pretendo, Mr. Colgate - disse, num tom glacial.

- Muito bem, Mrs. Castle, já tem a lista dos hóspedes do hotel, como lhe solicitei? - disse o coronel Weston, metendo-se na conversa.

- Sim, senhor.

O coronel Weston examinou os registros. Lançou um olhar a Poirot, que era o quarto elemento do grupo reunido no gabinete da gerente do hotel.

- É neste ponto que talvez possa auxiliar-nos daqui a pouco. E quanto ao pessoal?

Mrs. Castle apresentou uma segunda lista.

- Há quatro criadas de quarto, o chefe dos garçons e mais três garçons, e o Henry no bar. William encarrega-se das botas e dos sapatos. Depois há o

cozinheiro e dois auxiliares.

- E quanto aos garçons?

- Bem, o chefe dos garçons é o Albert, que veio do Inceni, em Plymouth. Esteve lá alguns anos. Os três garçons estão aqui há três anos... um deles há quatro. São bons rapazes e muito respeitadores. O Henry trabalha aqui desde que o hotel abriu. já faz parte da mobília.

Weston fez um aceno.

- Parece tudo em ordem - disse para Colgate. - o inspetor irá informar-se sobre eles, claro. Muito agradecido, Mrs. Castle.

- É tudo?

- Sim.

Mrs. Castle saiu da sala acompanhada pelo ranger do seu espartilho.

- A primeira coisa a fazer será falar com o capitão Marshall - disse Weston.

Kenneth Marshall respondeu tranquilamente às perguntas que lhe foram formuladas. Excluindo um ligeiro endurecimento da expressão do rosto, estava bastante calmo. Observado de perto, com a luz do sol que entrava pela janela e incidia sobre ele, via-se que era um homem atraente, com traços corretos, serenos olhos azuis, boca firme. A sua voz era grave e agradável.

- Compreendo perfeitamente, capitão Marshall - disse o coronel Weston - que isto deve ter sido um tremendo choque para o senhor. Mas pode imaginar como estou ansioso por recolher as informações mais detalhadas que me for possível obter.

Marshall acenou.

- Compreendo perfeitamente - disse. - Queira prosseguir.

- Mrs. Marshall era a sua segunda esposa?

- Era.

- E estiveram casados durante quanto tempo?

- Pouco mais de quatro anos.

- Qual era o nome de solteira da sua esposa?

- Helen Stuart. Profissionalmente era conhecida por Arlena Stuart.

- Era atriz?
- Tinha participado em revistas e espetáculos musicais.
- Desistiu da carreira teatral ao casar-se?
- Não. Continuou a atuar. Só se retirou dos palcos há cerca de um ano e

meio.

- Houve alguma razão especial para ter se retirado?

Kenneth Marshall parecia ponderar a resposta.

- Não - disse -, apenas achou que estava cansada daquela atividade.
- Não teria sido... hum... para corresponder a um desejo seu?

Marshall levantou o sobrolho.

- Oh, não.
- Gostou que ela continuasse a atuar depois do seu casamento?

Marshall sorriu ligeiramente.

- Teria preferido que ela desistisse, sim. Mas nunca fiz um drama em torno disso.

- Nunca houve qualquer discórdia entre ambos por causa disso?
- Certamente que não. A minha mulher tinha toda a liberdade para fazer

o que quisesse.

- E... era um casamento feliz?
- Certamente - replicou Kenneth Marshall com frieza.

O coronel Weston fez uma ligeira pausa. Depois perguntou:

- Capitão Marshall, tem alguma idéia de quem possa ter assassinado a sua esposa?

A resposta surgiu sem a menor hesitação.

- Não faço idéia.
- Ela tinha inimigos?
- É possível.
- Como?

Marshall prosseguiu rapidamente:

- Não me interprete mal, coronel. A minha mulher era atriz. Era também uma mulher muito bonita. Estes dois fatores despertaram certamente alguns

ciúmes e invejas. Houve disputas por causa de papéis, houve a rivalidade de outras mulheres, houve bastante casos de inveja, de ódio, maldade, e sobretudo de maledicência! Mas isso não significa que houvesse alguém capaz de assassiná-la.

Hercule Poirot, interveio pela primeira vez.

- Pretenderá realmente dizer, monsieur, que os inimigos da sua esposa eram principalmente, ou até totalmente, mulheres?

Kenneth Marshall olhou para ele: - Assim é, com efeito.

- Tem conhecimento de algum homem que guardasse rancor contra a sua esposa? - disse o chefe de polícia.

- Não.

- Sabe se ela conhecera anteriormente alguns dos atuais hóspedes do hotel?

- Creio que já conhecia Mr. Redfern... possivelmente de uma festa qualquer. Que eu saiba, mais ninguém.

Weston fez uma pausa. Parecia tentar decidir se deveria continuar a debater esse pormenor. Depois preferiu não fazê-lo.

- Chegamos assim aos acontecimentos desta manhã - disse. - Quando foi a última vez que viu a sua esposa?

Marshall pensou um pouco; depois disse: - Fui falar-lhe quando desci, para tomar o café da manhã...

- Desculpe-me; Ocupavam quartos separados?

- Sim.

- E que horas seriam?

- Deviam ser aproximadamente nove horas.

- O que estava ela fazendo?

- Abrindo a correspondência.

- E disse alguma coisa?

- Nada de interesse especial. Apenas “bom dia”... e que o tempo estava agradável... coisas desse gênero.

- Que disposição aparentava? Nada de invulgar?

- Não, tudo perfeitamente normal.

- Não lhe pareceu enervada, ou deprimida, ou de algum modo transtornada?

- Não notei nada de especial.

Hercule Poirot, interveio: - A sua esposa referiu-se ao conteúdo das cartas?

Novamente um ligeiro sorriso surgiu nos lábios de Marshall.

- Se bem me recordo - respondeu -, disse que eram apenas contas.

- Ela tomou o café da manhã na cama?

- Tomou, sim.

- Era sempre assim?

- Invariavelmente.

- A que horas ela costumava descer? - perguntou Poirot.

- Oh, entre as dez e as onze horas... quase nunca antes das onze. Poirot prosseguiu:

- Se por acaso ela descesse exatamente às dez horas, seria caso para ficar surpreendido?

- Sim. Ela nunca saía assim tão cedo.

- Contudo, esta manhã foi isso o que sucedeu. Qual seria o motivo, capitão Marshall?

Este replicou sem emoção:

- Não faço a menor idéia. Talvez fosse por causa do tempo, visto estar um dia tão agradável.

- Percebeu que ele tinha saído?

Kenneth Marshall mudou de posição na cadeira.

- Voltei para lhe falar de novo depois do café da manhã - disse - mas o quarto estava vazio. Fiquei um pouco surpreendido.

- E foi então que se dirigiu à praia, tendo-me perguntado se a teria visto?

- Hum, sim deve ter sido. - Com uma ligeira ênfase na voz, acrescentou:

- E o senhor disse-me que não tinha...

Os olhos inocentes de Hercule Poirot não acusaram o remoque. Pôs-se a

acariciar suavemente o farto e espalhafatoso bigode.

- Tinha alguma razão especial para procurar a sua esposa esta manhã? - perguntou Weston.

Marshall desviou o olhar para o chefe de polícia.

- Não, apenas tinha curiosidade de saber onde estaria.

Weston fez uma pausa. Corrigiu ligeiramente a posição da sua cadeira. A sua voz adotou um tom diferente, ao dizer:

- Há alguns momentos, capitão Marshall, o senhor mencionou que a sua esposa conhecera Mr. Patrick Redfern numa ocasião prévia. Até que ponto se conheciam?

- Importam-se de que eu fume? - perguntou Kenneth Marshall. Começou a mexer nos bolsos. - Bolas! Esqueci-me do cachimbo!

Poirot ofereceu-lhe um cigarro, que ele aceitou. Ao acendê-lo, disse:

- Estava me perguntando a respeito de Redfern. A minha mulher disse-me que o tinha conhecido numa festa qualquer.

- Nesse caso, ele era apenas um conhecimento superficial?

- Creio que sim.

- Contudo... - o chefe de polícia fez uma pausa. - Fui informado de que esse conhecimento se transformou em algo mais íntimo.

- Acha que sim? Quem lhe disse? - ripostou Marshall asperamente.

- Toda a gente fala disso no hotel.

Por um momento os olhos de Marshall desviaram-se para Hercule Poirot, nele permanecendo com uma expressão de raiva surda.

- Normalmente os mexericos de hotel não passam de um monte de mentiras!

- Possivelmente. Mas, segundo me parece, Mr. Redfern e a sua esposa foram os próprios a fomentar esses mexericos.

- Fomentar? Como?

- Passando o tempo constantemente juntos.

- É só isso?

- Não nega que era assim?

- Pode ter acontecido. Nunca reparei.

- Não dava importância - desculpe-me a franqueza - à amizade que a sua esposa demonstrava por Mr. Redfern?

- Não estava habituado a criticar o comportamento da minha mulher.

- Não lhe manifestou qualquer objeção ou qualquer protesto?

- Claro que não.

- Nem mesmo por esse relacionamento estar se tornando objeto de escândalo, ao mesmo tempo em que as relações entre Mr. Redfern e a mulher dele pareciam deteriorar-se?

- Não me meto na vida dos outros, e agradeço que os outros não se metam na minha - retorquiu Kenneth Marshall com frieza. - Não dou ouvidos a más-línguas ou a mexericos.

- Não nega que Mr. Redfern admirava a sua esposa?

- É provável que sim. Quase todos os homens a admiravam. Era uma mulher muito bela.

- Mas o senhor estava persuadido de que não haveria nada de censurável na relação de ambos?

- Nunca pensei nisso, garanto-lhes.

- E se nós tivermos uma testemunha pronta a afirmar que existia uma grande intimidade entre eles?

Uma vez mais aqueles olhos azuis desviaram-se para Hercule Poirot. Uma vez mais uma expressão de antipatia subiu àquele rosto normalmente impassível.

- Se quiserem dar ouvidos a essas histórias, dêem. A minha mulher morreu, e já não pode se defender.

- Quer dizer que, pessoalmente, não acredita nelas?

Pela primeira vez um tênue orvalho de suor podia ser observado na testa de Marshall.

- Posso assegurar que não creio em nada disso - protestou Marshall. Depois prosseguiu: - Não estarão se afastando do que interessa? O que eu acredito ou não acredito não é com certeza suscetível de alterar o simples fato do

homicídio da minha mulher.

Hercule Poirot respondeu antes que um dos outros pudesse reagir:

- O senhor não está compreendendo, capitão Marshall. Um simples fato não é coisa que exista num homicídio. Em noventa por cento dos casos, o homicídio é resultante do caráter e das circunstâncias da pessoa assassinada. Foi porque a vítima era este ou aquele tipo de pessoa, que foi assassinada. Enquanto não pudermos compreender perfeitamente o tipo de pessoa que Arlena Marshall era, não poderemos determinar com exatidão o tipo de quem a assassinou. Daí a necessidade das nossas perguntas.

Marshall voltou-se para o chefe de polícia. - É também essa a sua opinião? - perguntou-lhe.

Weston hesitou um pouco.

- Bem, de certo modo... quero dizer...

Marshall soltou uma breve risada.

- Já sabia que não ia concordar - disse. - Esta coisa do caráter é especialidade de M. Poirot, segundo creio.

- Ao menos poderá gabar-se de não ter feito nada para me auxiliar... respondeu Poirot, sorrindo.

- Que pretende dizer com isso?

- O que é que nos disse o senhor a respeito da sua esposa? Exatamente nada. Disse-nos apenas aquilo que qualquer pessoa poderia ver sem ajuda: que ela era bela e admirada. Nada mais.

Kenneth Marshall encolheu os ombros e disse:

- O senhor está louco.

Depois voltou-se para o chefe de polícia e perguntou-lhe, com ênfase:

- Haverá mais alguma coisa que o senhor pretenda que eu lhe diga?

- Hã... sim, capitão Marshall. Conte-nos, por favor, os seus movimentos desta manhã.

Kenneth Marshall concordou com um aceno. Estivera obviamente à espera disto.

- Tomei o café da manhã aqui em baixo, cerca das nove horas, e li o

jornal. Conforme já disse, regressei ao quarto da minha mulher e constatei que ela já tinha saído. Encaminhei-me para a praia, encontrei M. Poiroi e perguntei-lhe se ele a teria visto. Depois nadei um pouco e regressei ao hotel. Seriam então, deixe-me pensar, cerca de dez e quarenta - sim, mais ou menos isso. Recordo-me de ter olhado para o relógio do salão. Subi para o meu quarto, mas a criada ainda não tinha acabado de arrumá-lo. Pedi-lhe para terminar depressa. Precisava datilografar umas cartas que queria mandar pelo correio. Desci de novo e conversei um pouco com Henry, no bar, Voltei ao meu quarto quando faltavam dez minutos para as onze. Fiquei escrevendo as cartas até às onze e cinquenta. Então vesti-me para ir jogar tênis, pois tinha combinado uma partida ao meio-dia. Tínhamos reservado a quadra no dia anterior.

- O senhor e mais quem?

- Mrs. Redfern, Miss Darriley, Mr. Gardener e eu. Fui para baixo ao meio-dia e dirigi-me à quadra. Miss Darriley já estava lá com Mr. Gardener. Mrs. Redfern chegou uns minutos depois. Jogamos tênis durante uma hora. Assim que chegamos ao hotel... recebi a notícia.

- Obrigado, capitão Marshall. Por mera formalidade, haverá alguém que possa corroborar o fato de ter estado escrevendo à máquina no seu quarto entre hum... as dez e cinquenta e as onze e cinquenta?

- Estará convencido de que matei a minha própria mulher? - disse Kenneth Marshall, com um sorriso frouxo. - Vejamos: a criada andava arrumando os quartos. Deve ter escutado o barulho da máquina de escrever. Depois há as próprias cartas. Com toda esta confusão não cheguei a mandá-las para o correio. Acho que devem constituir um bom testemunho do que acabei de afirmar.

Retirou do bolso três envelopes. Estavam endereçados, mas não tinham ainda selo.

- O conteúdo destes envelopes - explicou - é estritamente confidencial. Mas quando se trata de um homicídio, somos forçados a confiar na discrição da polícia. Contêm vários documentos de ordem financeira. Estou certo de que, se puser um dos seus homens a copiá-los à máquina de escrever, não levará menos

de uma hora.

Calou-se um momento.

- Está satisfeito, segundo espero?

- Não se trata de uma questão de suspeita - replicou Weston com diplomacia. - Todos os que se encontram na ilha serão convidados a explicar os seus movimentos entre as dez e quarenta e cinco e as onze e quarenta desta manhã.

- Compreendo - concedeu Marshall.

- Só mais uma coisa, Capitão Marshall - acrescentou Weston. - Sabe algo a respeito de como a sua esposa terá tencionado dar destino a quaisquer bens que possuísse?

- Refere-se a um testamento? Não creio que alguma vez teria feito um.

- Mas não tem a certeza?

- Os advogados dela eram a firma Barkett, Markett & Arwegood, com escritório na Bedford Square. Eram eles que tratavam dos seus contratos, etc. Mas estou quase certo de que ela nunca fez testamento. Disse-me uma vez que só de pensar nisso ficava arrepiada.

- Nesse caso, se faleceu intestada, o senhor, como seu marido, é o único herdeiro.

- Sim, creio que sim.

- Ela tinha familiares?

- Não me parece. Se os tinha, nunca me falou neles. Sei que os pais morreram quando ainda era criança, e não tinha irmãos.

- De qualquer modo presumo que tenha deixado poucos bens...

Kenneth Marshall retorquiu com frieza:

- Pelo contrário. Há apenas dois anos, Sir Robert Erskine, que era um velho amigo dela, faleceu e deixou-lhe quase toda a sua fortuna, no valor de cerca de cinquenta mil libras, creio eu.

O inspetor Colgate levantou os olhos, subitamente alerta. Até então tinha permanecido em silêncio. Agora perguntava:

- Nesse caso, capitão Marshall, a sua esposa era uma mulher rica?

Kenneth Marshall encolheu os ombros.

- Sim, creio que era.

- E continua a afirmar que não deixou testamento?

- Podem perguntar aos advogados. Mas tenho a certeza de que não deixou. Conforme já disse, ela pensava que lhe daria azar.

Houve um silêncio; depois Marshall acrescentou:

- Mais alguma coisa?

Weston abanou a cabeça.

- Não me parece... Colgate? Não. Uma vez mais, capitão Marshall, permita que lhe apresente as minhas condolências.

Marshall pestanejou. Depois disse, hesitante: - Oh... Obrigado. - E saiu.

Os três homens olharam uns para os outros.

- Este é ensaboado - comentou Weston. - Não se consegue arrancar-lhe nada, não é? O que é que acha dele, Colgate?

O inspetor sacudiu a cabeça. - É difícil dizer. Não é do gênero de mostrar o jogo. As pessoas deste tipo causam má impressão no banco das testemunhas, o que pode ser-lhes injusto. Às vezes são umas farsantes, e no entanto não se nota. Foi este tipo de postura que determinou o veredicto de “culpado” no caso Wallace. Não foram as provas. Pura e simplesmente não conseguiram acreditar que um homem pudesse perder a mulher e falar e agir com tanta serenidade a respeito disso.

Weston voltou-se para Poirot.

- Qual é a sua opinião? - perguntou. Hercule Poirot levantou as mãos.

- Que poderei dizer? - respondeu. - Ele é como uma caixa trancada... uma ostra fechada. Foi o papel que escolheu: não ouviu nada, não viu nada, não sabe nada.

- Podemos escolher entre dois motivos - disse Colgate. - Há o motivo do ciúme, e há o motivo do dinheiro. É claro que, de certo modo, um marido é sempre o suspeito óbvio. Pensa-se naturalmente nele em primeiro lugar. Se ele soubesse que a mulher andava metida com outro sujeito...

- Acho que ele sabia isso - interrompeu Poirot.

- Por que diz isso?

- Escute, meu amigo. A noite passada estive conversando com Mrs. Redfern no Terraço do Sol. Ao regressar ao hotel, deparei com os dois, juntos: Mrs. Marshall e Patrick Redfern. E um momento depois encontrei o capitão Marshall. A sua expressão era tensa. Não deixava transparecer nada... mas nada mesmo! Estava excessivamente inexpressiva, se me entendem. Oh! Não restam dúvidas de que ele sabia!

Colgate soltou um resmungo de dúvida.

- Bem, se é essa a sua opinião... - disse.

- Estou certo disso! Mas mesmo assim, o que é que esse fato nos diz? o que sentiria Kenneth Marshall a respeito da mulher?

- Encara a morte da mulher com bastante frieza - disse o coronel Weston. Poirot abanou a cabeça, insatisfeito.

- Por vezes, estes tipos aparentemente mais tranquilos são os mais violentos, por assim dizer. Está tudo recalcado. Pode ter estado loucamente apaixonado por ela... e loucamente ciumento. Mas não é do tipo de demonstrar isso.

- Sim, isso é bem possível - declarou Poirot, lentamente. - É um personagem muito interessante, este capitão Marshall. Sinto-me bastante curioso a seu respeito. E também a respeito do seu álibi.

- O álibi da máquina de escrever - exclamou Weston com uma curta risada. - Qual é a sua opinião a respeito disso, Colgate?

O inspetor Colgate semicerrou os olhos, e disse:

- Bem, como sabe, tenho uma certa simpatia por este álibi. Não é bom demais, se me faça entender. É... bem, é natural. E se confirmarmos que a criada de quarto andava por ali, e escutou o bater da máquina de escrever, nesse caso teremos que aceitá-lo e passar a procurar noutro lado.

- Hum... - fez o coronel Weston. - E procurar onde?

Durante alguns instantes os três homens ficaram ponderando sobre a questão. O inspetor Colgate foi o primeiro a falar.

- Resumindo, teria sido alguém do exterior, ou um hóspede do hotel?

Não elimino totalmente o pessoal, note-se, mas não tenho esperança nenhuma de virmos a descobrir que algum dos empregados se envolveu no assunto. Não, ou é um hóspede, ou é alguém vindo de fora. Temos que encarar o caso da seguinte forma. Em primeiro lugar, o motivo. Há proveito financeiro. A única pessoa que lucraria com a morte dela era o marido, segundo parece. Outros motivos? O principal é o ciúme. Assim, de repente, parece-me que se alguma vez um homicídio teve direito a ser classificado como um *crime passionnel* - fez uma vênua na direção de Poirot, - é sem dúvida este.

Olhando para o teto, Poirot murmurou: - As paixões podem assumir aspectos muito variados...

O inspetor Colgate prosseguiu:

- O marido insistiu em que a vítima não tinha inimigos, mas não posso acreditar nisso! Eu diria que uma senhora como ela faria... Bem, faria alguns inimigos e dos bons... Que acha, hein, monsieur?

- *Mais oui*, tem toda a razão - respondeu Poirot. - Arlena Marshall não poderia deixar de fazer inimizades. Mas na minha opinião a teoria do inimigo não é sustentável, porque, penso eu, os inimigos de Arlena Marshall seriam sempre, como eu disse ainda há pouco, mulheres. Compreende?

O coronel Weston resmungou:

- Há qualquer coisa de verdade nisso. São as mulheres que têm sempre a faca apontada.

Poirot prosseguiu:

- Parece-me pouco plausível que este homicídio tenha sido cometido por uma mulher. O que é que diz o médico legista?

- Neasden parece convencido de que ela foi estrangulada por um homem - informou Weston. - Um homem com mãos grandes e bastante força. Claro que é possível que uma mulher de complexão invulgarmente atlética o pudesse ter feito, mas é bastante improvável.

Poirot concordou com um aceno.

- Exatamente. Arsênico na xícara de chá... uma caixa de chocolates envenenados... uma faca, até mesmo uma pistola; mas por estrangulamento não!

É um homem que temos que procurar.

- E o caso torna-se logo mais complicado - prosseguiu. - Há duas pessoas aqui no hotel que têm motivo para querer Arlena Marshall fora de jogo... mas ambas são mulheres.

- A mulher de Redfern é uma delas, segundo creio - sugeriu o coronel Weston.

- Sim. Mrs. Redfern bem poderia ter tido vontade de matar Arlena Stuart. Convenhamos que motivo não lhe faltava. Parece-me também que Mrs. Redfern seria uma boa candidata para cometer um assassinio, mas não deste gênero. Apesar de toda a sua infelicidade e do seu ciúme, ela não é, na minha opinião, uma mulher de paixões intensas. No que diz respeito ao amor, ela seria devotada, leal, mas não arrebatada. Conforme indiquei ainda há pouco... Arsênico no chá, possivelmente, mas estrangulamento nunca. Tenho também a certeza de que ela seria fisicamente incapaz de cometer este crime, porque tem mãos pequenas, de um tamanho abaixo da média.

Weston acenou.

- Sim, tem razão, isto não é um crime feminino. Não, o assassino é um homem.

O inspetor Colgate tossiu.

- Permita-me sugerir uma solução, senhor. Digamos que, antes de conhecer este Mr. Redfern, a senhora tinha tido outro caso com alguém... chamemos-lhe X. Ela deixa o X por Mr. Redfern. X fica louco de raiva e ciúme. Segue-a até aqui, hospeda-se algures nas proximidades, vem até à ilha, trata-lhe da saúde. - É bem possível!

- É possível, com efeito - disse Weston. - E se for verdade, será fácil de provar. Teria vindo a pé ou de barco? Esta última hipótese parece mais viável. Sendo assim, deve ter alugado um barco em algum lugar. É melhor proceder a algumas investigações, inspetor.

Voltou-se para Poirot. - Que pensa da sugestão do inspetor Colgate?

- De algum modo, depende demasiado do acaso - disse Poirot, lentamente. - Além disso... há qualquer coisa no cenário que não me soa

verdadeiro. Não sou capaz de imaginar este homem... este homem louco de raiva e de ciúme...

- Mas algumas pessoas parecem mesmo ter perdido a cabeça por ela, monsieur. Veja o Redfern, por exemplo.

- Sim, sim... mas mesmo assim...

Colgate olhou para ele, numa muda interrogação. Poirot abanou a cabeça.

- Não sei bem o quê - disse franzindo o sobrolho - mas há alguma coisa que nos escapa...

CAPÍTULO SEIS

O coronel Weston estava examinando o livro de registro do hotel. Começou a ler em voz alta:

- Major e Mrs. Cowan, Miss Pamela Cowan, Master Robert Cowan, Master Evan Cowan, Rydals Mount, Leatherhead.

Mr. e Mrs. Masterman, Mr. Edward Masterman, Miss Jennifer Masterman, Mr. Roy Masterman, Master Frederick Masterman, 5 Marlborough Avenue, Londres, N.W.

Mr. e Mrs. Gardener, Nova Iorque.

Mr. e Mrs. Redfern, Crossgates, Seldon, Princes Risborough.

Major Barry, 18 Cardon St., St. James, Londres, S.W. 1.

Mr. Horace Blatt, 5 Pickersgill Street, Londres, E.C. 2.

M. Hercule Poirot, Whitehaven Mansions, Londres, W 1.

Miss Rosamund Darriley, 8 Cardigan Court, W 1.

Miss Emily Brewster, Southgates, Sunbury-on-Thames.

Rev. Stephen Lane, Londres.

Capitão e Mrs. Marshall, Miss Linda Marshall, 73 Upcott Mansions, Londres, S.W 7.

Terminou a leitura.

- Tenho a impressão de que poderemos cortar os dois primeiros registros

- disse o inspetor Colgate. - Mrs. Castle disse-me que os Mastermans e os Cowans vêm para aqui todos os verões com os filhos. Esta manhã partiram todos numa excursão que demora o dia inteiro, a bordo dum veleiro, levando o almoço com eles. Saíram pouco depois das nove horas. Foram com um guia chamado Andrew Baston. Podemos confirmar com ele, mas creio que é possível deixá-los de lado.

Weston concordou.

- Acho bom. Eliminemos todos os que pudermos. Poderá dar-nos uma dica a respeito dos restantes, Poirot?

- Superficialmente, isso é fácil - disse Poirot. - Os Gardeners são um casal de meia-idade... simpáticos, bastante viajados. A senhora é quem se encarrega de falar. O marido limita-se a concordar. Ele joga tênis e golfe, e usa uma forma de humor seco que se torna agradável quando conseguimos apanhá-lo longe da cara-metade.

- Parece-me ser boa pessoa.

- A seguir: os Redferns. Mr. Redfern é um homem novo, atraente para as mulheres, um excelente nadador, bom jogador de tênis e ótimo dançarino. Da mulher já lhes falei. É muito calada, bonita sem dar na vista. Parece-me bastante dedicada ao marido. Tem algo que Arlena Marshall nunca teve.

- E que é... ?

- Míolos.

O inspetor Colgate suspirou; depois disse:

- A cabeça serve de pouco quando toca a paixões.

- Talvez. E contudo creio firmemente que, apesar dessa paixão desenfreada por Mrs. Marshall, Patrick Redfern gosta realmente da mulher.

- É possível, monsieur. Não seria a primeira vez que isso acontece.

- E isso é que é de lamentar! - murmurou Poirot. - É sempre o que as mulheres acham mais difícil de crer.

Prosseguiu na sua análise da lista dos hóspedes.

- O major Barry. Reformado do exército das Índias. Admirador do sexo oposto e narrador de longas e aborrecidas histórias.

O inspetor Colgate suspirou.

- Não precisa dizer mais. Conheço perfeitamente o tipo.

- Mr. Horace Blatt. Aparentemente um homem rico. Fala muito... a respeito de si mesmo. Quer ser amigo de todos. É pena, porque ninguém gosta muito dele. E há ainda outra coisa. Ontem à noite Mr. Blatt fez-me uma quantidade de perguntas. Não parecia estar à vontade. Sim, há qualquer coisa que não bate certo com respeito a Mr. Blatt.

Fez uma pausa, e a seguir prosseguiu, com um tom de voz diferente:

- A seguir vem Miss Rosamund Darriley. É conhecida no mundo dos negócios pelo nome de Rosamond, Ltd., é uma costureira consagrada. Que poderei dizer acerca dela? É inteligente, encantadora e elegante. Dá gosto olhar para ela. - Calou-se por instantes, e depois acrescentou:

- É uma grande amiga do capitão Marshall desde a adolescência.

Weston endireitou-se na cadeira.

- Ah, é isso, é?

- Sim. Não se viam há vários anos.

- Saberá que ele ia estar aqui?

- Ela diz que não.

Poirot prosseguiu:

- Quem vem a seguir? Miss Bruster. Considero-a um pouco assustadora.

- Abanou a cabeça. - Parece um homem falando. É rude e atlética. Gosta de remar e tem um handicap de quatro no golfe. - Calou-se de novo. - Mas parece-me ter um bom coração.

- Assim resta-nos apenas o reverendo Stephen Lane - comentou Weston.

- Quem é o reverendo Stephen Lane?

- Apenas posso dizer uma coisa. Encontra-se sob uma forte tensão nervosa. Acho também que é um fanático.

- Ah, é um desses - interveio o inspetor Colgate.

- E é tudo! - disse o coronel Weston. Olhou para Poirot. - Parece-me muito pensativo, meu amigo...

Poirot confirmou.

- Tem razão. Quer saber porquê? Quando Mrs. Marshall partiu esta manhã e me pediu para não dizer a ninguém que a tinha visto, cheguei apressadamente a uma certa conclusão. Pensei que a amizade dela com Patrick Redfern tinha provocado um problema entre ela e o marido. Pensei que ia encontrar-se em algum lugar com Patrick Redfern, e não queria que o marido soubesse onde ela estava.

Fez uma pausa.

- Contudo, foi aí que me enganei, sabe. Porque apesar de o marido ter chegado quase a seguir, Patrick Redfern surgiu, e era evidente que também andava à procura dela! Consequentemente, meus amigos, pergunto a mim mesmo: com quem iria Arlena Marshall encontrar-se?

- Isso ajusta-se à minha teoria - comentou o inspetor Colgate. - Algum homem de Londres, ou de qualquer lado.

Hercule Poirot abanou a cabeça.

- Mas, meu amigo - disse -, de acordo com a sua teoria Arlena Marshall tinha deixado esse amigo imaginário. Assim, por que razão se daria a tanto trabalho para ir encontrar-se com ele?

O inspetor Colgate abanou a cabeça. - Quem acha então que seria?

- É isso, precisamente, que não sei. Acabamos de analisar a lista dos hóspedes do hotel. São todos pessoas de meia-idade e desinteressantes. Qual deles poderia rivalizar com Patrick Redfern nas preferências de Arlena Marshall? Não, isso é impossível. E contudo, ela ia ao encontro de alguém... e esse alguém não era Patrick Redfern.

- Acha que ela desejava apenas estar sozinha? - murmurou Weston. Poirot abanou a cabeça.

- *Mon cher* - disse -, é evidente que não chegou a conhecer a falecida. Alguém escreveu uma vez um erudito tratado sobre o efeito que o isolamento poderia exercer sobre o Belo Brummel e sobre um homem como Newton. Arlena Marshall, meu caro amigo, não conseguiria sobreviver na solidão. Vivia exclusivamente para o calor da admiração dos homens. Não, Arlena ia encontrar-se com alguém esta manhã. Mas quem?

O coronel Weston suspirou, abanou a cabeça, e disse:

- Bem, poderemos entrar nas teorias mais tarde. Primeiro temos que despachar os interrogatórios. Há que estabelecer concretamente onde estava toda a gente. Acho que agora é melhor irmos falar com a jovem Marshall. Pode ser que nos diga algo de útil.

Linda Marshall entrou desajeitadamente na sala, colidindo com o batente da porta. Estava ofegante, e tinha as pupilas dilatadas. Parecia um potrozinho assustado. O coronel Weston sentiu simpatia por ela. “Pobre garota...”, pensou “na realidade não passa de uma garota. Isto deve ter sido um grande choque para ela”.

Puxou uma cadeira para ela se sentar e disse-lhe, numa voz tranquilizadora:

- Lamento ter de lhe fazer algumas perguntas, Miss... É Linda, não é?

- Sim, chamo-me Linda.

A voz dela tinha aquele tom aspirado que é característico nas colegiais. As suas mãos descansavam desajeitadamente na mesa, mãos patéticas, grandes e avermelhadas, com ossos volumosos e pulsos compridos. “Uma menina não devia ser envolvida numa coisa destas”, pensou Weston.

- Esta conversa nada tem de alarmante - disse num tom calmo. Apenas queremos que nos conte qualquer coisa que pense poder nos ser útil, mais nada.

- A respeito da Arlena, quer dizer? - perguntou Linda.

- Isso mesmo. Chegou a vê-la esta manhã?

A moça abanou a cabeça.

- Não. A Arlena levanta-se sempre muito tarde. Gosta de tomar o café da manhã na cama.

Hercule Poirot inquiriu: - E a Mademoiselle?

- Eu não. Levanto-me sempre. O café da manhã na cama é tão chato...

- Pode dizer-nos o que fez esta manhã? - perguntou Weston.

- Bem, primeiro fui nadar um pouco e a seguir tomei o café da manhã, e depois fui com Mrs. Redfern à Enseada da Gaivota.

- A que horas partiram?

- Ela tinha-me dito que esperava por mim no saguão às dez e meia. Estava com medo de me atrasar, mas afinal consegui chegar na hora. Pusemo-nos a caminho talvez uns três minutos depois.

- E o que fizeram na Enseada da Gaivota? - perguntou Poirot.

- Oh, eu pus bronzeador e estendi-me ao sol, enquanto Mrs. Redfern desenhava. Depois, mais tarde, meti-me na água e Christine regressou ao hotel para se arrumar para o ténis.

- Recorda-se de que horas seriam? - perguntou Weston, num tom de voz natural.

- Quando Mrs. Redfern regressou ao hotel? Quinze para o meio-dia.

- Tem certeza disso? Quinze para o meio-dia?

- Tenho, sim. Olhei para o meu relógio - replicou Linda, abrindo muito os olhos.

- O mesmo relógio que tem agora?

Linda olhou de relance para o pulso. - Sim, sim.

- Posso vê-lo? - pediu Weston.

Ela estendeu-lhe o pulso. Weston comparou-o com o seu relógio e com o do hotel, afixado na parede. Depois disse, sorridente: - Está certo até os segundos. E depois ficou nadando durante algum tempo?

- Sim.

- E que horas eram quando voltou ao hotel?

- Passava um pouco da uma. E foi então que... que eu soube... a respeito da Arlena...

- Dava-se... Hum... bem com a sua madrasta? - perguntou o coronel Weston.

Linda olhou para ele durante alguns instantes, sem responder.

- Certamente - disse depois.

- Gostava dela, mademoiselle? - perguntou Poirot.

- Certamente - respondeu Linda de novo. - Ela era bastante amável comigo - acrescentou.

- Não tinha nada a ver com o gênero da madrasta cruel, não é? perguntou

Weston, com um ar pretensamente brincalhão.

Linda sacudiu a cabeça sem sorrir.

- Ainda bem. Ainda bem - prosseguiu Weston. - Às vezes, como sabe, há alguns problemas nas famílias... ciúmes, coisas desse gênero. A filha e o pai são grandes amigos e depois ela ressent-se quando ele aparece com uma nova mulher. Não sentia nada disso, não é?

Linda olhou para ele.

- Claro que não - disse com óbvia sinceridade. Weston insistiu.

- Calculo que o seu pai era... bem... muito dedicado a ela?

- Não sei - respondeu Linda simplesmente.

- Como já disse - prosseguiu Weston -, surgem nas famílias dificuldades de toda a espécie: discussões, brigas, esse gênero de coisas. Se o marido e a mulher se desentendem, os filhos também se ressentem. Existe alguma coisa desse gênero no seu caso?

- Está perguntando se o meu pai e a Arlena discutiam? - precisou Linda.

- Bem... sim - admitiu Weston, e pensou: “Que raio de profissão esta, que me obriga a interrogar uma criança a respeito do pai. Mas alguém terá que fazê-lo, bolas”.

- Pois bem - respondeu Linda, decidida. - o meu pai nunca discute com ninguém. Não é desse gênero.

- Muito bem, Miss Linda - prosseguiu Weston. - Quero que pense com muito cuidado. Tem alguma idéia de quem possa ter assassinado a sua madrasta? Terá escutado alguma coisa, ou conhecerá algum fato que nos possa auxiliar em relação a isso?

Linda ficou calada durante um momento. Parecia estar dedicando à pergunta a sua total concentração.

- Não, não sei de ninguém que pudesse ter desejado matar Arlena - disse por fim. - Exceto, claro, Mrs. Redfern.

- Pensa que Mrs. Redfern queria matá-la? - perguntou Weston. - Porque?

- Porque o marido dela estava apaixonado pela Arlena - respondeu Linda.

- Mas não acho que ela quisesse mesmo matá-la. Penso que só desejava que ela

morresse, e isso é uma coisa muito diferente, não é?

- Com certeza, são coisas totalmente diferentes - disse Poirot delicadamente.

Linda acenou. Uma estranha espécie de espasmo perpassou-lhe pelo rosto. Depois disse:

- E de qualquer modo, Mrs. Redfern nunca poderia fazer uma coisa dessas... matar alguém. Ela não é... não é violenta, se me faça entender.

Poirot e Weston acenaram demonstrando ter entendido.

- Percebo perfeitamente o que pretende dizer, minha filha, e concordo consigo - disse Poirot. - Mrs. Redfern não é uma daquelas pessoas que, como é costume dizer-se, “fervem em pouca água”. Não é do tipo - Poirot recostou-se na cadeira, semicerrando os olhos e selecionando cuidadosamente as palavras - de ser possuída por um vendaval de emoções vendo a vida estreitar-se à sua frente... deparando com um rosto odiado... um pescoço branco detestado... sentindo as mãos apertando-se com força... desejosa de fazê-las comprimir aquela carne...

Calou-se. Linda afastou-se sobressaltada da mesa.

- Posso ir-me embora? já acabaram? – disse, numa voz trémula.

- Sim, sim, já terminámos - disse o coronel Weston. - Obrigado, Miss Linda.

Levantou-se para abrir-lhe a porta. Depois regressou à mesa e acendeu um cigarro.

- Ufa! - exclamou. - Não é muito agradável o nosso trabalho. Posso afirmar que me senti incomodado ao fazer àquela criança perguntas a respeito das relações entre o pai e a madrasta. Mais ou menos a convidá-la a colocar uma corda em volta do pescoço do pai. De qualquer maneira, era necessário: um homicídio é um homicídio. E ela é a pessoa que provavelmente melhor conhece a realidade. Ainda bem que não tinha nada a dizer-nos sob esse aspecto.

- Sim, concordo consigo - disse Poirot.

- A propósito Poirot - disse Weston com uma tossidela de embaraço - parece-me que foi um pouco longe demais, já perto do final, com aquela história das mãos a comprimir a carne! Não é uma imagem que se ponha na cabeça de

uma criança...

Hercule Poirot olhou para Weston com um olhar sério, e disse:

- Pensa portanto que lhe pus uma imagem na cabeça?

- Então? Não acha que é verdade?

Poirot abanou a cabeça.

Weston decidiu mudar de conversa. - De qualquer modo, pouco conseguimos extrair-lhe com algum interesse para nós. A não ser um álibi mais ou menos consistente para a Redfern. Se elas estiveram juntas desde as dez e meia até quinze para o meio-dia, Christine Redfern fica inocentada. A esposa ciumenta deixa de ser suspeita.

- Há razões melhores do que essa para se pôr Mrs. Redfern de parte - disse Poirot. - Estou convencido de que lhe seria física e mentalmente impossível estrangular qualquer pessoa. É uma mulher de sangue-frio, não emotiva, capaz de uma profunda dedicação, mas não de se deixar levar pela raiva. Além disso, tem mãos demasiado pequenas e delicadas.

- Concordo com M. Poirot - disse Colgate. - Ela está fora de questão. O Dr. Neasden diz que a mulher foi estrangulada por um possante par de mãos.

- Bem - disse Weston -, acho que é melhor falarmos com os Redferns. Calculo que ele já esteja refeito do choque.

Patrick Redfern já se encontrava efetivamente recomposto. Estava pálido e perturbado, e subitamente parecia mais jovem, mas a sua atitude era tranquila.

- O senhor chama-se Patrick Redfern, residente em Crossgates, Seldon, Princes Risborough?

- Sim.

- Desde quando conhecia Mrs. Marshall?

Patrick Redfern hesitou; depois disse: - Desde há três meses.

Weston prosseguiu: - O capitão Marshall disse-nos que se tinham conhecido casualmente numa festa. Está correto?

- Sim, foi assim que nos conhecemos.

- O capitão Marshall sugeriu que, até se terem encontrado aqui, o senhor e a esposa dele não se conheciam muito bem. É verdade, Mr. Redfern?

Uma vez mais Patrick Redfern hesitou por uns momentos.

- Bem... não é inteiramente correto - disse depois. - Na realidade tínhamos nos encontrado algumas vezes.

- Sem conhecimento do capitão Marshall?

Redfern corou ligeiramente. - Não sei se ele teria conhecimento ou não - disse.

Hercule Poirot interveio.

- E também sem conhecimento da sua esposa, Mr. Redfern? - murmurou.

- Creio ter referido à minha mulher que havia encontrado a famosa Arlena Stuart.

Poirot insistiu: - Mas ela não sabia quantas vezes se tinham encontrado?

- Bem, é possível que não.

- Tinha combinado com Mrs. Marshall encontrarem-se aqui? - perguntou Weston.

Redfern ficou em silêncio por algum tempo. Depois, encolheu os ombros e disse:

- Bem, acho que iam acabar sabendo. Não vale a pena estar esgrimindo com vocês. Andava louco por aquela mulher... enfeitiçado... perdido... tudo o que possam imaginar. Pediu-me que viesse encontrar com ela aqui. Hesitei um pouco, mas depois concordei. Estava... bem estava disposto a fazer tudo o que ela quisesse. Era esse o efeito que ela exercia sobre as pessoas.

- Creio que desenha um retrato perfeito dela. Arlena era a eterna Circe, sem tirar nem pôr! - murmurou Poirot.

- Arlena transformava os homens em animais, lá isso é verdade! disse Patrick Redfern, com amargura. - Estou sendo franco com vocês, meus senhores. Não pretendo esconder nada. Para quê? Como já disse, estava enfeitiçado por ela. Se gostava ou não de mim, não sei. Fingia gostar, mas creio que ela era uma dessas mulheres que se desinteressam de um homem depois de o ter dominado de corpo e alma. Ela sabia que me tinha debaixo do seu controle. Esta manhã, quando a encontrei ali morta, na praia, foi como se... como se alguma coisa me tivesse atingido! Fiquei entontecido... de rastos!

Poirot inclinou-se para a frente. - E agora?

Patrick olhou-o de frente e declarou: - Disse a vocês a verdade. Agora quero perguntar o seguinte: Haverá necessidade destes fatos serem tornados públicos? Não me parece que possam ter qualquer coisa a ver com a morte dela. Se isto passa a ser do conhecimento público, quem irá sofrer mais é a minha mulher. - Continuou - É claro que acham que até agora não pensei muito nela, não é? Talvez seja verdade. Contudo, e apesar de poder soar como o pior dos hipócritas, a verdade é que me preocupo muito com a minha mulher... muito. A outra - encolheu os ombros - foi uma loucura, o gênero de coisa imbecil que os homens às vezes fazem. Mas Christine é diferente, é autêntica. Sei que a tenho tratado mal, mas no íntimo sempre soube que só ela me interessa. - Fez uma pausa, suspirou, e depois disse, de uma forma algo patética: - Quem me dera que acreditassem nisso.

Hercule Poirot, inclinou-se para a frente, e disse: - Ah, mas eu acredito. Sim, sim acredito!

Patrick Redfern olhou para ele, reconhecido. - Obrigado.

O coronel Weston clareou a garganta. - Pode ter a certeza, Mr. Redfern, de que não pretendemos interessar-nos por irrelevâncias. Se o seu entusiasmo por Mrs. Marshall não tem nada a ver com o assassinato, então não adianta trazê-lo a público. Contudo, o que o senhor parece não compreender é que esta... intimidade pode refletir-se diretamente no caso. Poderá constituir, como compreende, um motivo para o homicídio.

- Um motivo? - exclamou Redfern.

- Sim, Mr. Redfern, um motivo! - ripostou Weston. - Talvez o capitão Marshall não soubesse da relação. Suponha que, repentinamente, descobriu.

- Santo Deus - exclamou Redfern. - Quer dizer que ele soube do caso... e matou-a?

- Nunca lhe ocorreu essa hipótese? - perguntou o chefe de polícia com secura.

Redfern abanou a cabeça, e disse: - Não... Tem uma certa graça, mas nunca pensei nisso. Sabe, Marshall é um sujeito tão calmo... Eu... Oh, não me

parece provável.

- Qual era a atitude de Mrs. Marshall em relação ao marido em tudo isto?
- perguntou Weston. - Ter-se-ia mostrado... bem, pouco à vontade, receando que o assunto chegasse ao conhecimento dele? Ou manteve-se sempre indiferente?

Redfern respondeu com lentidão: - Ela parecia... um pouco enervada. Não queria que ele suspeitasse de nada.

- Parecia ter receio dele?

- Receio? Não, não diria tanto.

- Desculpe-me, Mr. Redfern - murmurou Poirot. - Chegaram alguma vez a encarar a hipótese de um divórcio?

Patrick Redfern sacudiu a cabeça com energia. - Oh, não, nunca cheguei a esse ponto. Tinha de pensar na Christine, sabe. E a Arlena, estou certo disso, nunca pensou numa coisa dessas. Estava perfeitamente satisfeita com o seu casamento com Marshall. Ele é... bem, um tipo de certa importância... - Sorriu repentinamente. - É bastante rico. Ela nunca me considerou sequer como um possível marido. Não, eu era apenas um pobre pateta, de uma longa série deles, apenas uma coisa para passar o tempo. Eu sempre soube disso, e mesmo assim, estranhamente, esse fato nunca conseguiu alterar o que sentia por ela...

Calou-se, imerso nos seus pensamentos.

Weston fê-lo regressar à realidade. - Pois bem, Mr. Redfern, tinha marcado alguma coisa para essa manhã com Mrs. Marshall?

Patrick Redfern parecia ligeiramente intrigado.

- Nada de especial - disse. - Normalmente encontrávamo-nos todas as manhãs na praia. Costumávamos passear nos pedalinhos.

- Ficou surpreendido por não tê-la encontrado esta manhã?

- Sim, sim. Muito surpreendido. Não compreendia nada do que poderia estar se passando.

- O que é que pensou?

- Bem, nem sabia o que pensar. Quero dizer, fiquei sempre à espera de que ela aparecesse.

- Se ela por acaso tivesse marcado algum encontro com alguém noutro

local, faz alguma idéia de com quem poderia ter sido?

Patrick Redfern limitou-se a olhar para ele, abanando a cabeça.

- Quando tinha um *rendez-vous* com Mrs. Marshall, onde se encontravam?

- Bem, por vezes encontrávamo-nos à tarde na Enseada da Gaivota. Sabem, é que o sol não bate na enseada na parte da tarde, pelo que não é muito frequentada. Fomos lá algumas vezes.

- Nunca na outra enseada, a do Duende?

- Não, porque a Enseada do Duende fica voltada para oeste e as pessoas passam muito por lá na parte da tarde, nos botes a remos ou nos pedalinhos. Nunca experimentamos nos encontrar durante a manhã. Daria muito na vista. À tarde muitos dos hóspedes fazem sesta e nunca sabem por onde os outros andam.

Weston fez um aceno, e Redfern prosseguiu: - Depois do jantar, claro, quando o tempo estava agradável, costumávamos ir dar uma volta por vários locais da ilha.

- Pois claro! - murmurou Poirot, e Patrick Redfern lançou-lhe um olhar de relance.

- Nesse caso não pode dar-nos nenhuma ajuda quanto ao motivo que terá levado Mrs. Marshall a visitar a Enseada do Duende esta manhã? - perguntou Weston.

Redfern abanou a cabeça e depois disse, com uma voz que parecia genuinamente intrigada: - Não faço a menor idéia! Não parece da Arlena.

Weston insistiu: - Teria ela alguns amigos hospedados na região?

- Que eu saiba, não. Aliás, tenho a certeza de que não tinha.

- Ouça, Mr. Redfern, peço-lhe que pense com muito cuidado. O senhor tinha conhecido Mrs. Marshall em Londres. Deve relacionar-se com alguns membros dos círculos em que ela se movia. Conhecerá alguém que pudesse ter-lhe tido rancor? Alguém, por exemplo, que o senhor tivesse suplantado nos afetos de Arlena?

Patrick Redfern pensou por alguns instantes. Depois abanou a cabeça.

- Com franqueza - disse -, não consigo recordar-me de ninguém.

O coronel Weston tamborilou com os dedos no tampo da secretária. Bem - disse finalmente -, parece que é tudo. Aparentemente, restam-nos três possibilidades: a de algum assassino desconhecido, algum psicopata que por acaso andasse por esta região... e isso é bem difícil de acreditar...

- E contudo é a explicação mais aceitável - interrompeu-o Redfern.

Weston abanou a cabeça: - Não estamos perante um daqueles casos do “bosque isolado”. Esta enseada é dificilmente acessível. O homem teria de chegar através do pontão, passando pelo hotel e atravessando a ilha para descer pelas escadas de ferro, ou então teria que vir por barco. Qualquer destes trajetos é altamente improvável para um homicídio casual.

- Referiu-se a três possibilidades... - disse Patrick Redfern.

- Hum... sim - concordou o chefe de polícia. - Queria dizer que existem mais duas pessoas nesta ilha que tinham motivo para matá-la. O marido, por um lado, e também a sua esposa, Mr. Redfern.

Redfern olhou para ele, aparentemente estupefato.

- A minha mulher? - exclamou. - A Christine? Está sugerindo que a Christine teve alguma coisa a ver com isto?

Pôs-se de pé e prosseguiu, gaguejando um pouco com a sua pressa incoerente de dizer o que pretendia: - o senhor está louco... completamente louco! A Christine? Isso é impossível. Dá vontade de rir!

Weston insistiu: - Seja como for, Mr. Redfern, o ciúme é um motivo muito forte. As mulheres ciumentas podem facilmente perder o controle de si mesmas.

- Christine nunca - disse Redfern gravemente. - Ela... Oh, ela não é nada desse gênero. Sentia-se infeliz, sim. Mas não é do gênero de pessoa capaz de... Não, ela não é uma pessoa violenta.

Hercule Poirot acenou, com uma expressão grave. Violência. A mesma palavra que Linda Marshall tinha usado. Como acontecera antes, Poirot era da mesma opinião.

- Além disso - prosseguiu Redfern, confiante -, seria um absurdo. A Arlena tinha o dobro da força da Christine. Duvido que a Christine conseguisse

estrangular um gatinho, quanto mais uma criatura robusta como a Arlena. E por outro lado Christine nunca teria sido capaz de descer a escada de ferro até à praia. Não suporta alturas. E... Oh, toda essa teoria é impensável.

O coronel Weston coçou uma orelha, pensativo.

- Bem - disse -, visto por esse prisma não parece realmente muito provável, concordo. Mas o motivo é a primeira coisa que temos de procurar. E acrescentou: - o motivo e a oportunidade.

Depois de Redfern sair da sala, o chefe de polícia observou com um ligeiro sorriso: - Não me pareceu necessário contar ao sujeito que a mulher tem um álibi. Queria ver o que ele tinha a dizer a respeito daquela idéia. Ficou um bocado agitado, não lhes parece?

- Os argumentos que apresentou são tão fortes quanto qualquer álibi - murmurou Hercule Poirot.

- Pois são. Oh, não foi ela a assassina! Não poderia ter feito aquilo; era fisicamente impossível, conforme o senhor disse. Marshall podia tê-lo feito... Mas aparentemente também não foi ele.

O inspetor Colgate tossiu; a seguir disse: - Se me dá licença, senhor, tenho estado pensando naquele álibi. Se ele tivesse planeado isto, era possível, como sabe, que ele preparasse as cartas antecipadamente.

- Ora aí está uma boa idéia - disse Weston. - Temos que verificar... Parou de falar ao ver chegar Christine Redfern.

Apresentava-se, como habitualmente, calma e meticulosa. Vestia mini saia branca de tênis e uma camiseta azul-clara. Este traje acentuava a sua beleza, ainda que um tanto anêmica. Contudo, notou Hercule Poirot, o seu rosto nada tinha de apatetado nem de frágil. Mostrava firmeza, coragem e bom senso. Poirot fez-lhe um aceno de apreciação.

Entretanto, o coronel pensava: “Uma jovem agradável. Um pouco desenxabida, talvez. Demasiado simpática para aquele marido, mulherengo e imbecil. Bem, o rapaz ajuda. É novo. É possível que tenha aprendido a lição”.

- Sente-se, Mrs. Redfern - disse. - Temos de cumprir uma certa rotina, como sabe, perguntando a toda a gente os seus movimentos no decorrer desta

manhã. Só para constar nos nossos relatórios.

Christine Redfern anuiu.

- Compreendo perfeitamente - disse na sua voz calma e precisa. Compreendo perfeitamente. Por onde quer que eu comece?

- O mais cedo possível, madame - disse Poirot. - O que fez quando se levantou esta manhã?

- Vejamos - disse Christine. - Ao descer para tomar o café da manhã, dirigi-me ao quarto de Linda Marshall para combinarmos uma ida esta manhã à Enseada da Gaivota. Combinamos nos encontrar no saguão às dez e meia.

- Não foi nadar antes do café da manhã, madame? - perguntou Poirot.

- Não, raramente o faço. - Sorriu. - Gosto da água quente. Sou bastante friorenta.

- Mas o seu marido costuma ir?

- Oh, sim. Quase sempre.

- E Mrs. Marshall também?

Notou-se uma modificação no tom de voz de Christine, que se tornou fria e quase sarcástica: - Oh não, Mrs. Marshall nunca aparecia antes do meio da manhã.

Aparentemente confuso, Hercule Poirot, disse: - Perdão, madame, por ter interrompido. Estava dizendo que tinha ido ao quarto de Miss Linda Marshall. Que horas seriam?

- Deixe-me pensar... Oito e meia... não, um pouco mais tarde.

- E Miss Marshall já estava de pé?

- Oh, sim, já tinha saído.

- Já tinha saído?

- Sim, ela disse que tinha ido à praia tomar um banho.

Notou-se na voz de Christine um toque muito ligeiro de hesitação que intrigou Hercule Poirot.

Weston insistiu: - E depois?

- Depois descii para o café da manhã.

- E a seguir ao café da manhã?

- Subi ao meu quarto, fui buscar o estojo de desenho e o bloco de papel, e saímos.

- A senhora e Miss Linda Marshall?

- Sim.

- Que horas eram então?

- Acho que deveria passar um pouco das dez e meia.

- E o que fizeram?

- Seguimos para a Enseada da Gaivota. Sabe onde é, aquela enseada que fica do lado leste da ilha. Acomodamo-nos ali. Eu fiz um desenho, e a Linda deitou-se ao sol.

- A que horas saíram da enseada?

- Faltavam quinze para o meio-dia. Tinha combinado um jogo de tênis ao meio-dia e ainda tinha que mudar de roupa.

- Tinha o seu relógio consigo?

- Não, por acaso não tinha. Perguntei as horas à Linda.

- Estou vendo. E depois?

- Arrumei as minhas coisas e voltei ao hotel.

- E quanto a mademoiselle Linda?

- A Linda? Oh, a Linda foi nadar.

- Na enseada, sentaram-se muito distantes do mar?

- Bem, ficamos logo a seguir à linha da preamar. Quase por baixo da falésia, para podermos ter um pouco de sombra para mim e de sol para Linda.

- Antes de deixar a praia, chegou a ver Linda entrar na água? - perguntou Poirot.

Christine franziu a testa tentando recordar-se.

- Vejamos - disse. - Ela desceu a praia correndo... eu fechei o meu estojo... Sim, ouvi-a chapinhar na água ao começar a subir a trilha da fâlésia.

- Está certa disso, madame? De que ela entrou mesmo na água?

- Estou, sim. - Olhou-o, surpreendida.

O coronel Weston estava também olhando para ele. Depois disse: - Queira continuar, Mrs. Redfern.

- Cheguei ao hotel, mudei de roupa e dirigi-me à quadra de tênis, onde os outros já esperavam por mim.

- Quem eram os outros?

- O capitão Marshall, Mr. Gardener e Miss Darriley. Jogamos dois sets. Íamos começar o terceiro quando chegou a notícia a respeito... a respeito de Mrs. Marshall.

Hercule Poirot inclinou-se para a frente, e perguntou: - Em que pensou, madame, quando ouviu a notícia?

- Em que pensei? - o rosto dela demonstrava que não tinha gostado da pergunta.

- Sim.

Christine Redfern respondeu lentamente: - Que era... uma coisa horrível.

- Ah, sim, o seu temperamento delicado sentia-se revoltado. Mas o que significaria para si, pessoalmente, o que acontecera?

Ela lançou-lhe um olhar rápido, suplicante. Poirot reagiu àquele olhar, e disse num tom de voz casual:

- Estou a fazer-lhe esta pergunta, madame, porque sei que é uma pessoa inteligente e cheia de bom senso. Sem dúvida que, durante a sua estadia, formou uma opinião a respeito de Mrs. Marshall e do tipo de mulher que ela era.

Christine respondeu cautelosamente: - Creio que qualquer pessoa faz mais ou menos isso quando se hospeda num hotel - respondeu Christine cautelosamente.

- Certamente, é uma coisa completamente natural. Portanto pergunto-lhe, madame, sentiu-se realmente surpreendida pela maneira como ela morreu?

- Creio que estou percebendo o alcance da sua pergunta – comentou Christine, lentamente. - Não, com efeito talvez não me tenha surpreendido. Chocada, sim. Mas ela era o tipo de mulher...

Poirot concluiu a frase por ela.

- Ela era o tipo de mulher a quem uma coisa destas poderia acontecer... Sim, madame, essa é a frase mais verdadeira e mais significativa que já se pronunciou hoje nesta sala. Colocando agora de parte todas as suas... hum...

emoções pessoais, o que pensava realmente da falecida Mrs. Marshall?

Christine Redfern replicou calmamente: - Acha que vale agora a pena enveredarmos por esse caminho?

- Acho que pode valer, sim.

- Bem, que posso eu dizer? - o seu rosto pálido enchera-se repentinamente de cor. A atitude cuidadosa descontraiu-se. Por um curto espaço de tempo surgiu à superfície uma mulher sem quaisquer artifícios. - Ela era do tipo que, na minha opinião, é absolutamente inútil! Não fazia nada para justificar a sua existência. Não tinha nada na cabeça, nem inteligência. Só pensava em homens, roupas e adulação. Uma inútil, uma parasita! Talvez fosse atraente para os homens... Oh, claro que era! E vivia exclusivamente para isso. Portanto, não me surpreendeu que acabasse de um modo tão doloroso. Era o tipo de mulher que se envolveria com tudo o que fosse sórdido... chantagem, ciúme, violência, todo o gênero de emoções básicas. Parecia atrair o que havia de pior nas pessoas.

Calou-se, ligeiramente ofegante. O seu lábio superior, um pouco curto, levantou-se numa expressão de desprezo. O coronel Weston pensou que dificilmente poderia encontrar alguém que mais contrastasse com Arlena Marshall do que Christine Redfern. Ocorreu-lhe também que, para quem fosse casado com Christine Redfern, o dia-a-dia seria tão insípido que as Arlena Stuarts deste mundo teriam indubitavelmente um poder de atração especial.

E depois, na sequência destes pensamentos, uma única palavra, de entre todas as que Christine tinha dito, prendeu a sua atenção com uma intensidade especial. Inclinou-se para a frente e disse:

- Mrs. Redfern, explique-me uma coisa. Ao falar a respeito dela, porque se teria referido a chantagem?

CAPÍTULO SETE

Christine fitou Weston, aparentemente sem perceber o que ele queria dizer. Respondeu quase automaticamente:

- Possivelmente... porque ela estava sendo alvo de chantagem. Era o

gênero de pessoa que se arriscaria a isso.

- Mas... sabe realmente se ela estava sendo vítima de chantagem? - perguntou o coronel Weston.

Uma tênue cor subiu às faces de Christine.

- Por acaso até sei - disse embaraçada. - Escutei... escutei acidentalmente uma coisa.

- Quer explicar, Mrs. Redfern?

Corando ainda mais, Christine Redfern contou:

- Não era... não era intenção minha escutar. Foi um acidente. Foi há duas... não, há três noites. Estávamos jogando bridge. - Virou-se para Poirot. - Recorda-se? O meu marido e eu, M. Poirot e Miss Darriley. Eu era o “morto”. Estava muito abafado na sala de jogo, por isso saí pela porta envidraçada para apanhar um pouco de ar fresco. Dirigi-me para os lados da praia e subitamente escutei vozes. Uma delas, era a de Arlena Marshall, reconheci-a logo; estava dizendo: “Não adianta ficar me pressionando. Não posso conseguir mais dinheiro agora. O meu marido pode suspeitar de alguma coisa”. E depois uma voz de homem disse: “Não aceito mais desculpas. Vai ter que me entregar a gaita”. E a seguir Arlena Marshall disse: “Bruto chantagista!”. E o homem disse: “Bruto ou não, você tem que pagar, minha menina”.

Christine fez uma pausa.

- Quando regressava ao hotel e um minuto depois Arlena Marshall passou por mim, apressada. Parecia... bem, muito transtornada.

- E o homem? Sabe quem seria? - perguntou Weston.

Christine Redfern abanou a cabeça; depois disse: - Falava em voz baixa, eu mal o ouvia.

- Não lhe fez lembrar a voz de nenhum dos homens que conhece daqui?

Ela pensou um pouco, e uma vez mais abanou a cabeça.

- Não, não sei quem seria. Era uma voz roufenha e grave. Poderia... Oh, poderia ter sido qualquer pessoa.

- Obrigado, Mrs. Redfern - agradeceu o coronel Weston.

Quando a porta se fechou atrás de Christine Redfern, o inspetor Colgate

disse: - Agora já estamos chegando a algum lado!

- Acha? - perguntou Weston.

- Bem, é sugestivo, não pode negar. Alguém neste hotel andava fazendo chantagem com a senhora.

- Mas não é o perverso chantagista quem está morto - murmurou Poirot. - É a vítima.

- Isso é uma contrariedade, concordo - disse o inspetor. - Os chantagistas não costumam dar cabo das suas vítimas. Contudo, isto sempre nos sugere uma razão para o invulgar comportamento de Mrs. Marshall esta manhã. Tinha um encontro com este sujeito que andava a chantageá-la, e não pretendia que o marido ou Redfern soubessem do caso.

- Sem dúvida que esclarece esse ponto - concordou Poirot. O inspetor Colgate prosseguiu:

- E pensem no local escolhido. O lugar ideal para o efeito. A senhora parte no pedalinho, uma atividade natural que ela repete todos os dias. Dirige-se à Enseada do Duende, onde ninguém vai na parte da manhã, e que constituirá o local apropriado para um encontro.

- Com efeito - disse Poirot. - Também eu me senti intrigado por esse pormenor. É, como diz, o local apropriado para um *rendez-vous*. É um sítio deserto, só acessível por terra através de uma escada vertical de ferro que não é para qualquer um, *bien entendu*. Além disso, a maior parte da praia é invisível para quem está no cimo da falésia, porque esta cobre parcialmente a enseada. E tem uma outra vantagem. Foi Mr. Redfern quem me contou, um dia. Existe lá uma caverna, cuja entrada não é fácil de encontrar, mas onde alguém poderia esperar sem ser visto.

- Pois claro! - disse Weston. - A caverna da Enseada do Duende... recordo-me de ter ouvido falar dela.

- Não ouço falar disso há anos - interveio o inspetor Colgate. Talvez seja uma boa idéia irmos inspecioná-la. Nunca se sabe: talvez encontremos alguns indícios.

- É capaz de ter razão, Colgate - disse Weston. - já temos a solução para

a primeira parte do enigma. Por que foi Mrs. Marshall à Enseada do Duende? Mas agora ainda nos falta a segunda parte da solução: Com quem foi encontrar-se? Presumivelmente alguém hospedado aqui no hotel. Nenhum dos hóspedes se adapta à descrição de um amante... mas o caso já é diferente tratando-se de um chantagista.

Puxou o livro de registro para si.

- Excluindo-se os garçons, o pessoal da cozinha, etc., que não consideramos prováveis, temos os seguintes: o americano, Gardener; o major Barry; Mr. Horace Blatt, e o reverendo Stephen Lane.

O inspetor Colgate interveio: - Podemos encurtar a lista um pouco mais, senhor. Quase poderemos excluir o americano, acho eu. Estive na praia durante toda a manhã. Não é verdade, M. Poirot?

- Estive ausente durante um curto período de tempo quando foi buscar uma meada de lã a mando da mulher - respondeu Poirot.

- Bem, isso não conta - disse Colgate. Weston prosseguiu: - E quanto aos outros três?

- O major Barry saiu às dez da manhã, regressando às treze e trinta. Mr. Lane saiu ainda mais cedo, tendo tomado o café da manhã às oito. Disse que ia fazer uma caminhada a pé. Mr. Blatt saiu no seu veleiro às nove e meia. como faz quase todos os dias. Nenhum destes regressou ainda.

- No veleiro, hein? - comentou Weston, com uma expressão pensativa.

A voz do inspetor Colgate dava indício de concordância. - Talvez se ajuste bem, senhor - declarou.

- Bem - propôs Weston -, conversaremos com este tal major; vejamos, quem mais haverá? Rosamund Darriley. E depois temos a Brewster, que encontrou o cadáver quando estava acompanhada por Redfern. Que tal é ela, Colgate?

- Oh, parece uma pessoa sensata, senhor. Não é nada tola.

- Não deu qualquer opinião a respeito do assassinato?

O inspetor abanou a cabeça. - Não me parece que ela tenha mais alguma coisa para nos dizer, mas precisamos ter certeza. Depois há ainda os americanos.

O coronel Weston anuiu. - É melhor virem todos ao mesmo tempo, para ficarmos liberados daqui. Nunca se sabe, pode ser que saibamos alguma coisa. Pelo menos a respeito da história da chantagem.

Mr. e Mrs. Gardener apresentaram-se juntos perante as autoridades. Mrs. Gardener explicou imediatamente:

- Espero que compreenda a situação, coronel Weston (é esse o seu nome, não é?). - Elucidada sobre esse pormenor, prosseguiu: - Isto foi um choque terrível para mim, e Mr. Gardener tem sempre muito, muito cuidado com a minha saúde...

- É que Mrs. Gardener é muito sensível - interrompeu Mr. Gardener.

- ... E ele me disse: “Sabe, querida, acho que é melhor acompanhá-la”. Não é que não tenhamos a máxima admiração pelos métodos da polícia britânica, porque temos. Fui informada de que o procedimento da polícia britânica é dos mais corretos e delicados, e nunca duvidei disso, e até aconteceu que uma vez perdi uma pulseira no Savoy hotel, e ninguém podia ser mais atencioso e simpático do que aquele jovem agente que veio falar comigo por causa disso, e, evidentemente, na realidade não tinha perdido a pulseira, apenas a tinha posto no lugar errado; é o resultado de andarmos sempre correndo de um lado para o outro, acabamos por esquecer onde guardamos as coisas... - Mrs. Gardener fez uma pausa, respirou fundo e recomeçou. - É o que eu digo, e sei que Mr. Gardener concorda comigo, e que temos todo o gosto em fazer o que nos for possível para auxiliar a polícia britânica. Portanto, faça o favor e pergunte-me o que quiser saber... O coronel Weston abriu a boca para corresponder ao convite, mas teve de adiar, pois Mrs. Gardener prosseguia:

- Foi o que eu disse, não foi, Odell? E é verdade, não é?

- Sim, querida - respondeu Mr. Gardener.

O coronel Weston interveio, apressado: - Tenho conhecimento, Mrs. Gardener, de que a senhora e o seu marido estiveram na praia durante toda a manhã, não é verdade?

Desta vez, foi Mr. Gardener quem respondeu primeiro: - Efetivamente.

- Foi isso, exatamente - disse Mrs. Gardener. - E foi uma linda e

tranquila manhã, aliás como as outras, só que ainda mais bela, e nós sem suspeitarmos sequer do que estava se passando do outro lado da ilha, naquela praia solitária.

- Chegou a ver hoje Mrs. Marshall?

- Não vimos, não. E até disse ao Odell: “Onde poderá Mrs. Marshall ter ido esta manhã?”. Foi o que eu disse. E primeiro veio o marido à procura dela, e depois aquele jovem simpático, Mr. Redfern, e que impaciente estava, ali sentado na praia, muito carrancudo. E eu disse para comigo: “Se ele tem uma esposa tão simpática, para que há de andar correndo atrás daquela horrível mulher?”. Porque era isso mesmo o que eu pensava dela. Sempre pensei o mesmo, não foi, Odell?

- Sim, querida.

- Não sou capaz de imaginar o que terá levado aquele simpático capitão Marshall a casar-se com uma mulher destas, e ainda por cima com aquela filha tão simpática ainda em crescimento, época em que é tão importante que as moças tenham as influências certas. Mrs. Marshall não era de forma alguma a pessoa adequada, pois não tinha educação nenhuma, e até talvez possuísse uma natureza animal. Se o capitão Marshall fosse pessoa de bom senso teria se casado com Miss Darriley, que é uma mulher encantadora e muito distinta. Tenho que confessar que admiro a coragem com que lutou e construiu uma empresa de primeira classe. É preciso ser inteligente para se conseguir isso, e basta olharmos para Rosamund Darriley para vermos que inteligência não lhe falta. Seria capaz de planejar e executar tudo o que quisesse. Tenho uma enorme admiração por aquela mulher. E no outro dia disse a Mr. Gardener que qualquer pessoa pode ver que ela está apaixonada pelo capitão Marshall; louca por ele, foi o que eu disse, não foi, Odell?

- Sim, querida.

- Parece que se conheceram na infância, e agora, quem sabe, talvez tudo acabe por sair certo, pois aquela mulher já não lhes atrapalha o caminho. Não sou uma mulher de vistas curtas, coronel Weston, e não é que desaprove o ambiente teatral (na verdade, algumas das minhas melhores amigas são atrizes), mas sempre disse a Mr. Gardener que aquela mulher possuía qualquer coisa de

perverso. E, como vêem, tinha razão.

Fez uma pausa triunfal.

Os lábios de Hercule Poirot tremeram num ligeiro sorriso. Por alguns instantes, os seus olhos fixaram-se nos astutos olhos cinzentos de Mr. Gardener.

- Bem, Mrs. Gardener, muito obrigado - disse o coronel Weston, quase em desespero. - Suponho que nenhum de vocês tenha reparado em qualquer coisa que possa ter a ver com este caso?

- Pois não, creio que não. - Mr. Gardener falava num tom de voz lento e arrastado. - Mrs. Marshall andava quase sempre na companhia do jovem Redfern... mas qualquer pessoa poderá dizer-lhe isso.

- E quanto ao marido dela? Acha que ele se importava?

- O capitão Marshall é um homem muito reservado - respondeu Mr. Gardener com prudência.

Mrs. Gardener confirmou isto, dizendo: - Sim, sim, ele é um autêntico súdito de Sua Majestade!

Na fisionomia ligeiramente apoplética do major Barry, várias emoções pareciam estar em disputa. Tentava parecer adequadamente escandalizado, mas não conseguia disfarçar uma espécie de satisfação envergonhada.

Com a sua voz rouca e ligeiramente ofegante, dizia: - Tenho muito gosto em auxiliar vocês no que puder. Claro, não sei nada a respeito daquilo, absolutamente nada. Nem sequer conheço as pessoas. Mas já vivi alguma coisa, sabem. Estive bastante tempo no Oriente, sabem, e posso afirmar que, depois de ter estado num posto fronteiriço indiano, o que não conheço a respeito da natureza humana nem vale a pena conhecer.

Fez uma pausa, respirou fundo e recomeçou.

- Na verdade, este caso recorda-me um outro ocorrido em Simla. Um sujeito chamado Robinson, ou seria Falconer? Seja como for, pertencia ao regimento dos East Wilts, ou seria ao dos North Surreys? Não me recordo bem, e de qualquer forma não interessa. Um tipo sossegado, sabem, gostava de ler, dir-se-ia que não fazia mal a uma mosca. Aproximou-se da mulher certa noite, no

bangalô onde residiam, e apertou-lhe o gasganete. Ela tinha andado metida com um outro tipo, e o marido soube do caso. Quase a despachou desta para melhor! Esteve quase a finar-se. Surpreendeu-nos a todos! Ninguém achava que ele fosse capaz de uma coisa daquelas.

- E encontra aí alguma analogia com a morte de Mrs. Marshall? murmurou Hercule Poirot.

- Bem, o que eu queria dizer... estrangulada, sabe. A mesma idéia. O tipo de repente perde a cabeça!

- Pensa que foi isso o que aconteceu ao capitão Marshall? - perguntou Poirot.

- Ouça lá, eu nunca disse isso! - o rosto do major Barry encarniçou-se ainda mais. - Nunca disse nada a respeito do Marshall. É um sujeito perfeitamente correto. Nunca diria nada contra ele.

- Ah, *pardon*, mas afinal referiu-se às reações naturais de um marido - murmurou Poirot.

- Bem, o que eu queria dizer - afirmou o major Barry -, era que a mulher era das espertinhas, hã? Tinha o jovem Redfern preso por uma coleira. E, certamente teria havido outros antes dele. Mas o que é engraçado, sabem, é que os maridos são bem estúpidos. Assombroso. Nunca deixa de me surpreender. Vêem um tipo que está caído pela mulher mas não reparam que ela também está caída pelo tipo! Lembro-me de um caso desses em Poona. Uma mulher bem jeitosa...

O coronel mexeu-se na cadeira, um pouco impaciente.

- Pois bem, major Barry - disse -, mas por agora pretendemos apenas estabelecer fatos. Saberá pessoalmente de algum fato que possa auxiliar-nos neste caso?

- Bem, Weston, para falar com franqueza não posso dizer que sei. Vi o jovem Redfern uma tarde na Enseada da Gaivota - neste ponto piscou um olho e soltou um riso abafado - e era um lindo espetáculo. Mas não é isso o que pretendem ouvir. Ah, ah!

- Viu Mrs. Marshall esta manhã?

- Não vi ninguém esta manhã. Fui até St. Loo. Que sorte a minha. Isto aqui é um lugar onde não acontece nada durante meses, e, quando acontece, não estou aqui!

A voz do major traía um lamento mórbido.

- Disse que foi a St. Loo? - insistiu o coronel Weston.

- Sim. Precisava telefonar. Aqui não existe telefone e nos correios da Baía de Leathercombe não se pode falar à vontade.

- Os seus telefonemas eram de natureza privada?

O major voltou a piscar um olho alegremente. - Bem, eram, e não eram. Queria entrar em contato com um amigo meu para apostar um dinheirinho num cavalo. Pena foi não ter conseguido apanhá-lo.

- De onde telefonou?

- De uma cabina nos correios de St. Loo. Depois, no regresso, perdi-me por causa daquelas malditas estradas secundárias, muito tortuosas. Devo ter perdido ali mais de uma hora. Só cheguei há cerca de meia hora.

- Falou com alguém, ou encontrou alguém em St. Loo? - perguntou o coronel Weston.

O major Barry soltou uma risada: - Quer que eu prove o meu álibi? Não me recordo de nada que possa ser útil. Vi umas cinquenta mil pessoas em St. Loo, mas isso não quer dizer que alguma delas se lembre de mim.

- Temos de perguntar estas coisas, como sabe - comentou o chefe de polícia.

- Tem toda a razão. Chame-me sempre que quiser. Tenho muito gosto em ajudar vocês. Era uma mulher muito atraente, a falecida. Gostaria de poder ajudá-lo a apanhar o sujeito que fez aquilo. O Crime da Praia Solitária. Aposto que é como os jornais vão chamar isto. Faz-me recordar daquela vez...

Foi o inspetor Colgate quem cortou pela raiz esta nova reminiscência, conduzindo até à porta o loquaz major.

Ao regressar à mesa, comentou: - Será difícil confirmar qualquer coisa em St. Loo. Estamos em plena época de veraneio.

- Pois, podemos riscá-lo da lista - disse o chefe de polícia. - Não creio

sequer que esteja implicado. São às dúzias os chatos como ele que andam por aí. Lembro-me de um ou dois dos meus tempos da tropa. Mesmo assim... é uma possibilidade. Deixo isso ao seu critério, Colgate. Confirme a hora a que ele foi buscar o carro na garagem, a gasolina que gastou, tudo isso. Seria possível ter estacionado o carro em qualquer sítio isolado, regressando a pé para se dirigir à enseada. Mas não me parece provável. Correria um forte risco de ser visto.

Colgate anuiu. - De fato hoje há aqui muitos ônibus - disse. - o dia está ótimo. Começaram a chegar perto das onze e meia. A maré-alta foi às sete. A maré baixa deve ter sido perto da uma da tarde. Deveria haver muita gente espalhada pelo areal e pelo pontão.

- Sim - disse Weston -, mas ele teria que vir do pontão passando pelo hotel.

- Mas não exatamente pela frente do hotel. Podia ter-se desviado para a trilha que passa pelo cimo da ilha.

- Não estou afirmando que ele não poderia fazê-lo sem ser visto - continuou Weston. - Praticamente todos os hóspedes do hotel estavam na praia, exceto Mrs. Redfern e a garota Marshall, que estavam na Enseada da Gaivota; a parte inicial desta trilha só poderia ser observada de alguns quartos do hotel, e há poucas probabilidades de alguém estar na janela precisamente naquele momento. Na realidade é até possível chegar ao hotel, atravessar o saguão e voltar a sair sem que ninguém dê por isso. Mas o que pretendo dizer é que ele não poderia contar que ninguém o visse.

- Poderia ter dado a volta na ilha por barco até à enseada - disse Colgate.

Weston anuiu. - Seria mais lógico - disse. - Se ele tivesse um bote à espera numa das enseadas próximas, podia deixar o carro, meter-se no bote e remar ou velejar até à Enseada do Duende, cometer o assassinio, regressar no bote, voltar ao carro e apresentar-se com esta história da ida a St. Loo e de ter se perdido no caminho... uma história que ele sabia ser muito difícil de refutar.

- Tem razão, senhor.

- Bem, deixo isso ao seu critério - disse o chefe de polícia. - Investigue as redondezas. Sabe o que há de fazer. É melhor conversarmos agora com Miss

Brewster.

Emily Brewster não foi capaz de acrescentar nada de interesse ao que já se sabia.

Depois de ter repetido a sua história, Weston perguntou-lhe: - E não tem conhecimento de mais nada que possa de alguma forma ajudar-nos?

Emily Brewster replicou prontamente: - Receio que não. Foi um caso lamentável. Espero contudo que o resolvam depressa.

- Também é essa a minha esperança - disse Weston.

Emily Brewster ripostou secamente. - Não deve ser muito difícil.

- Que pretende dizer com isso, Miss Brewster?

- Desculpem. Não estava tentando ensinar-lhes o seu trabalho. Só queria dizer que, com uma mulher daquele calibre, não deverá ser muito difícil.

- É essa a sua opinião? - murmurou Hercule Poirot.

Emily Brewster respondeu com secura: - Evidentemente. *De mortuis nil nisi bonum* e tudo isso, mas não podemos esquecer-nos dos fatos. Esta mulher era uma boa bisca da ponta dos pés à ponta dos cabelos. Só terão que investigar um pouco o seu passado repugnante.

- Não gostava dela? - perguntou Hercule Poirot delicadamente.

- Sei demasiadas coisas a seu respeito. - Em resposta aos olhares curiosos, prosseguiu: - o meu primo casou-se com uma das Erskines. Provavelmente já ouviram dizer que aquela mulher convenceu o velho Sir Robert, quando este já estava senil, a deixar-lhe a maior parte da sua fortuna, em detrimento da família.

O coronel Weston perguntou: - E a família... hum... não gostou? - disse o coronel Weston.

- Naturalmente. A associação entre ambos tinha sido escandalosa, e ainda por cima deixar a Arlena uma fortuna de mais de cinquenta mil libras demonstra bem o gênero de mulher que ela era. Posso parecer dura, mas na minha opinião as Arlena Stuarts deste mundo não merecem muita simpatia. Tenho conhecimento de um outro caso: um homem ainda jovem que perdeu completamente a cabeça por ela; sempre tinha sido um pouco desvairado, e a sua

associação com ela levou-o a extremos. Fez qualquer coisa pouco recomendável com umas ações (apenas para arranjar dinheiro para sustentar os caprichos dela) e quase ia sendo preso. Aquela mulher contaminava toda a gente com quem se envolvia. Vejam como ela estava arruinando o jovem Redfern. Não, não posso lastimar a morte dela, se bem que tivesse sido melhor se ela se tivesse afogado, ou caído de um penhasco. A morte por estrangulamento é muito desagradável.

- E acha que o assassino terá sido alguém relacionado com o passado dela?

- Acho, sim.

- Alguém vindo do continente sem que ninguém tivesse notado?

- Por que haveria alguém de notar? Estávamos todos na praia. Creio que a filha de Marshall e Christine Redfern estavam longe, na Enseada da Gaivota. O capitão Marshall encontrava-se no quarto. Assim, quem poderia ter notado a vinda de alguém, com exceção de Miss Darriley?

- Onde se encontrava Miss Darriley?

- Sentada num daqueles recantos escavados no topo da falésia, a que chamam Terraço do Sol. Vimos ela lá, Mr. Redfern e eu, quando íamos remando em volta da ilha.

- É capaz de ter razão, Miss Brewster - disse o coronel Weston.

- Claro que tenho - replicou Emily Brewster com convicção. - Quando uma mulher tem uma vida de tal forma confusa, ela própria poderá oferecer a pista mais válida. Não concorda comigo, M. Poirot?

Hercule Poirot levantou os olhos e cruzou-se com o olhar confiante de Miss Brewster.

- Oh, sim - disse. - Concordo com aquilo que agora mesmo disse. Arlena Marshall é sem dúvida a melhor, a única pista para o seu próprio homicídio.

- Estão vendo? - disse Miss Brewster.

Ficou imóvel, uma figura robusta e muito ereta, enquanto o olhar frio se deslocava confiante de um para outro dos presentes.

- Pode estar certa, Miss Brewster - disse o coronel Weston -, de que não deixaremos nenhuma pista que possa existir no passado de Mrs. Marshall por

considerar.

Emily Brewster saiu.

O inspetor mudou de posição na mesa. - É uma mulher determinada, aquela - disse em tom pensativo. - E tem a faca bem enterrada na falecida, por assim dizer.

Calou-se por um instante. - É pena que tenha um álibi inatacável para toda a manhã - continuou ponderadamente. - Reparou nas mãos dela, senhor? Grandes como as de um homem. E é uma mulher robusta, tão forte como qualquer homem...

Calou-se de novo. O olhar que lançou a Poirot era quase suplicante. - E o senhor diz que ela nunca saiu da praia esta manhã, M. Poirot?

Lentamente, Poirot abanou a cabeça.

- Meu caro inspetor - disse -, ela desceu à praia antes de Mrs. Marshall poder ter chegado à Enseada do Duende, e ficou debaixo do meu olhar até partir com Mr. Redfern no bote a remos.

- Nesse caso, ela fica de fora - disse o inspetor Colgate sombriamente. Parecia transtornado.

Como sempre, Hercule Poirot sentiu muito prazer ao ver Rosamund Darriley. Até a um simples inquérito policial, aos desagradáveis fatos do homicídio ela conseguia trazer uma distinção muito sua.

Sentou-se em frente do coronel Weston e olhou para ele com um rosto sério e inteligente.

- Quer o meu nome e endereço? - perguntou. - Rosamund Anne Darriley. Sou modista e possuo um atelier com o nome Rose Mond W., sediado em 622 Brook Street.

- Obrigado, Miss Darriley. Poderá agora dizer-nos alguma coisa que possa ajudar-nos?

- Não creio.

- Os seus próprios movimentos...

- Tomei o café da manhã perto das nove e meia. Depois voltei ao quarto

e peguei em alguns livros e no meu chapéu-de-sol, e dirigi-me para o Terraço do Sol. Deviam ser então dez e vinte e cinco. Voltei ao hotel faltariam uns dez minutos para o meio-dia, fui buscar a minha raquete de tênis e dirigi-me para a quadra, onde estive jogando até à hora do almoço.

- Esteve entre as dez e meia e as onze e cinquenta no terraço escavado na falésia, a que o hotel dá o nome de Terraço do Sol?

- Estive.

- Chegou a ver Mrs. Marshall durante a manhã?

- Não.

- Viu-a da falésia, quando ela seguia no pedalinho dirigindo-se à Enseada do Duende?

- Não, ela deve ter passado antes da minha chegada.

- Deu pela passagem de alguém, quer num pedalinho quer num bote, ao longo da manhã?

- Não me recordo de ter visto ninguém. Sabe, estava lendo. Claro que de vez em quando levantava os olhos do livro, mas, sempre que olhei, não vi ninguém.

- Nem reparou sequer na passagem de Mr. Redfern e Miss Brewster, quando circundavam a ilha?

- Não.

- A senhora conhece Mr. Marshall já há algum tempo, segundo me consta.

- O capitão Marshall é um velho amigo. As nossas famílias eram vizinhas. Contudo, há vários anos que não o encontrava... talvez há uns doze.

- E Mrs. Marshall?

- Nunca cheguei a trocar meia dúzia de palavras com ela até encontrá-la aqui.

- Acha que as relações entre o capitão e Mrs. Marshall eram amistosas?

- Eram perfeitamente normais, na minha opinião.

- E o capitão Marshall era muito dedicado à esposa?

- É capaz de ter sido - disse Rosamund. - Não posso realmente dizer-lhe

nada a esse respeito. O capitão Marshall é um tanto antiquado... não tem o hábito moderno de gritar os seus problemas matrimoniais aos quatro ventos.

- Gostava de Mrs. Marshall, Miss Darriley?

- Não.

O monossílabo surgiu calmamente e sem emoção. Parecia o que na realidade era: simples declaração de fato.

- Porquê?

Um ligeiro sorriso surgiu nos lábios de Rosamund.

- Já devem ter certamente descoberto que Arlena Marshall não era popular entre as pessoas do seu próprio sexo - disse. - As mulheres enchiam-na de tédio, e ela demonstrava-o. De qualquer modo, gostaria de ter sido encarregada de cuidar do seu guarda-roupa. Tinha muito bom gosto no que se refere ao vestuário. Escolhia sempre as peças muito criteriosamente, e a sua figura ajudava. Gostaria de tê-la tido entre as minhas clientes.

- Ela gastava muito dinheiro em roupas?

- Tenho a certeza disso. Mas tinha fortuna própria, e evidentemente o capitão Marshall é uma pessoa abastada.

- Miss Darriley, ouviu por acaso dizer, ou ter-lhe-á alguma vez ocorrido, que Mrs. Marshall estaria sendo vítima de chantagem?

Um ar de intenso espanto surgiu no rosto expressivo de Rosamund Darriley.

- Chantagem? Arlena? - exclamou.

- A idéia parece surpreendê-la.

- Sim, e bastante. Parece-me tão incongruente...

- Mas acha que é possível?

- Tudo é possível, não é? A vida depressa nos ensina isso. Só não entendo acerca de quê se poderia exercer chantagem sobre Arlena.

- Haveria, talvez, certas coisas que Mrs. Marshall não desejava que chegassem ao conhecimento do marido?

- Sim... talvez. - Rosamund logo explicou a dúvida patente na sua voz dizendo, com um pequeno sorriso:

- Posso parecer cética, mas a verdade é que Arlena tinha uma conduta duvidosa. Nunca fez qualquer esforço para passar por pessoa respeitável.

- Pensa, então, que o marido tinha conhecimento das relações íntimas que ela mantinha com outras pessoas?

Houve uma pausa. Rosamund franziu a testa. Por fim falou numa voz lenta, relevante:

- Sabe, nem sei realmente o que pensar. Sempre presumi, para falar com franqueza, que Kenneth Marshall aceitava a mulher tal como ela era. Que não tinha ilusões a seu respeito. Mas é possível que não fosse assim.

- Acha que ele confiava absolutamente na mulher?

- Os homens são mesmo tontos! - exclamou Rosamund, quase exasperada. - No seu íntimo, Kenneth Marshall é um homem muito simples, apesar dos seus modos sofisticados. Pode realmente ter confiado cegamente nela. Pode ter pensado que ela era apenas... admirada por todos.

- E não conhece ninguém... melhor dizendo, nunca lhe terá constado que alguém pudesse guardar rancor de Mrs. Marshall?

Rosamund Darriley sorriu.

- Só as esposas ressentidas - disse. - Contudo, visto que ela foi estrangulada, presumo que foi algum homem que a matou.

- Com efeito.

- Não, não sou capaz de pensar em ninguém - disse Rosamund, pensativa. - Mas, por outro lado, é natural que eu nunca chegasse a saber. Terá que perguntar a alguém dos círculos mais próximos de Arlena.

- Obrigado, Miss Darriley.

Rosamund voltou-se ligeiramente na cadeira. - M. Poirot não terá qualquer pergunta a fazer-me? - Lançou-lhe um sorriso levemente irônico. Hercule Poirot sorriu também, e abanou a cabeça.

- Não consigo lembrar-me de nenhuma pergunta - disse.

Rosamund Darriley levantou-se e saiu da sala.

CAPÍTULO OITO

Estavam todos de pé no quarto que tinha sido ocupado por Arlena Marshall.

Duas amplas janelas de sacada abriam-se para uma varanda virada para a praia e para o mar. O sol entrava a jorros no aposento, fazendo rebrilhar a imponente variedade de frascos e potes no toucador de Arlena.

Havia ali exemplares de todos os tipos de cosméticos e unguentos conhecidos nos salões de beleza. Entre esta panóplia de aparatos femininos três homens moviam-se cheios de determinação. O inspetor Colgate não cessava de abrir e fechar gavetas.

A certa altura soltou um grunhido. Tinha encontrado um maço de cartas dobradas. Ele e Weston examinaram-nas conjuntamente.

Hercule Poirot tinha-se dedicado ao guarda-roupa. Abriu a porta do roupeiro do lado dos cabides e examinou a multiplicidade de vestidos e roupas ali penduradas. Abriu depois a outra porta. Vaporosa roupa interior acumulava-se em pilhas. Numa ampla prateleira viam-se chapéus. Dois outros chapéus de praia em cartão pintado, um vermelho e o outro amarelo-pálido; um amplo chapéu de palha havaiano, um de linho azul-escuro e três ou quatro outros absurdos, sem dúvida bastante caros: uma espécie de boina azul-escura, um tufo - nada mais do que isso - de veludo negro, um turbante cinzento-pálido.

Hercule Poirot examinou-os demoradamente com um ligeiro sorriso indulgente nos lábios.

- *Les femmes!* - murmurou.

O coronel Weston estava dobrando de novo as cartas.

- Três delas foram escritas pelo jovem Redfern - anunciou. - Grande imbecil! Daqui a alguns anos saberá que não deve escrever cartas a mulheres.

Elas guardam-nas sempre, mas juram que já as queimaram... Há ainda uma outra carta de teor semelhante.

Entregou-a a Poirot, que começou a lê-la.

Querida Arlena.

Santo Deus, sinto-me deprimido. Ter que ir para a China, talvez sem poder voltar a ver-lhe durante anos e anos. Não fazia idéia de que um homem pudesse ficar doido por uma mulher como eu estou por você. Obrigado pelo cheque. Agora já não me levam ao tribunal. Esteve por pouco, e tudo apenas porque eu queria ganhar muito dinheiro para te oferecer tudo aquilo que você merece. Poderá me perdoar? Queria enfeitar as suas orelhas com diamantes, e enrolar grandes pérolas leitosas em volta do seu pescoço, só que dizem que hoje em dia as pérolas já perderam o seu valor. Uma fabulosa esmeralda, então? Sim, é isso. Uma enorme esmeralda fria e verde e cheia de fogo escondido. Não se esqueça de mim... mas estou certo de que não o fará. Você é minha... para sempre. Adeus... adeus... adeus.

J. N.

- Talvez valha a pena saber se este J.N. foi realmente para a China - disse o inspetor Colgate. - Se não foi... bem, então talvez seja a pessoa que procuramos. Louco pela mulher, a idealizá-la, e de repente descobre que ela lhe passou pra trás. Parece-me que este bem pode ser o tipo de que Miss Brewster falou. Sim, acho que isto pode ser-nos útil.

Hercule Poirot, concordou.

- Sim - disse -, esta carta é importante. Considero-a bastante importante.

Olhou em redor e observou o quarto, os frascos no toucador, o roupeiro aberto e um volumoso Pierrot insolentemente recostado na cama. Passaram depois para o quarto de Kenneth Marshall.

Era contíguo ao da mulher, mas não tinha porta de comunicação, nem abria para a varanda. Tinha frente para o mesmo lado e dispunha de duas janelas, mas era bastante menor. Entre as duas janelas um espelho com moldura dourada pendia da parede. No canto a seguir à janela do lado direito estava o toucador. Sobre este viam-se duas escovas com cabo de marfim, uma escova de roupa e um frasco de loção capilar. No canto oposto, a seguir à janela da esquerda, havia uma escrivaninha. Uma máquina de escrever portátil estava aberta sobre a mesa, com uma pilha de papel ao lado.

Colgate examinou-os rapidamente.

- Parece-me tudo normal - disse. - Ah, aqui está a carta a que ele se referiu esta manhã. Está datada do dia 24, que foi ontem, e aqui está o envelope carimbado esta manhã nos correios da Baía de Leathercombe. Bate tudo certo. Agora poderemos saber se ele terá preparado antecipadamente a resposta.

Sentou-se à escrivaninha e o coronel Weston disse-lhe: - Vá analisando isso, enquanto nós damos uma olhadela pelos outros quartos. Até agora toda a gente tem sido impedida de entrar neste corredor, e começam a ficar um pouco enervados com isso.

Entraram a seguir no quarto de Linda Marshall. Era virado para leste, e da janela podiam observar-se os rochedos até o mar.

Weston lançou um olhar em redor.

- Não deve haver muito para se ver aqui - murmurou. - Mas seria lógico o Marshall pretender guardar no quarto da filha qualquer coisa que não desejasse que encontrássemos. Pouco provável, contudo. Não andamos procurando nenhuma arma nem qualquer coisa do gênero. - E saiu outra vez.

Hercule Poirot deixou-se ficar, e encontrou na grelha da lareira algo que lhe interessou. Qualquer coisa tinha sido queimada ali recentemente. Depositou o seu achado numa folha de papel. Um naco irregular de cera de vela, alguns fragmentos de papel ou cartão verde, possivelmente uma folha de calendário, pois sobrava um pedaço não carbonizado com o algarismo 5 e algo impresso... nobres ações... Havia ainda um alfinete vulgar e um fragmento de matéria orgânica que poderia ser cabelo.

Poirot dispôs os vestígios numa fila ordenada e observou-os.

- Executa nobres ações, não te limites a sonhar com elas - murmurou.

- *C'est possible*. Mas o que se poderá depreender desta estranha coleção?

C'est fantastique!

A seguir pegou no alfinete e os olhos esbugalharam-se.

- *Pour amour de Dieu!* Será possível?

Hercule Poirot levantou-se de onde estava ajoelhado junto da lareira.

Lentamente, olhou em redor da sala, e desta vez havia uma expressão no

seu rosto. Era uma expressão grave, quase severa.

À esquerda da prateleira da lareira havia uma estante com uma fileira de livros. Hercule Poirot observou pensativamente os títulos.

Uma Bíblia, um exemplar muito usado das peças de Shakespeare. *O Casamento de William Ashe*, de Mrs. Humphry Ward. *A Jovem Madrasta*, de Charlotte Yonge. *O Moço de Shropshire*. *O Crime na Catedral*, de Eliot. *A Santa Joana*, de Bernard Shaw. *E o Vento Levou...*, de Margaret Mitchell. *O Tribunal em Chamas*, de Dickson Carr.

Poirot retirou dois livros da estante, *A Jovem Madrasta* e *William Ashe*, e olhou de relance para o *ex libris* apostado no frontispício. Quando estava prestes a arrumá-los, reparou num livro que tinha sido enfiado atrás dos outros. Era um volume pequeno e grosso, encadernado em carneira castanha.

Pegou nele e abriu-o. Muito lentamente, abanou a cabeça.

- Portanto eu tinha razão... - murmurou. - Sim, estava certo. Mas, quanto ao resto... será possível, também? Não, não é possível, a não ser que...

Ficou imóvel onde estava, cofiando o bigode enquanto o espírito se atarefava às voltas com o problema.

- A não ser que... - disse de novo num sussurro.

O coronel Weston veio espreitar à porta.

- Então, Poirot, ainda está aí?

- Já vou, já vou - disse Poirot. E apressou-se a sair para o corredor. O quarto a seguir ao de Linda era o dos Redferns.

Poirot observou-o, notando automaticamente os indícios de duas personalidades diferentes: uma arrumação e um asseio que associava a Christine, e uma pitoresca desordem que era característica de Patrick. Com a exceção destes reflexos de personalidade, o aposento não lhe despertou qualquer interesse.

A seguir era o quarto de Rosamund Darriley, e nesse Poirot demorou-se algum tempo, envolto no puro prazer da personalidade da sua ocupante. Reparou nos poucos livros que descansavam sobre a mesa ao lado da cama, na sobriedade dos dispendiosos artigos de toilette dispostos no toucador. Chegava-lhe às narinas o esquivo aroma do perfume caro que Rosamund usava.

Ao lado do quarto de Rosamund Darriley, no extremo norte do corredor, uma janela ampla dava para uma varanda, da qual uma escadaria exterior conduzia às rochas.

- É por aqui - comentou Weston - que as pessoas descem quando vão tomar banho de mar antes do café da manhã... quer dizer, se mergulham das rochas, como quase todos fazem.

Os olhos de Poirot adquiriram uma expressão de interesse. Saiu para a varanda e olhou para baixo.

Ao fundo da escadaria, uma trilha terminava numa série de degraus -, que desciam em ziguezague pelas rochas até ao mar. Havia também uma outra trilha que contornava o hotel, pela esquerda.

- Seria possível - disse Poirot - descer estes degraus, virar à esquerda em redor do hotel e chegar ao caminho principal vindo do pontão.

Weston confirmou com um aceno, e completou a afirmação de Poirot.

- É possível atravessar a ilha sem sequer passar através do hotel. Mas mesmo assim podia ser-se visto de uma das janelas - acrescentou.

- De qual?

- Dois dos banheiros coletivos estão voltados para este lado, para o norte, e também a janela do banheiro dos funcionários, e a do bengaleiro no térreo. E ainda as da sala de bilhar.

Poirot acenou.

- Mas todas elas possuem vidraças foscas - disse -, e ninguém joga bilhar numa bela manhã.

- Exatamente.

Após uma pausa, Weston disse: - Se foi ele, foi por ali que seguiu.

- Está se referindo ao capitão Marshall?

- Estou. Chantagem ou não, ainda sinto que tudo aponta para ele. E o seu comportamento... bem, o seu comportamento é no mínimo infeliz.

- Talvez - ripostou Hercule Poirot, secamente, - mas não é o comportamento que faz um criminoso!

- Nesse caso, acha que ele está fora de questão? - perguntou Weston.

Poirot abanou a cabeça.

- Não, não diria isso.

- Veremos o que Colgate conclui do álibi da máquina de escrever - disse Weston. - Entretanto, tenho a criada de quarto deste andar esperando para ser interrogada. Muito poderá depender do que ela disser.

A criada de quarto era uma mulher de cerca de trinta anos, vivaz, eficiente e inteligente. As suas respostas eram prontas.

O capitão Marshall subira ao seu quarto pouco depois das dez e trinta. Nessa altura, ela estava acabando de arrumar o aposento. Ele pediu-lhe para não se demorar. Não o vira regressar, mas tinha escutado o bater da máquina de escrever pouco tempo depois. Segundo ela, deveriam faltar cinco para as onze. Estava nessa altura arrumando o quarto do casal Redfern. Em seguida passou para o de Miss Darriley, no extremo do corredor. Dali não podia escutar a máquina de escrever. Tinha chegado ao quarto de Miss Darrilley, segundo calculava, pouco depois das onze. Recordava-se de ter ouvido o sino da igreja de Leathercombe dar as horas ao entrar no quarto. Às onze e quinze descera ao andar de baixo para tomar o seu chá das onze e comer qualquer coisa. Depois seguira tratando dos quartos na outra ala do hotel. Respondendo a uma pergunta do chefe de polícia, explicou que tinha arrumado os quartos deste corredor pela seguinte ordem: o de Miss Linda Marshall, os dois banheiros coletivos, o quarto e o banheiro privativo de Mrs. Marshall. O quarto do capitão Marshall, o quarto e o banheiro privativo do casal Redfern, e o quarto e o banheiro privativo de Miss Darriley. Os quartos do capitão Marshall e da filha não dispunham de banheiros privativos.

Enquanto se encontrava no aposento de Miss Darriley não vira ninguém passar pela porta ou descer a escadaria para as rochas, mas era possível que não tivesse dado por isso se alguém se deslocasse sem fazer ruído.

Em seguida, Weston encaminhou as suas perguntas para o tópico de Mrs. Marshall.

Não, normalmente Mrs. Marshall não se levantava cedo. Ela, Gladys Narracott, surpreendera-se ao encontrar a porta aberta e Mrs. Marshall já

levantada quando passava um pouco das dez. Era realmente bastante invulgar.

- Mrs. Marshall costumava tomar o café da manhã na cama?

- Oh, sim, senhor, sempre. E comia muito pouco. Só chá e suco de laranja e uma torrada, Estava de dieta, como tantas outras senhoras.

Não, ela não notara nada de especial no comportamento de Mrs. Marshall naquela manhã. Apresentava-se como normalmente.

- Que pensava a respeito de Mrs. Marshall, mademoiselle? - murmurou Poirot.

Gladys Narracott olhou para ele fixamente.

- Bem, acho que não me compete dizer, pois não, senhor?

- Compete, sim, claro que lhe compete. Temos todo o interesse em conhecer a sua opinião.

Gladys lançou um olhar ligeiramente inquieto ao chefe de polícia, que fez o possível para lhe mostrar um rosto amável e aprovador, se bem que pessoalmente discordasse dos métodos de abordagem do seu colega estrangeiro.

- Sim - disse por fim -, certamente... Diga, diga.

Pela primeira vez a eficácia vivaz de Gladys Narracott parecia tê-la abandonado. Os seus dedos apalpavam distraídos o tecido da bata.

- Bem... - disse. - Mrs. Marshall não era exatamente uma senhora, por assim dizer. O que eu quero dizer é que ela era mais do gênero de uma atriz.

- Era realmente uma atriz - declarou o coronel Weston.

- Sim senhor, é isso o que estou dizendo. Fazia exatamente o que lhe apetecia. Não se dava... bem, não se dava ao trabalho de ser delicada, se não estivesse de bom humor. Num dado momento era capaz de ser toda sorrisos, e depois, se por acaso não encontrava qualquer coisa, ou se não se atendia logo à campainha de chamada, ou se a roupa não tinha ainda voltado da lavanderia, bem, tornava-se logo malcriada e antipática. Não se pode dizer que algum de nós gostasse dela. Mas vestia-se muito bem, e, claro, era mesmo bonita, e por isso era natural que fosse admirada.

- Custa-me muito ter que lhe perguntar isto - disse o coronel Weston - mas trata-se de um assunto de enorme importância. Pode explicar-me como eram

as relações entre ela e o marido?

Gladys Narracott hesitou por uns instantes.

- Não pensam... não foi... não acham que tenha sido ele, não é?

Hercule Poirot perguntou prontamente:

- A menina acha?

- Oh, não! Nem quero pensar nisso! Ele é um cavalheiro tão delicado, o capitão Marshall. Não seria capaz de fazer uma coisa dessas... tenho a certeza disso.

- Mas não está completamente segura do que está dizendo... posso perceber pela sua voz.

Gladys Narracott acrescentou com relutância: - Bem... lê-se cada coisa nos jornais... Se aconteceram realmente coisas esquisitas... e, claro, toda a gente anda falando disso... entre ela e Mr. Redfern... E Mrs. Redfern, que é uma senhora tão simpática e discreta! É mesmo uma pena! Mr. Redfern é também um cavalheiro, mas parece que os homens não são capazes de se dominarem quando se trata de uma senhora como Mrs. Marshall, habituada a fazer sempre o que deseja. As esposas muito têm que suportar, acho eu! - Fez uma pausa e suspirou.

- Mas se o capitão Marshall tivesse descoberto...

O coronel Weston insistiu, impaciente: - Diga, diga!

Gladys prosseguiu, pausadamente: - Às vezes cheguei a pensar que Mrs. Marshall tinha medo de que o marido viesse a descobrir.

- Porquê?

- Não foi nada de concreto, senhor. Só sentia que... às vezes ela tinha... medo dele. Ele era um senhor muito calmo, mas não era... não era nada fácil.

- Mas não tem nada de definido em que possa basear-se? Nada que algum deles tenha dito ao outro?

Lentamente, Gladys Narracott, abanou a cabeça.

Weston suspirou e prosseguiu: - Agora falemos das cartas que Mrs. Marshall recebeu esta manhã. Sabe alguma coisa a respeito disso?

- Eram umas seis ou sete, senhor. Não tenho bem a certeza.

- Foi você que as levou?

- Sim, senhor, fui. Apanhei-as na recepção, como de costume, e coloquei-as no tabuleiro do café da manhã.

- Recorda alguma coisa do aspecto delas?

A moça abanou a cabeça. - Eram só cartas normais. Algumas eram contas ou circulares, acho eu, porque ficaram rasgadas no tabuleiro.

- Que foi feito delas?

- Foram jogadas no lixo, senhor. Um dos senhores da polícia já está agora lá examinando.

Weston fez um aceno. - E o conteúdo dos cestos de papéis, onde foi parar?

- Deve estar também no depósito do lixo.

- Hum... bem - disse Weston -, acho que por agora é tudo. - Olhou interrogativamente para Poirot. Este inclinou-se para a frente e perguntou:

- Quando arrumou o quarto de Miss Linda Marshall esta manhã, limpou também a lareira?

- Não havia nada lá, senhor. A lareira não tinha sido acesa.

- E não havia nada na grelha da lareira?

- Não senhor, estava tudo limpo.

- A que horas limpou esse quarto?

- Eram talvez nove e quinze, enquanto ela descia para tomar o café da manhã.

- Ela voltou ao quarto, depois do café da manhã?

- Sim, senhor. Eram perto das nove e quarenta e cinco.

- E ficou no quarto?

- Acho que sim, senhor. Vi-a depois sair apressada, um pouco antes das dez e meia.

- Depois disso você não voltou àquele quarto?

- Não, senhor. já tinha terminado com ele.

Poirot fez um aceno.

- Há uma outra coisa que preciso saber - disse. - Quantas pessoas foram tomar banho de mar antes do café da manhã?

- Não sei, no que se refere à outra ala ou ao piso de cima. Só deste.

- É só deste que me interessa.

- Bem, senhor, o capitão Marshall e Mr. Redfern foram os únicos esta manhã, acho eu. Eles descem sempre para um mergulho matinal.

- Viu-os?

- Não, mas as roupas de banho estavam secando no corrimão da varanda, como de costume.

- Miss Linda Marshall não foi tomar banho esta manhã?

- Não, senhor. Todos os maiôs dela estavam secos.

- Ah! - exclamou Poirot. - Era isso que eu queria saber.

Gladys Narracott, achou por bem acrescentar: - Mas ela costuma ir tomar banho todas as manhãs, senhor.

- E as outras três, Miss Darriley, Mrs. Redfern e Mrs. Marshall?

- Mrs. Marshall nunca, senhor. Miss Darriley uma vez ou outra, acho eu.

Mrs. Redfern não costuma ir ao mar antes do café da manhã, a não ser quando está muito calor. Mas esta manhã não foi.

Novamente Poirot, acenou. Depois perguntou: - Gostaria de saber se teria dado pela falta de um frasco em algum dos quartos de que toma conta nesta ala.

- Um frasco, senhor? Que gênero de frasco?

- Infelizmente não sei. Mas notou... Ou seria capaz de notar se por acaso faltasse algum?

Gladys falou com franqueza: - Se fosse do quarto de Mrs. Marshall, nem pensar, ela tem tantos...

- E dos outros quartos?

- Bem, não tenho bem certeza quanto ao quarto de Miss Darriley, porque tem muitos cremes e loções. Mas dos outros quartos, acho que sim. Quero dizer, se tivesse que procurar com cuidado. Se tivesse que reparar, por assim dizer.

- Mas não chegou a reparar em nada, não é?

- Não, pois não estava procurando com cuidado, como já disse.

- Nesse caso, talvez seja melhor ir agora reparar.

- Como queira, senhor.

Saiu da sala, com o avental de tecido estampado farfalhando. Weston olhou para Poirot, e perguntou: - Qual é o objetivo de tudo isto?

- É o meu espírito metódico, que se inquieta com ninharias! Miss Brewster esteve esta manhã, antes do café da manhã, tomando banho perto das rochas, e diz que alguém atirou um frasco do alto da falésia que quase lhe acertava. *Et bien*, pretendo saber quem atirou o frasco e porquê!

- Meu caro amigo, qualquer pessoa poderia ter atirado um frasco no mar!

- De modo algum. Em primeiro lugar, só poderia ter sido arremessado de uma janela na ala leste do hotel, ou seja, de uma das janelas dos quartos que acabamos de examinar. Agora, deixe-me perguntar-lhe: se tiver um frasco vazio no seu toucador ou no banheiro, o que faria com ele? Eu digo-lhe: atirava-o no cesto de papéis. Ninguém se dá ao incômodo de ir à varanda e atirá-lo ao mar! Por um lado, poderia atingir alguém, e por outro seria um trabalho inútil. Não, só fariam isso se não quisessem que vissem esse frasco!

Weston olhou para ele fixamente.

- Sei que o inspetor-chefe Japp - disse - que conheci há algum tempo num outro caso, diz sempre que o senhor possui uma mente muito tortuosa. Não irá certamente dizer-me que Arlena Marshall não foi realmente estrangulada mas antes envenenada com uma droga misteriosa qualquer transportada num frasco misterioso!

- Não, não! Não acho que o tal frasco contivesse qualquer veneno.

- Nesse caso, o que conteria?

- Não faço a menor idéia. É por isso que estou tão interessado.

Gladys Narracott regressou. Vinha um pouco esbaforida.

- Desculpe, senhor, mas não dei pela falta de nada. Tenho a certeza de que não falta nada no quarto do capitão Marshall, no de Miss Linda, nem no do casal Redfern, e também sei que nada falta no de Miss Darriley. Mas não posso afirmar nada quanto ao de Mrs. Marshall. Como já disse, lá existem tantos frascos...

Poirot encolheu os ombros.

- Não tem importância - disse. - Deixemos isso.

- Precisam de mais alguma coisa? - perguntou Gladys Narracott. Olhou para um e depois para o outro.

- Acho que não. Obrigado - agradeceu Weston.

- Nada mais, obrigado - disse Poirot. - Tem a certeza de que não haverá mais nada, por mais simples que seja, que se tenha esquecido de nos dizer?

- A respeito de Mrs. Marshall, senhor?

- A respeito de qualquer coisa. Qualquer coisa de invulgar, fora do usual, por explicar, ligeiramente estranho, algo curioso... Enfim qualquer coisa que a tenha feito dizer a si mesma ou a algum colega: “Tem graça!”.

- Bem, nada do gênero de coisa que possa imaginar, senhor - disse Gladys num tom de dúvida.

- Não se preocupe com o que eu possa imaginar. Não pode saber o que estou imaginando. Será então verdade que hoje disse a si mesma ou a algum colega: “Isto tem graça!”?

Pronunciou as três palavras com irônica indiferença.

- Bem, não foi nada realmente de importante - disse Gladys. - Foi só ter ouvido um chuveiro aberto. E realmente comentei com a Elsie, no andar de baixo, que era estranho alguém estar tomando banho perto do meio-dia.

- Que chuveiro? Quem estava tomando banho?

- Isso não posso dizer, senhor. Ouvimos a água correndo, mais nada, e foi então que disse o que disse à Elsie.

- Tem certeza de que era um banho? Não poderia ser só alguém lavando as mãos no lavatório?

- Oh, tenho a certeza, senhor! A água da banheira faz um barulho especial ao escoar-se.

Poirot não mostrou vontade de continuar o interrogatório e Gladys saiu.

- Não acha que esta questão do banho é importante, não é, Poirot? - perguntou Weston. - Quero dizer, não vejo qual será o interesse. Não havia manchas de sangue ou coisa do gênero que tivesse sido necessário lavar. É essa a... - hesitou.

Poirot concluiu. - É essa, por assim dizer, a vantagem do

estrangulamento! Não há manchas de sangue, nem armas para esconder... A única coisa que é necessária é força física... e a alma de assassino!

A voz dele parecia tão inflamada, tão cheia de emoção, que Weston recuou ligeiramente.

Hercule Poirot sorriu-lhe, num pedido mudo de desculpas.

- Talvez o banho não tenha qualquer importância. Qualquer pessoa podia ter tomado banho. Mrs. Redfern antes de ir jogar ténis, o capitão Marshall, Miss Darriley. Como já disse, qualquer pessoa. Pode não significar nada.

Um guarda bateu à porta e espreitou. - É Miss Darriley, senhor. Diz que gostaria de lhe falar outra vez. Há qualquer coisa que se esqueceu de mencionar, diz ela.

- Vamos já descer - disse Weston.

A primeira pessoa que encontraram foi Colgate. Vinha com uma expressão sombria. - É só um momento, senhor.

Weston e Poirot seguiram-no até ao gabinete de Miss Castle.

- Tenho estado verificando com o Heald esta história da escrita à máquina - disse Colgate. - Não há dúvida, não podia ser feito em menos de uma hora. Ou mais ainda, se fosse preciso parar para pensar aqui e ali. Isso parece-me que esclarece devidamente a questão. E olhem para esta carta. - Começou a lê-la.

“Meu caro Marshall - Lamento incomodar-lhe durante as suas férias, mas surgiu uma situação totalmente imprevista, em relação aos contratos Burley e Tender...”

- Etc., etc. - disse Colgate. - Datada de 24, ou seja, de ontem. O envelope foi carimbado ontem à noite no sector E.C. 1, e esta manhã nos correios locais. Foi usada a mesma máquina de escrever para o envelope e para a carta. E pelo seu teor era obviamente impossível para Marshall ter preparado uma resposta antecipadamente. Os números apresentados estão de acordo com os que vêm na carta; é tudo muito complexo.

- Hum... - replicou Weston, taciturno. - Isso parece inocentar Marshall. Teremos que procurar noutro lado. - Depois acrescentou: - tenho que falar de novo com Miss Darriley. Está agora à espera.

Rosamund entrou apressada. O seu sorriso tinha uma nuance de pedido de desculpas.

- Lamento muito - disse. - Possivelmente nem tem qualquer importância. Mas ficam sempre coisas por dizer.

- Ora essa, Miss Darriley. – O chefe de polícia indicou-lhe uma cadeira. Rosamund abanou a cabeça: - Oh, não vale a pena sentar-me. É apenas isto: disse-lhe que tinha passado a manhã estendida no Terraço do Sol. Não é totalmente verdade. Esqueci-me que durante a manhã voltei ao hotel e depois tornei a sair.

- A que horas, Miss Darriley?

- Devia ter sido próximo das onze e quinze.

- Disse que voltou ao hotel?

- Sim, tinha me esquecido dos óculos de sol. Primeiro pensei que não ia fazer qualquer diferença, mas depois os meus olhos cansaram-se e decidi vir buscá-los.

- Foi diretamente ao seu quarto e saiu logo depois?

- Sim. Por acaso parei para cumprimentar o Ken... O capitão Marshall. Ouvi-o escrevendo à máquina e achei que era uma estupidez ficar dentro de casa com um dia tão agradável. Pensei em dizer-lhe para sair.

- E o que respondeu o capitão Marshall?

Rosamund sorriu, embaraçada. - Bem, quando abri a porta ele estava datilografando vigorosamente, tão pensativo e concentrado que fui embora sem fazer barulho. Acho que nem sequer me viu entrar.

- E que horas seriam então, Miss Darriley?

- Cerca das onze e vinte. Olhei para o relógio do saguão ao sair.

- Desta forma o capitão fica definitivamente inocentado - disse o inspetor Colgate. - A criada de quarto ouviu-o escrevendo à máquina às cinco para as onze, Miss Darriley viu-o vinte minutos depois das onze, e a mulher já estava morta às onze e quarenta e cinco. Ele disse que tinha estado escrevendo durante uma hora no quarto, e parece provado que esteve mesmo. O capitão Marshall fica bem arranjado.

Calou-se e ficou olhando para Poirot com curiosidade.

- M. Poirot parece muito sério.

- Estava tentando imaginar que razão teria Miss Darriley para vir apresentar de repente esta informação adicional - respondeu Poirot pensativo. O inspetor Colgate levantou a cabeça, alerta.

- Pensa que haverá alguma coisa de estranho nisso? Que não foi apenas uma questão de ter se “esquecido”? Refletiu uns momentos, e depois prosseguiu, lentamente: - Ouça, monsieur, consideremos o caso desta forma: suponhamos que Miss Darriley não esteve esta manhã no Terraço do Sol, como tinha dito. Era mentira. Agora suponhamos que, depois de nos ter contado a sua história, descobre que alguém a teria visto em outro lugar, ou então que alguém fora até ao Terraço sem a encontrar lá. Depois inventa num instante esta história e vem contá-la, para justificar a ausência. Temos que reparar que ela teve o cuidado de acentuar que o capitão Marshall não a tinha visto quando ela foi espreitá-lo.

- Pois, também reparei nisso - murmurou Poirot.

- Estará sugerindo que Miss Darriley está metida nisto? - disse Weston, incrédulo. - Disparate, parece-me um absurdo. Por que estaria?

O inspetor Colgate tossiu.

- Talvez se recorde - disse - do que aquela senhora americana, Mrs. Gardener, declarou. Sugeriu que Miss Darriley estava caída pelo capitão Marshall. Ora, aí estaria um motivo, senhor.

- Arlena Marshall não foi morta por uma mulher - replicou Weston, impaciente. - Quem precisamos encontrar é um homem. Temos que limitar a investigação aos homens.

O inspetor Colgate suspirou.

- Sim, tem razão - disse. - Regressamos sempre a esse ponto, não é?

Weston prosseguiu: - É melhor destacar um guarda para medir o tempo de alguns percursos. Do hotel até ao topo da escada de ferro do outro lado da ilha. Ele que o faça tanto correndo como andando normalmente. A mesma coisa com relação à descida da escada. E é melhor que alguém veja quanto tempo leva um pedalinho para percorrer a distância entre a praia e a enseada.

O inspetor Colgate anuiu.

- Eu trato disso - disse, confiante.

- Acho que agora vou até à enseada - informou o chefe de polícia - para ver se o Phillips descobriu alguma coisa. Depois há a tal Enseada do Duende, de que tanto temos ouvido falar. Convém ir ver se haverá indícios de alguém ter estado lá de tocaia. Eh, Poirot? Que acha?

- Concordo inteiramente. É uma hipótese.

Weston prosseguiu: - Se alguém de fora viesse incognito até à ilha, aquilo seria um bom local para ficar escondido... se soubesse da sua existência. É de supor que as pessoas residentes na região saibam?

- A geração mais nova não deve saber - disse Colgate. - É que, desde que o hotel foi construído, as enseadas são propriedade privada. Não são frequentadas por pescadores nem por excursionistas em piquenique. E o pessoal do hotel não é desta região. Mrs. Castle, por exemplo, é londrina.

- Talvez seja boa idéia levarmos os Redfern conosco - disse Weston. Foi ele quem nos falou do local. Vem também, M. Poirot?

Hercule Poirot hesitou. Depois, com a sua pronúncia estrangeira muito acentuada, disse: - Eu aqui sou como Miss Brewster e Mrs. Redfern. Não gosto de descer escadas perpendiculares.

- Pode dar a volta, por barco - disse Weston. Poirot suspirou.

- O meu estômago não se sente feliz no mar.

- Disparate, homem! Está um dia lindo! Calmo como uma lagoa. Não nos pode deixar em falta, bem sabe!

Hercule Poirot parecia pouco disposto a reagir a este incitamento, mas nesse momento Mrs. Castle surgiu à porta, com o seu rosto de grande senhora e elaborado penteado.

- Espero não estar me intrometendo - disse ela -, mas Mr. Lane (o clérigo, sabem) acaba de regressar. Pensei que desejassem saber.

- Ah, sim, Mrs. Castle, obrigado. Vamos já falar com ele.

Mrs. Castle entrou um pouco mais na sala.

- Não sei se vale a pena mencionar - disse -, mas como ouvi dizer que

nem o menor incidente deve ser ignorado...

- Sim, sim? - disse Weston, impaciente.

- É que chegou aqui um casal, por volta da uma hora. Vinham do continente, para almoçar. Foram informados de que tinha havido aqui um acidente e, dadas as circunstâncias, não podíamos servir almoços.

- Tem alguma idéia de quem seriam?

- Não faço a menor idéia. Naturalmente, não lhes perguntei o nome e mostraram-se decepcionados, e um pouco curiosos quanto à natureza do acidente. Não lhes disse nada, é claro. Pareceram-me veraneantes de grande classe.

- Bem - disse Weston com brusquidão -, obrigado por nos ter vindo dizer. Talvez não seja importante, mas é sempre bom saber-se.

- Naturalmente - replicou Mrs. Castle -, desejo sempre cumprir o meu dever.

- Com certeza. Peça por favor a Mr. Lane para vir aqui.

Stephen Lane entrou na sala com o seu vigor usual.

Weston apresentou-se: - Sou o chefe de polícia do condado, Mr. Lane. Suponho que já terá sido informado do sucedido?

- Sim, com efeito... soube assim que cheguei. Terrível... terrível... - A sua fraca figura estremeceu. - Desde que aqui cheguei... - disse num sussurro - tenho sentido... muito... a presença das forças do Mal.

Os seus olhos, ardentes e ansiosos, viraram-se para Poirot.

- Recorda-se da nossa conversa de há dias, M. Poirot, acerca da realidade do Mal?

Weston observava com alguma perplexidade aquela figura alta e macilenta. Achava difícil compreender este homem. Os olhos de Lane voltaram a fixar-se nele.

- Estou vendo que isto lhe parece fantástico - disse o clérigo, com um ligeiro sorriso. - Nos dias que correm já ninguém crê no mal. Abolimos o fogo do inferno! Deixamos de acreditar no Diabo! Contudo, Satã e os seus emissários nunca foram tão poderosos como hoje!

- Hum... hum... sim, talvez - disse Weston. - Esse domínio, Mr. Lane, é a

sua especialidade. O meu é mais prosaico: esclarecer um caso de homicídio.

- Palavra terrível, homicídio! - disse Stephen Lane. - Um dos mais antigos pecados conhecidos na Terra: o impiedoso derramamento de sangue de um irmão inocente... - Calou-se, de olhos semicerrados. Depois num tom de voz mais normal, perguntou: - De que forma poderei ajudá-los?

- Antes de mais nada, Mr. Lane, faça o favor de nos descrever os seus movimentos de hoje.

- De boa vontade. Parti bastante cedo para uma das minhas vagabundagens habituais. Gosto muito de caminhar. Já percorri uma boa parte de toda esta região. Hoje fui até St. Petrock-in-the-Combe. Fica a cerca de dez quilômetros daqui, um passeio muito agradável ao longo de trilhas sinuosas, subindo e descendo as colinas e os vales de Devon. Levei o almoço e comi-o num pequeno bosque. Visitei a igreja; possui alguns fragmentos (apenas fragmentos) de um vitral, e também um painel muito interessante.

- Obrigado, Mr. Lane. Encontrou alguém durante o seu passeio?

- Nada de importante. Cruzei com uma carroça e com uns rapazes de bicicleta, e algumas vacas. Contudo - sorriu -, se querem provas do que lhes disse, escrevi o meu nome no livro de visitantes da igreja. Não terão dificuldade em confirmar.

- Não encontrou ninguém na igreja? Talvez o vigário, ou o sacristão?

Stephen Lane abanou a cabeça.

- Não, não havia ninguém por perto - disse -, e eu era o único visitante. St. Petrock fica num local remoto. A aldeia propriamente dita situa-se cerca de um quilômetro mais para diante.

Weston desculpou-se: - Não pense que... hum... duvidamos do que nos diz. Estamos apenas recolhendo informações sobre toda a gente. Rotina, sabe, é só rotina. Em casos deste gênero temos que respeitar a rotina.

- Oh, sim, compreendo perfeitamente - disse Stephen Lane com delicadeza.

Weston prosseguiu: - Passemos ao ponto seguinte. Saberá de alguma coisa que possa facilitar o nosso trabalho? Qualquer pormenor a respeito da

falecida? Algo que possa dar-nos uma indicação sobre o autor do crime? Qualquer coisa que tenha visto ou escutado?

- Não ouvi nada - respondeu Stephen Lane. - Posso apenas dizer-lhes o seguinte: assim que a vi, soube instintivamente que Arlena Marshall era um foco de maldade. Era o Mal personificado! A mulher pode ser a auxiliar e a musa inspiradora do homem... mas também pode provocar a sua queda no abismo. Pode arrastar o homem até ao nível da besta. A falecida era uma dessas mulheres. Apelava a tudo o que há de mais baixo na natureza humana! Era como Jezebel e Ooliba. Agora foi abatida em toda a sua perversidade!

Hercule Poirot agitou-se.

- Abatida não: estrangulada! - declarou. - Estrangulada, Mr. Lane, por um par de mãos humanas.

As mãos do clérigo estremeceram. Os dedos retorceram-se e contraíram-se.

- Isso é horrível... horrível! - exclamou, numa voz abafada. - Não poderia expor isso por outros termos?

Hercule Poirot replicou: - É a simples verdade. Tem alguma idéia, Mr. Lane, de quem eram tais mãos?

O outro abanou a cabeça.

- Não sei nada... - disse - nada...

Weston levantou-se. Deitou um olhar a Colgate, a que este respondeu com um aceno quase imperceptível.

- Bem - disse -, temos de seguir para a enseada.

- Foi lá que... aquilo aconteceu? - inquiriu Lane. Weston confirmou.

- Posso... posso ir com vocês? - perguntou Lane.

Antes que Weston pudesse recusar, Poirot replicou: - Certamente, Mr. Lane. Faça-me companhia no barco. Partimos imediatamente.

CAPÍTULO NOVE

Pela segunda vez naquele dia, Patrick Redfern ia remando um barco a

caminho da Enseada do Duende. Os outros ocupantes da embarcação eram Hercule Poirot, muito pálido e com uma mão sobre o estômago, e Stephen Lane. Weston seguira pelo percurso terrestre, e, tendo-se atrasado no caminho, chegou ao local ao mesmo tempo que o barco fundeava na praia. Um guarda de uniforme e um sargento à paisana já se encontravam no local.... Weston estava falando com este último quando os três vindos no barco juntaram-se a ele.

- Creio que já examinei cada centímetro da praia, senhor - disse o sargento Phillips.

Muito bem. E o que encontrou?

- Está tudo reunido ali adiante, se quiser vir observar.

Uma pequena coleção de objetos estava cuidadosamente exposta num pedregulho. Havia uma tesoura, um invólucro vazio de cigarros, cinco tampinhas de garrafa, diversos fósforos queimados, três pedaços de barbante, um ou dois bocados de papel de jornal, um fragmento de um cachimbo, quatro botões, o osso de uma perna de frango e um frasco vazio de bronzeador.

Weston observou atentamente os objetos.

- Hum - comentou -, muito pouco para uma praia hoje em dia! Muita gente confunde uma praia com uma lixeira pública! O frasco vazio já deve estar aqui há muito tempo, pela forma como o rótulo se apresenta manchado... e também a maior parte do restante, parece-me. Mas a tesoura é nova. Ainda brilha. Não apanhou com certeza a chuvarada de ontem! Onde a encontrou?

- No fundo da escada, senhor, bem como este pedaço de cachimbo.

- Hum, talvez tenha sido largada por alguém que ia subindo ou descendo.

- Nada que diga a quem pertenceriam?

- Não, senhor. É uma tesoura de unhas bastante vulgar. O cachimbo é que parece ser de boa qualidade e caro.

- O capitão Marshall, se bem me recordo, disse que tinha perdido um cachimbo - murmurou Poirot pensativo.

- Marshall já está fora da cena - replicou Weston. - Seja como for, não é o único que fuma cachimbo.

Hercule Poirot estava observando Stephen Lane quando este levou a mão

ao bolso, retirando-a em seguida.

- Também fuma cachimbo, Mr Lane? - perguntou com amabilidade. O clérigo sobressaltou-se. Olhou para Poirot, e depois respondeu: - Sim, sim. O meu cachimbo é um velho amigo e companheiro. - Levando de novo a mão ao bolso, extraiu de lá um cachimbo, que encheu de tabaco e depois acendeu.

Hercule Poirot deambulou até onde Redfern se encontrava, de olhos inexpressivos.

- Ainda bem... que já a levaram daqui - comentou este em voz baixa.

- Onde foi que a encontraram? - perguntou Stephen Lane.

- Mais ou menos no local onde o senhor se encontra agora - disse o sargento com satisfação.

Lane deu um passo rápido para o lado, olhando para o local que acabara de deixar vago.

O sargento prosseguiu: - o local onde o pedalinho fundeu confirma a hora aproximada da chegada, dez e quarenta e cinco. Isto considerando a maré.

- Está concluído o trabalho de fotografia? - perguntou Weston.

- Sim, senhor.

Weston voltou-se para Redfern. - Muito bem, meu caro, onde é a entrada para a tal caverna?

Patrick Redfern estava ainda olhando para o local da praia onde Lane estivera parado. Era como se continuasse a ver o corpo estendido que já não se encontrava lá.

As palavras de Weston fizeram-no regressar à realidade.

- É ali adiante - disse.

Encaminhou-se para uma enorme massa de pedregulhos caídos que se acumulavam contra a falésia, e aproximou-se de duas grandes rochas que, lado a lado, formavam uma estreita entrada.

- O acesso é por aqui - anunciou.

- Aqui? - disse Weston. - Não me parece que um homem consiga entrar aí.

- O aspecto é enganador. Vai ver que é possível.

Weston introduziu-se cuidadosamente no apertado espaço. Não era tão estreito como parecia. Lá dentro, o recinto alargava-se, permitindo que uma pessoa andasse de um lado para o outro sem precisar se curvar. Hercule Poirot e Stephen Lane entraram também. Os restantes ficaram no exterior. Penetrava alguma claridade pela abertura, mas Weston trouxera consigo uma potente lanterna cujo foco fez incidir nas paredes da caverna.

- Um local interessante - comentou. - Lá de fora ninguém diria como isto é espaçoso.

A seguir observou cuidadosamente o chão com o auxílio da lanterna. Hercule Poirot estava aspirando delicadamente o ar.

Reparando nisto, Weston disse: - O ar é bastante fresco, sem cheiro de peixe ou de algas, mas isso é natural porque a caverna fica bastante afastada da linha da maré cheia.

Contudo, para o sensível olfato de Poirot o ar era mais do que fresco. Era delicadamente perfumado. Conhecia duas pessoas que usavam este esquivo aroma.

O foco da lanterna de Weston terminou por fim a sua busca.

- Não vejo nada que possa interessar-nos - disse o coronel.

Os olhos de Poirot elevaram-se até uma pequena prateleira natural um pouco acima da sua cabeça. Murmurou: - Talvez não fosse mau ver se haverá ali alguma coisa - murmurou.

- Se houvesse ali alguma coisa teria sido colocada lá deliberadamente - disse Weston. - Mesmo assim, é melhor darmos uma espiadela.

Poirot dirigiu-se a Lane: - Creio que o senhor é o mais alto dos três, monsieur. Sem pretender abusar, posso pedir-lhe para verificar se haverá alguma coisa naquele rebordo?

Lane esticou-se, mas não conseguia atingir o fundo do rebordo. Depois, vendo uma fenda na parede de pedra, introduziu nela um pé e elevou-se apoiando-se nos braços.

- Oh! Aqui tem uma caixa - exclamou.

Momentos depois estavam todos ao sol examinando o achado do clérigo.

- Cuidado - recomendou -, não convém mexer mais do que for necessário. Talvez existam impressões digitais.

Era uma caixa de latão verde-escuro com a palavra “Sanduíches” no topo.

- Talvez tenha sido deixada aqui depois de um piquenique - disse o sargento Phillips.

Abriu a caixa com um lenço. No interior havia pequenas latas destinadas, a sal, pimenta e mostarda, e duas maiores, de formato quadrado, que deveriam ser usadas para os sanduíches.

O sargento levantou a tampa do saleiro. Estava cheio até à borda. Retirou a tampa do outro recipiente.

- É curioso - comentou -, o pimenteiro também está cheio de sal. A mostardeira também continha sal.

Subitamente alerta, o sargento abriu em seguida uma das latas quadradas maiores. Também esta continha o mesmo pó branco cristalino.

Com muito cuidado, Phillips tocou no pó com a ponta de um dedo e levou-o à língua.

A expressão do seu rosto modificou-se:

- Isto não é sal, meus senhores! - disse excitado. - Nem pensar! amargo! Parece-me ser alguma espécie de droga!

- A terceira hipótese - disse o coronel Weston, com um lamento. Estavam de regresso ao hotel.

O chefe de polícia prosseguiu: - Se por acaso houver algum grupo de traficantes metido nisto, abrem-se novas possibilidades para nós. Primeiro que tudo, Arlena é capaz de ter pertencido ao grupo. Acham que será provável? Hercule Poirot respondeu cautelosamente: - É possível.

- Seria viciada?

Poirot abanou a cabeça.

- Duvido muito - disse. - Tinha nervos firmes, uma saúde radiosa, não exibía marcas de agulhas nos braços (se bem que isto nada prove, pois há quem

aspire o pó). Não, não me parece que ela consumisse drogas.

- Nesse caso - disse Weston -, talvez tivesse esbarrado no caso por acidente, tendo sido deliberadamente silenciada pelos traficantes. Em breve saberemos de que droga se trata. Já a enviei a Neasden. Se se tratar de uma rede de tráfico, não são pessoas que estejam com meias medidas...

Calou-se quando a porta se abriu e Mr. Horace Blatt entrou de rompante. Vinha esbaforido, limpando o suor da testa. A sua voz possante e calorosa encheu a pequena sala.

- Cheguei agora mesmo e deram-me a notícia! É você o chefe de polícia? Disseram-me que estava aqui. Chamo-me Blatt, Horace Blatt. Há alguma coisa que possa fazer para ajudar? Não me parece. Tenho andado no meu barco desde manhã cedo. Perdi o espetáculo todo. No único dia em que acontece qualquer coisa neste fim do mundo, não estou aqui. É a vida, não é? Olá, Poirot, não o tinha visto. Então também está metido nisto? Oh, já era de esperar... Sherlock Holmes versus polícia local, não é? Ah, ah! Lestrade... toda essa gente. Vou gostar de vê-lo na sua atividade detetivesca.

Mr. Blatt ancorou numa cadeira, tirou do bolso uma cigarreira e apresentou-a ao coronel Weston, que abanou a cabeça.

- Não troco o meu cachimbo por nada - disse com um ligeiro sorriso.

- É como eu. Também fumo cigarros, mas nada se compara ao cachimbo.

- Então acenda o seu cachimbo, homem! - disse o coronel Weston, com inesperada jovialidade.

Blatt abanou a cabeça.

- Não o trago comigo. Mas contem-me tudo. Até agora só sei que Mrs. Marshall foi encontrada morta numa das praias.

- Na Enseada do Duende - disse o coronel Weston, a observá-lo.

Mas Mr. Blatt apenas perguntou, excitadamente: - E foi estrangulada?

- Sim, Mr. Blatt.

- Sério, muito sério. Mas olhe, ela andava mesmo pedindo por isso. Muito picante... *très moustardé*, hã, M. Poirot? Já sabem quem foi o culpado, ou não devo perguntar?

Com um ligeiro sorriso o coronel Weston respondeu: - Bem, como sabe, nós é que devemos fazer as perguntas.

Mr Blatt agitou o cigarro no ar. - Desculpem o abuso. Façam o favor.

- Esta manhã saiu para velejar. A que horas?

- Saí daqui às nove e quarenta e cinco.

- Ia alguém com você?

- Ninguém. Ia sozinho.

- E onde foi?

- Segui a linha da costa na direção de Plymouth. Levei o almoço comigo.

Como não está muito vento, não consegui ir longe.

Depois de mais duas ou três perguntas, Weston inquiriu: - E a respeito dos Marshalls? Saberá alguma coisa que possa ajudar-nos?

- Bem, já lhes dei a minha opinião. *Crime passionnel!* A única coisa que posso dizer é que não fui eu! A bela Arlena não me dava a mínima. Nada a fazer sob esse aspecto. Já tinha o seu rapazinho de olhos azuis. E se querem saber a minha opinião, Marshall começava a desconfiar do que se passava.

- Tem maneira de provar isso?

- Eu o vi dirigir ao jovem Redfern um olhar de ódio por algumas vezes. É uma incógnita, aquele Marshall. Parece muito manso e tranquilo como se andasse dormindo... mas não é essa a sua fama nos meios financeiros. Tenho sabido umas coisas a seu respeito. Quase esteve para ser preso por agressão. Note-se que o sujeito em questão tinha lhe aplicado um golpe, traindo a confiança que Marshall depositava nele. O capitão foi atrás do homem e quase o matou. O sujeito não apresentou queixa, pois receava o que poderia resultar daí. Pelo menos foi o que me constou.

- Acha portanto possível - perguntou Poirot - que o capitão Marshall tenha estrangulado a mulher?

- Nem por sombras. Não disse nada disso. Só pretendo que saibam que ele seria bem capaz de perder a cabeça, se o levassem a isso.

- Mr. Blatt - disse Poirot -, há motivos para crer que Mrs. Marshall foi esta manhã à Enseada do Duende ao encontro de alguém. Tem alguma idéia de

quem poderia ter sido?

Mr. Blatt piscou o olho.

- Não é uma suposição, é uma certeza: Redfern!

- Não foi Mr. Redfern.

Mr Blatt pareceu surpreendido. - Nesse caso - disse hesitante -, não faço idéia... não, não posso imaginar...

Prosseguiu, recuperando um pouco da sua descontração.

- Conforme já disse, não fui eu! Não tive essa sorte. Deixem-me pensar, não podia ter sido Gardener, pois a mulher tem-no bem debaixo de olho. Aquele velho imbecil do Barry? Nem pensar! E o clérigo também não deve ser, ainda que por várias vezes tenha visto Sua Reverência a observá-la. Todo em santa desaprovação, mas talvez com olho naquelas curvas, hein? Cambada de hipócritas, estes padrecos! Não leram sobre aquele caso no mês passado? o vigário e a filha do curador! Faz-nos abrir os olhos...

Mr. Blatt deu uma risada.

- Então não sabe de nada que possa ajudar-nos? - replicou o coronel Weston secamente.

O outro sacudiu a cabeça.

- Não, não me lembro de nada. - Depois acrescentou: - Isto vai provocar um bocado de reboição, é o que está me parecendo. A imprensa vai cair em cima disto como moscas no mel. O hotel é que vai acabar por se ressentir, e é bem feito.

- Não se tem sentido bem aqui? - murmurou Hercule Poirot. O rosto avermelhado de Mr. Blatt avermelhou-se um pouco mais.

- Não - disse -, por acaso até que não tenho. O mar é agradável, e a paisagem e o serviço e a comida, mas não há camaradagem nenhuma, se me faço entender! o meu dinheiro é tão bom como o de qualquer outro. Estamos todos aqui para nos divertirmos. Nesse caso, por que é que não nos juntamos? Todos estes conluíus e as pessoas sozinhas a darem uns bons-dias e boas-noites glaciais... e que sim, que o tempo está muito agradável. Não há alegria nenhuma. São todos uma cambada de emproados!

Mr. Blatt fez uma pausa, e agora apresentava-se mesmo vermelho. Limpou novamente a testa e disse, para se desculpar:

- Não liguem. Às vezes fico muito irritado.

- E o que pensam de Mr. Blatt? - Perguntou Hercule Poirot.

O coronel Weston sorriu e disse: - E você, o que pensa? Conhece-o melhor do que eu.

- Há muitas expressões de vocês que o descrevem - disse Poirot com suavidade. - O diamante bruto! O autodidata! O novo-rico! Pode ser considerado, dependendo do ponto de vista, patético, grotesco, banal! É uma questão de opinião. Contudo, parece-me que ele é ainda uma outra coisa.

- E o que será essa coisa?

Hercule Poirot, de olhos no teto, murmurou: - Acho que ele é... nervoso!

- Já tenho o problema dos tempos resolvido - informou o inspetor Colgate. - Do hotel à escada que desce até à Enseada do Duende, três minutos, isso caminhando normalmente até ficar fora do alcance visual do hotel, e correndo como um doido o resto do trajeto.

Weston levantou as sobrancelhas.

- É mais rápido do que pensava - disse.

- A descida da escada até à praia, um minuto e três quartos. A subida leva dois minutos. Isso em relação ao guarda Flint, que é um atleta. Caminhando e descendo a escada normalmente, o trajeto completo leva quase um quarto de hora.

Weston acenou.

- Há um outro pormenor em que temos que pensar - disse -, a questão do cachimbo.

- Blatt usa cachimbo - interveio Colgate -, tal como Marshall e o clérigo. Redfern fuma cigarros, o americano prefere os charutos. O major Barry não fuma. Há um cachimbo no quarto de Marshall, dois no de Blatt, e um no do clérigo. A criada de quarto diz que Marshall tem dois cachimbos. A outra criada

não é muito esperta, não sabe quantos cachimbos têm os outros dois, Diz vagamente que reparou em dois ou três nos quartos deles. Weston anuiu.

- Mais alguma coisa?

- Estive me informando sobre o pessoal. Parece-me tudo correto. Henry, do bar, confirma a declaração de Marshall quanto a tê-lo visto às dez e cinquenta; William, o que toma conta da praia, esteve reparando a escada sobre as rochas junto do hotel durante quase toda a manhã. George esteve marcando as quadras de tênis e depois foi cuidar das plantas da sala de jantar. Nenhum deles poderia ter visto quem atravessasse o pontão para se dirigir à ilha.

- A que horas ficou descoberto o pontão?

- Perto das nove e trinta, senhor.

Weston afagou o bigode.

- É possível que alguém tivesse vindo por aí. Temos uma nova hipótese a considerar, Colgate.

Relatou-lhe a descoberta da lata de sanduíches na caverna.

Alguém bateu à porta.

- Entre - disse Weston. Era o capitão Marshall.

- Pode dizer-me que disposições poderei tomar quanto ao funeral?

- Penso que poderemos marcar o inquérito judicial para depois de amanhã, capitão Marshall.

- Obrigado.

O inspetor Colgate interrompeu: - Desculpe. Permita-me que lhe devolva isto.

Entregou-lhe as três cartas.

Kenneth Marshall sorriu de um modo um tanto sarcástico.

- A polícia já concluiu o ensaio da minha velocidade para escrever à máquina? - perguntou. - Espero ter sido inocentado.

- Sim, capitão Marshall, parece que podemos passar-lhe um boletim de sanidade - disse o coronel Weston, em tom afável. - Estas folhas levam bem uma hora para datilografar. Por outro lado, ouviram-no escrevendo à máquina até às onze menos cinco, e uma outra testemunha viu-o vinte minutos depois.

- A sério? Então tudo parece esclarecido - murmurou o capitão Marshall.
- Com efeito. Miss Darriley foi ao seu quarto às onze e vinte. O senhor estava tão ocupado no seu trabalho que nem deu por ela.

O rosto de Kenneth Marshall assumiu uma expressão impassível.

- Miss Darriley disse isso? - comentou. - Pois bem, enganou-se. Na realidade vi-a, ainda que ela possa não ter dado por isso. Vi-a através do espelho.

- Mas não interrompeu o seu trabalho? - perguntou Poirot.

- Não - explicou Marshall -, porque queria concluí-lo. - Calou-se um momento; então, abruptamente, perguntou: - Não precisam mais de mim?

- Não, obrigado, capitão Marshall. Kenneth Marshall acenou e saiu.

- Ali vai o nosso suspeito mais viável - disse Weston, com um suspiro - completamente inocentado! Olhem, aí vem Neasden.

O médico entrou com um ar excitado.

- Rico pacotinho mortífero, aquele que me enviaram...

- O que é?

- O que é? Cloridrato de diamorfina, mais usualmente conhecido por heroína!

O inspetor Colgate soltou um assobio.

- Agora estamos fazendo progressos! Podem ter certeza, isto da droga está na origem desta história toda.

CAPÍTULO DEZ

O pequeno grupo de pessoas saiu lentamente do Red Bull. O curto inquérito terminara, ou melhor, ficara suspenso por duas semanas.

Rosamund Darriley aproximou-se de Kenneth Marshall.

- Não foi muito difícil, não é, Ken? - disse em voz baixa.

Ele não respondeu imediatamente. Talvez estivesse ciente dos olhares dos habitantes locais, dos dedos que pareciam apontar para ele, embora não chegassem realmente a fazê-lo.

“É aquele o tal, querida!” “Está vendo, aquele era o marido dela!”

“Escuta, aquele deve ser o marido...” “Olha, lá vai ele!...”

Os murmúrios não eram suficientemente fortes para lhe chegarem aos ouvidos, mas mesmo assim sentia-os. Isto era o pelourinho dos tempos modernos. já tinha sido obrigado a enfrentar a imprensa: jovens persuasivos e cheios de confiança em si próprios, prontos a derrubar a barreira do “nada tenho a dizer” que ele conseguira levantar. Até os curtos monossílabos que pronunciara, convencido de que ao menos esses não iriam provocar falsas interpretações, tinham reaparecido nos matutinos em contextos totalmente diferentes. Quando inquirido sobre se considerava que o mistério da morte da esposa poderia ser explicado pela chegada à ilha de algum maníaco homicida, o capitão Marshall declarou... e assim por diante.

As máquinas fotográficas não paravam de disparar. Então, naquele momento, um clique bem seu conhecido chamou-lhe a atenção. Voltou-se, e um jovem sorridente agradeceu-lhe com um aceno, tendo batido a chapa que pretendia.

- O capitão Marshall saindo do Red Bull após o inquérito, acompanhado por uma pessoa amiga.. - murmurou Rosamund.

Marshall fez uma careta.

- Não vale a pena, Ken! - acrescentou ela. – Você tem que enfrentar a situação. Não me refiro só à morte da Arlena; refiro-me a toda a sordidez que ela suscita. Os olhares esbugalhados e as línguas mexeriqueiras, as entrevistas idiotas na imprensa sensacionalista... e a melhor maneira de fazer frente a isto é achar graça! Diga a eles todos os clichês imbecis que eles querem escutar e façalhes beicinho!

- É assim que você os despacha? - perguntou Marshall.

- É. - Rosamund fez uma pausa. - Bem sei que o seu estilo não é este. Você prefere passar despercebido, ficar inflexivelmente em segundo plano e esperar que o problema se desvaneça! Mas no caso presente isso não vai dar resultado, não existe nenhum segundo plano em que você possa se dissipar! Está à vista de toda a gente, como um tigre de listras contra um pano de fundo branco. O marido da mulher assassinada.

- Pelo amor de Deus, Rosamund...

Ela ripostou com suavidade: - Querido, estou tentando lhe ajudar! Deram alguns passos em silêncio.

- Bem sei... desculpe - disse Marshall, num outro tom. - Não é que não esteja grato, Rosamund.

Tinham já ultrapassado os limites da povoação. Alguns olhos continuavam a segui-los, mas já não havia ninguém muito perto. A voz de Rosamund Darriley baixou ao repetir uma variante da sua observação anterior.

- Não correu nada mal, não é? Ele seguiu calado por uns instantes.

- Não sei - disse então.

- Qual é a opinião da polícia?

- Esses não querem comprometer-se.

- Aquele homenzinho - disse Rosamund um momento depois -, o tal Poirot, estará mesmo interessando-se pelo assunto?

- No outro dia estive o tempo todo sentado do lado do chefe de polícia.

- Bem sei... mas estará realmente fazendo alguma coisa?

- Como raios você quer que eu saiba, Rosamund?

- É bastante velho - disse pensativa. - Provavelmente mais ou menos gagá.

- Talvez.

Chegaram ao pontão. À frente deles, sob a tranquila luz do sol, erguia-se a ilha.

- Por vezes - disse Rosamund, de repente - as coisas parecem irreais. Neste momento, não me sinto capaz de acreditar que aquilo aconteceu realmente...

- Penso que sei ao que você se refere - disse Marshall lentamente. - A natureza é tão insensível! uma formiga a menos: não passa disto, no que diz respeito à natureza!

- Tem razão... - disse Rosamund -, e é assim mesmo que devíamos encarar o caso, realmente.

Ele lançou-lhe um olhar de relance.

- Não se preocupe, minha amiga - disse em voz baixa. - Está tudo bem. Está tudo bem.

Linda veio até ao pontão, ao encontro deles. Movia-se com as contracções espasmódicas de um potro nervoso. O seu rosto jovem estava desfigurado por profundas olheiras. Os lábios pareciam secos e rugosos.

- Como decorreu tudo? - perguntou esbaforida. - Que... O que disseram eles?

O pai respondeu-lhe, abrupto: - O inquérito foi suspenso por duas semanas.

- Quer dizer que... que ainda não decidiram?

- Sim. Precisam de mais provas.

- Mas... mas o que será que eles pensam?

Marshall sorriu um pouco, ainda que contrariado.

- Oh, minha querida filha... quem sabe? E a quem você se refere por “eles”? O magistrado local, os jurados, a polícia, os jornalistas, os pescadores da Baía de Leathercombe?

- Acho que me refiro... à polícia - disse Linda lentamente.

Marshall replicou com secura: - A polícia não revela a ninguém aquilo que pensa. - Ao concluir a frase comprimiu os lábios. Depois entrou no hotel. Quando Rosamund Darriley estava prestes a segui-lo, Linda chamou: Rosamund!

Esta virou-se. A muda súplica no rosto infeliz da moça comoveu-a. Enfiou o braço no de Linda e, juntas, afastaram-se do hotel, caminhando pela trilha que conduzia ao extremo da ilha.

- Tente não se preocupar tanto, Linda - disse Rosamund, com suavidade. - Sei que o que se passa é terrível e chocante e tudo isso, mas... não vale a pena remoer estas coisas. E é possível que seja só... a maneira brutal como aquilo aconteceu que está lhe preocupando dessa forma. Você não gostava nada da Arlena, bem sabe.

Sentiu o tremor que invadia o corpo da moça enquanto respondia: Não, não gostava nada dela...

Rosamund prosseguiu: - Sentir pena pela morte de uma pessoa é bem

diferente; não podemos lançar isso para trás das costas. Mas pode ultrapassar-se o choque e o horror se não deixarmos a nossa mente repisar constantemente o sucedido.

- Não está compreendendo - replicou Linda com rispidez.

- Acho que estou, minha querida.

Linda abanou a cabeça.

- Não está, não. Não está compreendendo nada... e Christine também não compreende! Ambas têm sido muito simpáticas comigo, mas não conseguem compreender o que estou sentindo. Pensam que é apenas morbidez, que estou sempre pensando no que aconteceu sem que haja razão.

Calou-se.

- Mas não se trata de nada disso. Se soubessem o que eu sei...

Rosamund estacou. O seu corpo não tremeu; pelo contrário, enrijeceu.

Ficou sem se mover por um momento, e a seguir libertou o braço de Linda.

- O que é que você sabe, Linda? - perguntou.

A moça olhou-a fixamente. A seguir sacudiu a cabeça.

- Nada - sussurrou.

Rosamund agarrou-a por um braço. Apertou-o com força e Linda retraiu-se um pouco.

- Tome cuidado, Linda. Tome muito cuidado - recomendou Rosamund.

Linda tinha empalidecido.

- Sou sempre cuidadosa - disse. - Sempre.

Rosamund prosseguiu, insistente: - Escuta, Linda, o que te disse há uns minutos continua se aplicando, só que agora com muito mais razão. Esqueça por completo o que se passou. Nunca mais pense nisso. Esqueça... esqueça... Vai ver que você pode, se se esforçar! Arlena está morta e nada poderá trazê-la de volta... Esqueça tudo e pense no futuro. E, acima de tudo, tome cuidado com o que você diz.

Linda encolheu-se ligeiramente.

- A senhora... parece que já sabe tudo - disse.

- Não sei nada! - replicou Rosamund com energia. - Na minha opinião, um maníaco qualquer veio à ilha e matou Arlena. É essa a solução mais provável. Estou quase certa de que a polícia terá que acabar por aceitar essa explicação. É o que deve ter acontecido! É o que aconteceu realmente!

- Se o meu pai... - começou Linda.

Rosamund interrompeu-a. - Não fale mais no assunto.

- Mas tenho que dizer uma coisa - insistiu a jovem. - A minha mãe...

- O que tem?

- Ela... ela foi julgada por homicídio, não foi?

- Sim.

- E depois o meu pai casou-se com ela - disse Linda, pausadamente. Isso é capaz de dar a idéia de que o meu pai não acha realmente que um homicídio seja uma coisa muito importante... em todos os casos, pelo menos.

Rosamund respondeu com modos ríspidos: - Nunca diga uma coisa dessas... nem mesmo para mim! A polícia não tem nada contra o seu pai. Ele possui um álibi... um álibi que não pode ser destruído. Está completamente inocentado.

- Mas no princípio eles pensavam que o meu pai...? - sussurrou Linda.

Rosamund gritou: - Sei lá o que eles pensavam! Mas agora sabem que ele não poderia ter feito aquilo. Está entendendo? Não poderia ter feito aquilo!

Falava com autoridade, e os seus olhos exigiam a concordância de Linda. A moça soltou um suspiro longo e alvoroçado.

- Você vai poder ir-se embora daqui dentro em breve - prosseguiu Rosamund. - Acabará por esquecer tudo... tudo!

Linda explodiu com inesperada violência: - Nunca hei de esquecer! Deu meia-volta e regressou correndo ao hotel. Rosamund ficou olhando para ela.

- Há uma coisa que quero saber, madame.

Christine Redfern olhou para Poirot com uma expressão ligeiramente abstrata.

- Sim? - disse.

Hercule Poirot mal reparou na distração dela. Tinha estado observando o modo como os seus olhos seguiam o marido enquanto este andava de um lado para o outro no terraço em frente ao bar, mas de momento não estava interessado em problemas puramente conjugais. Queria informações.

- Sim, madame - prosseguiu. - Foi uma frase... uma frase sua fortuita que no outro dia despertou a minha atenção.

- Sim? - disse Christine, ainda de olhos postos em Patrick - O que foi que eu disse?

- Era em resposta a uma pergunta formulada pelo chefe de polícia. A senhora esteve descrevendo a sua ida ao quarto de Miss Linda Marshall na manhã do crime e como deu pela sua ausência, tendo ela regressado pouco depois; foi então que o chefe de polícia lhe perguntou onde é que ela tinha estado.

- E eu respondi que ela tinha ido à praia tomar banho - concluiu Christine com impaciência. - Foi isso?

- Ah, mas não foi bem isso que disse... Não disse que ela tinha ido banhar-se. As suas palavras foram: “Ela disse que tinha ido à praia tomar banho”.

- É o mesmo - comentou Christine.

- Não, não é nada o mesmo! A forma da resposta sugere uma certa atitude mental da sua parte. Linda Marshall entrou no quarto; vinha envolta num roupão de banho, e mesmo assim, por qualquer razão, a senhora não presumiu imediatamente que ela tivesse estado tomando banho. É o que se depreende das suas palavras: “Ela disse que tinha ido à praia tomar banho”. Que haveria na aparência dela (talvez o seu aspecto, ou algo no que ela vestia, ou qualquer coisa que tivesse dito) que a levou a ficar surpreendida quando ela lhe disse que tinha ido tomar banho?

A atenção de Christine largou Patrick para se fixar inteiramente em Poirot. Sentia-se interessada.

- Aí está uma dedução interessante... - disse. - É verdade, agora me recordo... Fiquei realmente um pouco surpreendida quando a Linda disse que tinha ido tomar banho.

- Mas porquê, madame, porquê?

- Sim, porquê... é disso que estou tentando me lembrar. Ah, sim, creio que foi por causa do embrulho que ela trazia na mão.

- Ela trazia um embrulho?

- Trazia, sim.

- Mas não sabe o que vinha nele?

- Por acaso sei, porque o barbante rebentou. Era um embrulho mal-feito, como eles costumam fazer na loja da aldeia. Continha velas... Ficaram todas espalhadas pelo soalho. Eu própria ajudei-a a apanhá-las.

- Ah! - disse Poirot. - Velas.

Christine olhou-o admirada.

- Parece agitado, M. Poirot - disse.

- Ela explicou-lhe por que tinha ido comprar velas? - perguntou-lhe ele.

Christine pensou um pouco.

- Não, acho que não. Talvez fosse para ler durante a noite... possivelmente pela luz elétrica não ser apropriada.

- Pelo contrário, madame, havia um candeeiro em perfeito estado sobre a mesa-de-cabeceira.

- Nesse caso, não sei para que as queria - afirmou Christine.

- Qual foi a reação dela, quando o barbante rebentou e as velas se espalharam pelo chão? - perguntou Poirot.

- Ficou... transtornada... embaraçada - disse Christine lentamente. Poirot fez um aceno.

- Reparou se havia um calendário no quarto de Linda? - perguntou a seguir.

- Um calendário? Que gênero de calendário?

- Possivelmente verde - explicou Poirot -, daqueles com folhas de arrancar.

Christine semicerrou os olhos, tentando avivar a memória.

- Um calendário verde... sim, de um verde brilhante. Lembro-me de ter visto de fato um calendário desse gênero. mas não consigo lembrar-me onde.

Talvez no quarto de Linda, mas não estou certa.

- Mas tem a certeza de tê-lo visto?

- Tenho.

Uma vez mais, Poirot acenou com a cabeça.

- O que estará querendo sugerir, M. Poirot? - Perguntou Christine, de forma um tanto incisiva. - Que significa tudo isto?

Como resposta, Poirot mostrou-lhe um pequeno volume encadernado em carneira castanha desbotada.

- Já tinha visto este livro?

- Ora essa... acho que... não tenho a certeza... sim, a Linda estava folheando-o no outro dia na biblioteca da aldeia. Mas fechou-o e arrumou-o depressa, quando me aproximei. Até me fez pensar no que seria...

Sem uma palavra, Poirot mostrou-lhe o título: *Tratado de Feitiçaria, Bruxaria e Mistura de Venenos Indetectáveis*.

- Não compreendo - exclamou Christine. - Que quererá tudo isto significar?

- Poderá significar muito, madame - disse Poirot gravemente.

Ela olhou-o com curiosidade, mas Poirot não adiantou mais nada. Em vez disso, prosseguiu: - Só mais uma pergunta, madame. Por acaso tomou banho naquela manhã, antes de ir jogar tênis?

Christine voltou a olhá-lo fixamente.

- Banho? Não. Não teria tempo, e além disso não queria tomar banho antes de jogar tênis. Depois de jogar, talvez.

- Serviu-se do banheiro quando entrou?

- Lavei o rosto e as mãos, nada mais.

- Portanto, não utilizou a banheira?

- Não, estou certa disso.

Poirot acenou outra vez.

- Não tem importância.

Hercule Poirot parou junto da mesa onde Mrs. Gardener travava combate

com um quebra-cabeças. Ela levantou os olhos e deu um salto.

- Ora essa, M. Poirot, veio muito sorrateiro! Não o ouvi! Acaba de regressar do inquérito? Sabe, só de pensar nisso fico cheia de nervos. Não sei o que fazer. Foi por isso que me dediquei a este jogo. Não estava com disposição para me sentar na praia, como habitualmente. Como Mr. Gardener sabe, quando fico cheia de nervos não há nada como um destes quebra-cabeças para me acalmar. Ora bem, onde será que posso encaixar esta peça branca? Deve fazer parte do tapete, mas não estou vendo como...

Delicadamente, a mão de Poirot retirou-lhe a peça.

- Encaixa aqui, madame - disse ele. - Faz parte do gato.

- Não pode ser. O gato é preto.

- O gato é preto, sim, mas pode ver aqui a ponta da cauda do gato preto, que por acaso é branca.

- Ah! Pois é... O senhor é muito esperto! Mas acho que as pessoas que fabricam estes jogos são muito maldosas. Fazem todo o possível para nos enganarem.

Encaixou mais uma peça, e depois prosseguiu:

- Sabe, M. Poirot, ultimamente tenho andado a observá-lo. Só queria vê-lo no seu trabalho de detetive, se é que me entende, ainda que possa parecer uma crueldade estar falando assim, como se tudo se tratasse de um jogo... quando uma pobre criatura faleceu. Deus meu, sempre que penso naquilo me dá um arrepio! Disse esta manhã a Mr. Gardener que tenho mesmo que ir embora daqui e, agora que o inquérito terminou, ele pensa que poderemos partir amanhã, o que é uma bênção. Mas voltando ao seu trabalho de detetive: muito gostaria de conhecer os seus métodos... Sabe, seria para mim um grande privilégio se pudesse explicá-los.

- É um pouco como o seu jogo de paciência, madame - disse Poirot. - Vamos juntando as peças. Como num mosaico: muitas cores e padrões... e cada uma das pequenas peças tem que ser encaixada precisamente no seu lugar.

- Isso é muito interessante. O senhor explica-se muito bem.

Poirot prosseguiu: - E por vezes acontece como com aquela peça do seu

quebra-cabeças. Organizam-se as peças todas com todo o cuidado, separam-se as cores, e depois pode suceder que a peça de uma dada cor, que deveria aplicar-se, por exemplo, no tapete branco, afinal se encaixe na cauda de um gato preto.

- Ah, como isso parece fascinante! E são muitas as peças, M. Poirot?

- Sim, madame. Quase todas as pessoas que se encontram neste hotel forneceram-me uma peça para o meu quebra-cabeças. A senhora é uma delas.

- Eu? - A voz de Mrs. Gardener parecia emocionada.

- Com efeito. Uma observação sua, madame, foi-me extremamente útil. Posso até afirmar que foi esclarecedora.

- Ora, ora, que maravilha! Não poderá dizer-me mais alguma coisa, M. Poirot?

- Ah, estou reservando as explicações para o último capítulo, madame.

- Mas que pena! - murmurou Mrs. Gardener.

Hercule Poirot bateu suavemente na porta do quarto do capitão Marshall. Do interior vinha o som de uma máquina de escrever. Escutou um brusco “Entre!”, e abriu a porta.

O capitão Marshall estava de costas voltadas para ele. Escrevia à máquina, sentado à mesa situada entre as duas janelas. Não voltou a cabeça, mas os seus olhos encontraram-se com os de Poirot através do espelho pendurado na parede mesmo à sua frente.

- Bem, M. Poirot, que se passa? - disse com irritação.

Poirot respondeu prontamente: - Mil desculpas pela interrupção. Está muito ocupado?

- Um bocado - replicou Marshall com secura.

- É só uma pergunta que gostaria de lhe fazer - disse Poirot.

- Santo Deus, estou farto de responder a perguntas - ripostou Marshall. - Respondi a todas as perguntas que a polícia me fez. Não me sinto obrigado a responder às suas.

- Mas a minha pergunta é muito simples - disse Poirot. - É apenas isto: Na manhã da morte da sua esposa, teria o senhor tomado banho depois de acabar

o seu trabalho e antes de descer para jogar tênis?

- Se tomei banho? Claro que não, tinha tomado banho uma hora antes!

- Muito obrigado - disse Hercule Poirot. - É tudo.

- Mas ouça lá. Oh... - Marshall parou, hesitante. Poirot retirou-se, fechando a porta atrás de si.

- O sujeito é doido! - comentou Kenneth Marshall.

À saída do bar, Poirot encontrou Mr. Gardener. Transportava dois cocktails e ia claramente dirigindo-se para o local onde Mrs. Gardener se instalara com o seu quebra-cabeças.

- Quer fazer-nos companhia, Poirot? - disse, sorridente. Poirot abanou a cabeça.

- Que pensa do inquérito, Mr. Gardener? - perguntou. Este baixou o tom de voz.

- Pareceu-me inconclusivo - disse. - A polícia de vocês, segundo depreendo, deve ter algum trunfo na manga.

- É possível - replicou Hercule Poirot.

Mr. Gardener baixou a voz ainda mais. - Só fico satisfeito quando conseguir levar Mrs. Gardener para fora daqui. Ela é muito, muito sensível, e este assunto tem-lhe complicado com os nervos. É muito emotiva.

- Mr. Gardener, permite-me que lhe faça uma pergunta? - disse Poirot.

- Ora, certamente, M. Poirot. Tenho muito gosto em lhe ser útil de alguma forma.

- O senhor é um homem muito vivido - declarou Poirot -, um homem, creio, de considerável perspicácia. Diga-me com franqueza: qual era a sua opinião a respeito da falecida Mrs. Marshall?

As sobrancelhas de Mr. Gardener levantaram-se com a surpresa. Olhou cautelosamente em redor e sussurrou: - Bem, M. Poirot, tenho escutado umas coisas que se dizem por aí, se me faça entender, especialmente entre as mulheres.

- Poirot fez um aceno. - Mas, já que me pergunta, a minha sincera opinião é que aquela mulher era uma perfeita imbecil!

- Ora aí está uma opinião interessante - comentou Poirot, pensativo.

- Então agora é a minha vez, não é? - perguntou Rosamund Darriley.

- Perdão?

Ela riu-se.

- No outro dia o chefe de polícia fez o seu interrogatório. O senhor limitou-se a assistir. Hoje, parece-me, anda fazendo o seu próprio interrogatório não-oficial. Tenho andado a observá-lo. Primeiro Mrs. Redfern, depois o vi através da janela da sala de estar, onde Mrs. Gardener anda às voltas com o seu odioso quebra-cabeças. Agora é a minha vez.

Hercule Poirot sentou-se ao lado dela. Encontravam-se no Terraço do Sol. Abaixo deles, o mar estendia-se num tom intenso de verde. Mais para longe, transformava-se num encandeante azul-pálido.

- Mademoiselle é muito inteligente - comentou Poirot. - Foi sempre essa a minha opinião, desde que cheguei aqui. Seria um prazer discutir este assunto consigo.

- Quer saber o que penso de tudo isto? - perguntou Rosamund suavemente.

- Seria muito interessante.

- Acho que é realmente simples - afirmou Rosamund. - A chave está no passado da mulher.

- No passado? Não no presente?

- Oh, não necessariamente no passado longínquo. É assim que encaro o assunto: Arlena Marshall era atraente, fatalmente atraente, para os homens. É possível, parece-me, que também se fartasse depressa deles. Entre os seus... admiradores, digamos... houve um que não gostou de ser tratado dessa forma. Oh, não me interprete mal, não será alguém que salte à vista. Provavelmente algum homenzinho desinteressante, vaidoso e suscetível, o gênero de homem cismático. Penso que a seguiu até aqui, aguardou a sua oportunidade, e matou-a.

- Quer dizer que terá sido um estranho, vindo de fora?

- Sim. É capaz de ter-se escondido naquela caverna até surgir a ocasião

favorável.

Hercule Poirot abanou a cabeça.

- Acha que ela iria encontrar-se com um homem como o que descreveu?

- disse. - Não, se limitaria a rir e a ignorá-lo.

Rosamund insistiu: - Talvez não soubesse que iria encontrá-lo. O homem poderia ter-lhe mandado um recado em nome de outra pessoa.

- Isso é possível - murmurou Poirot. - Depois disse: - Mas está se esquecendo de uma coisa, mademoiselle. Um homem decidido a cometer um homicídio não se arriscaria a atravessar o pontão em pleno dia e passar junto do hotel. Alguém poderia vê-lo.

- É provável que alguém pudesse vê-lo, mas não me parece que isso seja garantido. Penso que é bastante possível que ele tivesse chegado sem ninguém reparar.

- Seria possível, sim. Nesse ponto tem razão. Mas o fato é que ele não poderia contar com essa possibilidade.

- Não estará se esquecendo de alguma coisa? - disse Rosamund. - o tempo que fez.

- O tempo que fez?

- Sim! o dia do crime foi um dia lindo, mas no dia anterior, lembre-se, choveu e estava uma neblina espessa. Qualquer pessoa poderia então ter chegado à ilha sem ser visto. Bastava-lhe descer na praia e passar a noite na caverna. Aquela neblina, M. Poirot, é importante.

Por uns momentos, Poirot olhou pensativamente para ela.

- Sabe, o que acaba de referir tem muita pertinência.

Rosamund corou.

- Ao menos é essa a minha teoria - disse. - Agora conte-me a sua.

- Ah! - fez Poirot, e pôs-se a olhar para o mar. - *Eh bien*, mademoiselle. Sou uma pessoa muito simples. Estou sempre inclinado a crer que quem comete um crime é a pessoa que mais condições reúne para fazê-lo. Logo, desde o princípio pareceu-me haver uma pessoa para quem os indícios mais apontavam.

A voz de Rosamund endureceu um pouco.

- Continue... - disse.

Hercule Poirot continuou: - Mas surgiu um obstáculo no caminho! Parecia ser impossível aquela pessoa ter cometido o crime.

Escutou o ritmo acelerado da respiração dela.

- E depois? - perguntou Rosamund, quase ofegante. Hercule Poirot encolheu os ombros.

- Bem, que poderemos fazer? É esse o meu problema. - Fez uma pausa e prosseguiu: - Posso perguntar-lhe uma coisa?

- Certamente.

Rosamund ficou olhando para ele, atenta e vigilante. Mas a pergunta que surgiu foi inesperada.

- Quando voltou ao hotel naquela manhã, para vestir a roupa de tênis, tomou banho?

Rosamund olhou-o espantada.

- Se tomei banho? O que quer dizer com isso?

- Isso, precisamente. Se tomou banho. Há aquele receptáculo de porcelana, abre-se a torneira até encher, entra-se na água, sai-se, e glub, glub, glub, a água escorre para o esgoto!

- M. Poirot, estará por acaso doido?

- Não, estou extremamente são.

- Bem, seja como for. Não, não tomei banho nenhum.

- Ah! - exclamou Poirot. - Portanto ninguém tomou banho. Isto é extremamente interessante.

- Mas por que é que alguém devia ter tomado banho?

- Porquê, realmente? - disse Hercule Poirot.

- Presumo que isso deve ser o toque de Sherlock Holmes - disse Rosamund, um pouco exasperada.

Poirot sorriu; depois aspirou delicadamente o ar.

- Permite-me que seja impertinente, mademoiselle?

- Estou certa de que não saberá ser impertinente, M. Poirot.

- É muito amável. Nesse caso, atrevo-me a dizer que o perfume que usa é

delicioso... tem uma nuance... um suave e elusivo encanto. - Agitou as mãos no ar, e depois acrescentou, numa voz normal: - Gabrielle N° 8, talvez?

- É muito arguto. Tem razão, é o que uso sempre.

- Tal como a falecida Mrs. Marshall. É chique, não é? E muito caro?

Rosamund encolheu os ombros com um ligeiro sorriso.

- Na manhã do crime, mademoiselle esteve sentada aqui, onde agora nos encontramos - comentou Poirot. - Miss Brewster e Mr. Redfern viram-na, ou pelo menos viram o seu chapéu-de-sol, ao passarem lá em baixo no barco a remos. Tem certeza, mademoiselle, de que na mesma manhã não foi à Enseada do Duende, entrando na caverna lá existente, a famosa caverna do Duende?

Rosamund virou a cabeça e fixou-o intensamente.

- Está me perguntando se matei Arlena Marshall? - disse em voz baixa.

- Não, estou lhe perguntando se foi à caverna da Enseada do Duende.

- Nem sequer sei onde isso é. Para que haveria de ir lá? Por que razão?

- No dia do crime, mademoiselle, esteve lá alguém que usava Gabrielle, N° 8.

- O senhor mesmo afirmou ainda agora, M. Poirot, que Arlena Marshall usava Gabrielle N° 8. Nesse dia ela esteve lá na praia. Possivelmente foi ela quem entrou na caverna.

- Para que iria ela entrar na caverna? - perguntou Poirot. - É escura e estreita, e muito desconfortável.

- Não me peça razões - retorquiu Rosamund, impaciente. - Se ela estava na praia, é de longe quem mais probabilidades tinha de entrar na caverna. Já lhe disse que nunca saí deste local durante toda aquela manhã.

- Exceto quando voltou ao hotel, dirigindo-se ao quarto do capitão Marshall - recordou Poirot.

- Sim, tem razão. já tinha me esquecido.

- E estava enganada, mademoiselle - prosseguiu Poirot -, ao pensar que o capitão não a tinha visto.

- O Kenneth se viu? - disse Rosamund, incrédula. - Foi... foi ele quem lhe disse?

Poirot confirmou com um aceno. - Pois viu, mademoiselle, através do espelho pendurado em frente da mesa.

Rosamund suspendeu a respiração.

- Oh, já entendi!

Poirot já não estava olhando para o mar; olhava para as mãos de Rosamund Darriley, descansando entrelaçadas no regaço. Eram mãos bem constituídas, extraordinariamente bem moldadas e com dedos muito compridos.

Ao olhá-lo de relance, Rosamund reparou que ele estava observar as suas mãos.

- Para que está olhando para as minhas mãos? - disse, incisiva. - Estará imaginando... estará imaginando...

- Estarei imaginando... O quê, mademoiselle?

- Nada - respondeu Rosamund Darriley.

Foi talvez uma hora mais tarde que Hercule Poirot alcançou o topo da trilha que ia dar na Enseada da Gaivota. Alguém estava sentado na praia. Uma figura franzina, de camiseta vermelha e calções azuis-escuros.

Poirot desceu a trilha, com passos cautelosos nos seus sapatos elegantes e muito justos.

Linda Marshall rodou subitamente a cabeça. Pareceu a Poirot que ela se encolhera um pouco.

Os seus olhos, enquanto ele se aproximava para se sentar com todo o cuidado nos seixos ao lado dela, não o largaram por um instante, com a expressão de suspeita e vigilância de um animal encurralado. Poirot notou, com angústia, como ela parecia imatura e vulnerável.

- O que é? O que pretende? - perguntou Linda. Hercule Poirot não respondeu por uns momentos.

- No outro dia, a menina disse ao chefe de polícia que simpatizava com a sua madrasta, e que esta a tratava bem.

- E daí?

- Isso não era verdade, não é, mademoiselle?

- Claro que era!

- Talvez não fosse ativamente perversa, isso posso aceitar - comentou Poirot. - Mas você não simpatizava com ela, oh não, acho até que a detestava. Toda a gente podia ver isso.

- Talvez não gostasse muito dela - admitiu Linda. - Mas não devemos falar mal de uma pessoa que já morreu. Não seria correto.

Poirot suspirou.

- Ensinaaram-lhe isso na escola? - disse.

- Mais ou menos, acho eu.

- Mas quando essa pessoa foi assassinada, torna-se mais importante ser verdadeiro do que ser correto.

- Acho que era de esperar que dissesse isso - disse Linda.

- Era de esperar que dissesse e digo mesmo. A minha obrigação, como sabe, é descobrir quem assassinou Arlena Marshall.

Linda resmungou: - Quero esquecer tudo aquilo! É tão horrível.

- Mas não consegue esquecer, não é? - disse Poirot com suavidade.

- Ela deve ter sido assassinada por algum louco...

- Não, não me parece ter sido nada disso - murmurou Hercule Poirot.

Linda susteve a respiração.

- Fala como se... soubesse... - disse.

- Talvez saiba - disse Poirot. - Fez uma pausa e depois prosseguiu: Confiará em mim, minha filha, para fazer tudo o que puder por você neste problema tão difícil?

Linda levantou-se de um salto. - Não tenho problema nenhum. Não há nada que possa fazer por mim. Nem sei ao que está se referindo!

Poirot observou-a cuidadosamente.

- Estou me referindo a elas... - disse.

Viu o terror estampado nos olhos da moça.

- Não quero ouvir o que está dizendo - gritou ela. - Não quero ouvir mais!

Atravessou a praia correndo, veloz como uma jovem gazela, e começou a

subir o trilha em ziguezague.

Poirot abanou a cabeça. Tinha um ar solene e perturbado.

CAPÍTULO ONZE

O inspetor Colgate estava apresentando o seu relatório ao chefe de polícia.

- Descobri uma coisa, senhor, e é sensacional. Diz respeito ao dinheiro de Mrs. Marshall. Estive falando com os advogados dela. Acho que deve ter sido um choque para eles. Tenho provas da história da chantagem. Lembra-se dela ter herdado cinquenta mil libras do velho Erskine? Pois bem, tudo o que resta não passa de umas quinze mil.

O chefe de polícia soltou um assobio.

- O que terá acontecido ao restante?

- Essa é que é a parte interessante. De tempos em tempos ela vendia coisas e exigia sempre o pagamento em dinheiro ou em títulos e valores negociáveis, o que significa que entregava o dinheiro a alguém que ela não queria que fosse localizado. Chantagem, está se vendo.

O chefe de polícia concordou com um aceno.

- Assim parece, pelo menos. E o chantagista encontra-se aqui no hotel. Isso significa que tem que ser um destes três homens. Descobriu alguma coisa de novo a respeito deles?

- Não posso afirmar que seja uma coisa concreta, senhor. O major Barry é reformado do Exército, conforme declarou. Vive num pequeno apartamento, tem a sua pensão de reforma e ainda um pequeno rendimento de alguns investimentos. Contudo, durante o último ano depositou na sua conta algumas verbas bastante consideráveis.

- Isso parece interessante. Que explicação apresentou?

- Diz que são ganhos do jogo. É um fato que vai a todas as corridas de cavalos mais importantes. Além disso, faz sempre as apostas em dinheiro, não tem conta-corrente.

O chefe de polícia acenou.

- Isso pode não significar nada - disse -, mas tem o seu interesse. Colgate prosseguiu: - A seguir, o reverendo Stephen Lane. Ele é mesmo um cara limpo. Foi vigário em St. Helens, Whiteridge, Surrey; aposentou-se há pouco mais de um ano com problemas de saúde. Esses problemas levaram-no a ser internado numa casa de repouso para doentes mentais, onde passou quase um ano.

- Interessante - disse Weston.

- Sim, senhor. Tentei extrair tudo o que foi possível do médico encarregado do caso, mas sabe como estes sujeitos são: é difícil arrancar-lhes qualquer coisa a que possamos nos agarrar. Mas, segundo depreendi, o problema de sua reverendíssima era uma obsessão a respeito do diabo, especialmente do diabo disfarçado de mulher... a Mulher Escarlata... a prostituta da Babilônia...

- Hum... - disse Weston. - Têm havido precedentes para o homicídio nesse campo.

- Sim, senhor. Parece-me que Stephen Lane é no mínimo uma possibilidade. A falecida Mrs. Marshall era um excelente exemplo daquilo a que um clérigo poderia chamar a Mulher Escarlata: o cabelo, e as atividades, e tudo o mais. Parece-me não ser de todo impossível que ele tivesse achado ser seu dever despachá-la para o outro mundo. Isto se ele é mesmo doido.

- Não há nada que se ajuste à teoria da chantagem?

- Não, nada, e acho que podemos pô-lo de lado no que diz respeito a isso. Tem alguns rendimentos próprios, mas não muitos, e não se registraram súbitas receitas nos últimos tempos.

- E quanto ao que ele afirmou terem sido os seus movimentos no dia do crime?

- Não consegui obter qualquer confirmação. Ninguém se lembra de ter encontrado um eclesiástico nas veredas. Quanto ao livro de visitantes da igreja, o último registro tinha sido feito três dias antes e ninguém se lembrava de tê-lo consultado durante a última quinzena. Ele poderia facilmente ter ido lá no dia anterior, ou mesmo dois dias antes, e marcado a sua visita com a data de 25.

Weston fez um aceno.

- E no que diz respeito ao terceiro homem? - perguntou.

- Horace Blatt? Na minha opinião, senhor, há ali qualquer coisa que cheira a podre. Paga imposto de renda sobre uma verba que excede em muito o que ele ganha com o seu negócio de ferramentas. E, note bem, é um sujeito manhoso. Era bem capaz de alinhar uma contabilidade aparentemente impecável, joga um bocado na bolsa, e sabe-se que participou em alguns negócios escusos. É possível que tenha uma explicação plausível, mas a verdade é que desde há alguns anos tem recebido verbas importantes de fontes não esclarecidas.

- Pensa então que Mr. Horace Blatt pode ser um chantagista de carreira?

- disse Weston.

- Ou isso, ou negocia com drogas. Falei com o inspetor-chefe Ridgeway, que é quem coordena os narcóticos, e ele ficou entusiasmado. Parece que ultimamente têm chegado muitos carregamentos de heroína. Os distribuidores menores são conhecidos, e sabe-se mais ou menos de onde a droga vem, mas o que não sabem é como ela entra no país.

- Se a morte de Mrs. Marshall - disse Weston - é resultante dela ter se envolvido, inocentemente ou não, com os traficantes, então será melhor passarmos isto tudo para a Scotland Yard. O problema é deles. O que acha, hã?

O inspetor Colgate anuiu, com uma expressão de pesar. - É capaz de ter razão, senhor. Tratando-se de droga, o caso é da alçada da Yard.

Depois de pensar durante alguns momentos, Weston disse: - Essa parece-me ser realmente a explicação mais plausível.

Colgate confirmou, taciturno: - Assim é, com efeito. Marshall está de fora... apesar de eu ter obtido uma informação que talvez fosse útil, se o álibi dele não fosse tão bom. Parece que a empresa dele está prestes a falir. Não é por culpa dele ou do sócio, apenas consequência da crise do ano passado e do estado geral do comércio e das finanças. Ele julgava que ia receber cinquenta mil libras do legado da mulher. E cinquenta mil libras poderiam ser-lhe bastante úteis.

Suspirou.

- É uma pena que, quando um homem tem dois excelentes motivos para

ser o culpado de um crime, consiga provar que nada teve a ver com o sucedido!

Weston sorriu.

- Alegre-se, Colgate. Ainda há uma hipótese de nos distinguirmos. Temos o caso da chantagem e temos o clérigo lelé, mas na minha opinião a hipótese da droga é a mais viável. E se quem a matou foi um dos elementos da quadrilha de traficantes, ninguém poderá negar que colaboramos com a Scotland Yard para a solução do caso. Na realidade, qualquer que seja o ponto de vista, não nos comportamos nada mal.

Um sorriso pouco convincente surgiu no rosto de Colgate.

- Bem, senhor, isso é tudo - disse. - Ainda agora, fui informar-me a respeito do autor da carta que encontramos no quarto dela, aquele que assinou J.N. Nada feito. Foi mesmo para a China. É o mesmo sujeito de quem Miss Brewster nos falou. É um malandrinho. Investiguei também as outras amizades de Mrs. Marshall, e não encontrei nada digno de nota. Tudo o que havia para saber, já sabemos.

- Portanto, agora depende de nós - disse Weston. Fez uma pausa e depois acrescentou: - Tem visto o nosso colega belga? Ele já está a par daquilo que me contou?

- É um tipo esquisito, não acha? - disse com um risinho. - Sabe o que ele me pediu anteontem? Queria detalhes de quaisquer casos de estrangulamento ocorridos nos últimos três anos.

O coronel Weston endireitou-se na cadeira.

- Ah sim? Para que seria?... - Calou-se por um instante. - Quando foi que disse que o reverendo Stephen Lane tinha sido internado?

- Fez um ano na Páscoa, senhor.

O coronel Weston ficou imerso nos seus pensamentos.

- Houve um caso... - disse - o corpo de uma jovem descoberto em algum lugar nas proximidades de Bagshot. Ia encontrar-se com o marido não sei onde e nunca apareceu. E houve também aquilo a que os jornais chamaram o Caso do Bosque Isolado. Ambos em Surrey, se bem me recordo. - Os olhos de Weston fixaram-se nos do seu inspetor.

- Com os diabos! - exclamou Colgate. – Em Surrey parece que se ajusta, não é? Será que...

Hercule Poirot estava sentado no chão relvado no ponto mais alto da ilha. Um pouco à esquerda situava-se o início da escada de ferro que conduzia à Enseada do Duende. Próximo da escada haviam diversos pedregulhos irregulares, notou ele, que assegurariam um esconderijo fácil para quem pretendesse descer até à praia. Dali do topo mal se via a praia, devido à saliência da falésia.

Hercule Poirot acenou com gravidade.

As várias peças do seu quebra-cabeças iam se ajustando nos seus lugares. Reviu mentalmente essas peças, considerando-as uma a uma.

A manhã passada na praia, alguns dias antes da morte de Arlena Marshall.

Um, dois, três, quatro, cinco comentários escutados nessa mesma manhã.

O serão do jogo de bridge. À mesa tinham estado ele, Patrick Redfern e Rosamund Darriley. Christine afastara-se momentaneamente da mesa quando estava no lugar do “morto”, tendo escutado uma certa conversa. Quem mais estivera na sala de estar naquela ocasião? Quem estivera ausente?

A noite antes do crime. A conversa que tivera com Christine na falésia e a cena que testemunhara no regresso ao hotel.

Gabrielle Nº 8.

Uma tesoura.

O pedaço partido de um cachimbo. O frasco atirado de uma janela.

Um calendário verde. Um embrulho de velas.

Um espelho e uma máquina de escrever. Uma meada de lã vermelha.

Um relógio de pulso de moça.

Água da banheira escorrendo pelo ralo.

Cada um destes fatos, não relacionados entre si, deveria ser aplicado no respectivo lugar. Não poderia haver pontas soltas.

E então, com cada fato concreto arrumado no seu lugar, avançaria para o passo seguinte: a sua própria convicção da presença do mal na ilha.

O Mal...

Olhou para os papéis datilografados que tinha nas mãos.

Nellie Parsons - encontrada estrangulada num bosque solitário próximo de Chobliam. Nunca tinha sido descoberto o assassino.

Nellie Parsons? Alice Corrigan.

Leu muito cuidadosamente os detalhes da morte de Alice Corrigan.

O inspetor Colgate aproximou-se de Hercule Poirot, sentado no terraço, sobre o mar.

Poirot simpatizava com o inspetor Colgate. Gostava do seu rosto austero, dos olhos inteligentes, e dos seus modos calmos e sem pressa.

O inspetor Colgate sentou-se.

- Já fez alguma coisa com esses casos, senhor? - disse, olhando para as folhas datilografadas nas mãos de Poirot.

- Já os estudei, sim.

Colgate levantou-se e foi espreitar o nicho seguinte.

- Não custa nada ser cuidadoso - disse ao regressar. - Não quero que alguém esteja nos ouvindo.

- Tem toda a razão - disse Poirot.

Colgate prosseguiu: - Não me importo de lhe confessar, M. Poirot, que eu próprio tenho estado muito interessado nesses casos, se bem que talvez não me tivesse lembrado deles se não me tivesse perguntado. - Fez uma pausa. - Interesse-me sobretudo por um em particular.

- O de Alice Corrigan?

- O de Alice Corrigan. - Ficou calado por alguns instantes. - Fui informar-me sobre esse caso junto da polícia de Surrey; estava interessado em conhecer todos os seus pormenores.

- Conte-me, meu amigo. Também estou interessado, muito interessado.

- Já calculava. Alice Corrigan foi encontrada morta por estrangulamento na mata de Caesar, na charneca de Blackridge, a menos de quinze quilômetros do bosque de Marley, onde Nellie Parsons fora encontrada, e estes dois locais estão a menos de vinte quilômetros de Whiteridge, onde Mr. Lane era o vigário.

- Fale-me mais a respeito da morte de Alice Corrigan - disse Poirot. Colgate prosseguiu: - No princípio, a polícia de Surrey não relacionou a morte dela com a de Nellie Parsons, e isso porque estavam inclinados a considerar culpado o marido dela. Não sei bem porquê, exceto que o homem era aquilo a que a imprensa gosta de apelidar de “homem-mistério”. Pouco se sabia dele, quem era ou de onde viera. Alice tinha-se casado contra a vontade da família, tinha um dinheirinho de seu e tinha feito um seguro de vida com o marido como beneficiário. Tudo isso contribuía para criar suspeitas, como deve concordar.

Poirot concordou com um aceno.

- Mas, quando chegou a hora da verdade, o marido foi imediatamente inocentado. O corpo tinha sido encontrado por uma dessas mulheres que gostam muito de fazer passeios a pé, jovens robustas de bermudas. Foi uma testemunha absolutamente competente e fiável; era professora de educação física numa escola de Lancashire. Tinha anotado a hora em que tinha encontrado o corpo (eram exatamente quatro e quinze), e declarou que, na sua opinião, a mulher teria morrido pouco tempo antes, uns dez minutos no máximo. Isso foi confirmado pelo médico legista quando examinou o cadáver às seis menos um quarto. A mulher deixou tudo como estava e dirigiu-se apressada através dos campos até à delegacia de Bagshot, onde comunicou o sucedido. Acontece que entre as três e as quatro e dez Edward Corrigan vinha no trem proveniente de Londres, onde fora tratar de negócios. Quatro outras pessoas vinham no vagão com ele. Apeou em Pine Ridge, em cujo café tinha combinado encontrar-se com a esposa para o chá. Eram então quatro e vinte e cinco. Encomendou chá para os dois, mas pediu para não o trazerem antes dela chegar. Depois ficou à espera no lado de fora do café, andando de um lado para o outro. Quando, pelas cinco horas, a mulher ainda não tinha chegado, começou a ficar alarmado, pensando que talvez ela tivesse torcido um tornozelo. Tinha ficado combinado que ela viria a pé pela charneca até Pine Ridge, e que depois regressariam no ônibus. A mata de Caesar não é longe do café, e presume-se que ela, vindo adiantada, resolvera sentar-se um pouco para admirar a paisagem, tendo sido apanhada de surpresa por algum vagabundo ou algum louco. Quando o marido provou não ter sido o culpado,

naturalmente relacionaram a morte dela com a de Nellie Parsons, uma garçonete muito estouvada que tinha sido encontrada morta por estrangulamento no bosque de Marley. Decidiram que o mesmo homem era responsável pelas duas mortes, mas nunca o apanharam... mais do que isso, não estiveram sequer perto de apanhá-lo! Não deixou rasto.

Fez uma pausa; a seguir disse, lentamente: - E agora... temos uma terceira mulher estrangulada... e um certo cavalheiro (cujo nome não diremos) no mesmo local.

Calou-se. Os seus olhos pequenos e argutos fixaram-se em Poirot. Aguardou, esperançoso.

Os lábios de Poirot moveram-se. O inspetor Colgate inclinou-se para a frente.

- ...difícil saber quais as peças que pertencem ao tapete e quais à cauda do gato... - murmurava.

- Como disse? - perguntou o inspetor Colgate, intrigado.

Poirot respondeu prontamente: - Peço desculpa. Estava falando comigo mesmo.

- O que era aquilo a respeito do tapete e do gato?

- Nada... absolutamente nada. - Calou-se. - Diga-me, inspetor Colgate, se desconfiasse que alguém dizia muitas mentiras, mas não dispusesse de provas, o que faria?

O inspetor considerou a pergunta.

- É difícil, lá isso é. Mas, na minha opinião, se alguém conta muitas mentiras acaba por tropeçar nelas.

Poirot fez um aceno.

- Sim, o que diz é muito verdadeiro. Sabe, é só no meu pensamento que certas afirmações são falsidades. Penso que são mentiras, mas não sei realmente se o serão. Talvez fosse possível fazer um teste... um teste com uma pequena mentira que salte pouco à vista. E se se verificasse que era mesmo mentira, nesse caso ficaríamos sabendo que as outras também o eram!

O inspetor Colgate olhou-o com curiosidade.

- A sua cabeça trabalha de um modo curioso, não é? Mas estou certo de que tudo dá resultado no final. Se me desculpa a curiosidade, o que é que o levou a fazer perguntas sobre outros casos de morte por estrangulamento?

- Vocês têm uma expressão: traquejo - disse Poirot lentamente. - Este homicídio pareceu-me ter sido executado com bastante traquejo! Levou-me a pensar que talvez não se tratasse de uma primeira tentativa.

- Estou percebendo - disse o inspetor. Poirot prosseguiu:

- Disse para comigo mesmo: examinemos outros crimes do mesmo gênero e, se houver algum que seja semelhante a este... *eh bien*, teremos aí um indício de grande importância.

- Refere-se a ter sido utilizado o mesmo método de matar?

- Não, não! Muito mais do que isso. A morte de Nellie Parsons, por exemplo, nada me diz. Mas a morte de Alice Corrigan... Diga-me, inspetor Colgate, não nota uma impressionante semelhança com este crime?

O inspetor Colgate refletiu por uns momentos.

- Não - disse por fim -, não estou vendo o que possa ser. Exceto que em ambos os casos o marido apresentou um sólido álibi.

- Ah, então também reparou nisso... - disse Poirot.

- Ah, Poirot. Prazer em vê-lo. Entre. Precisava mesmo falar com você.

Hercule Poirot aceitou o convite.

O chefe de polícia puxou para si uma caixa de cigarros, extraiu um e acendeu-o.

- Já decidi, mais ou menos, o caminho a seguir - disse entre baforadas. - Mas gostaria de conhecer a sua opinião antes de agir.

- Conte-me, meu amigo - pediu Poirot. Weston prosseguiu:

- Decidi entregar o caso à Scotland Yard. Na minha opinião, ainda que existam motivos para se suspeitar de uma ou duas pessoas, todo o caso se articula no contrabando de droga. Parece-me certo que aquele local, a caverna da Enseada do Duende, constituía uma espécie de local de recepção para o produto.

Poirot acenou.

- Concordo - disse.

- Ainda bem. E estou quase convencido de que o nosso contrabandista de droga é Horace Blatt.

Poirot concordou de novo.

- Também assim parece.

- Vejo que a sua cabeça e a minha trabalham do mesmo modo. Blatt velejava muito no seu barco. Por vezes convidava pessoas para lhe fazerem companhia, mas geralmente ia sozinho. Tinha umas velas vermelhas muito berrantes no veleiro, mas descobrimos que também possuía um jogo de velas brancas a bordo. Presumo que se fizesse ao mar até chegar a algum local previamente combinado, onde uma outra embarcação (à vela ou a motor, não interessa) viria ao seu encontro, e procedia-se à transferência do material. Depois Blatt descia na praia na Enseada do Duende a uma hora apropriada...

Hercule Poirot sorriu.

- Sim, sim, por volta da uma e meia, a hora habitual do almoço inglês, quando toda a gente se acha certamente na sala de jantar. A ilha é propriedade privada, não é um sítio onde os excursionistas possam vir fazer piqueniques. Quando há sol, às vezes as pessoas levam os seus lanches do hotel para a Enseada do Duende, ou, se querem fazer um piquenique, têm que ir para algum sítio longe, a vários quilômetros de distância.

O chefe de polícia concordou.

- Isso mesmo - disse. - Portanto, Blatt vai à terra e esconde o material na tal prateleira da caverna. Alguem virá oportunamente buscá-lo.

- Houve um casal, recorda-se? - murmurou Poirot -, que veio à ilha para almoçar no dia do crime. Parece-me ser um modo de se proceder ao transporte do produto. Uns veranistas de um hotel em Moor ou em St. Loo vêm à Ilha dos Contrabandistas. Anunciam que pretendem almoçar. Dão um passeio pela ilha. Será fácil para eles ir até à praia, pegar a caixa de sanduíches, escondê-la no saco em que Madame guarda o maiô e regressar para o almoço no hotel, talvez um pouco atrasados, por volta de dez para as suas, tendo apreciado o seu passeio enquanto toda a gente estava na sala de jantar.

- Sim - disse Weston -, tudo isso me parece viável. Como sabe, estas organizações de traficantes não têm escrúpulos. Se calhasse de alguém meter-se no seu caminho, eles não hesitariam em silenciá-lo. Parece-me ser esta a melhor explicação para a morte de Arlena Marshall. É possível que naquela manhã Blatt estivesse mesmo na enseada guardando o material. Os seus cúmplices viriam apanhá-lo no mesmo dia. Arlena chega no pedalinho e o vê entrando na caverna com a caixa. Interroga-o a respeito disso, ele despacha-a e zarpa dali com toda a pressa.

- Pensa então que Blatt é definitivamente o assassino? - perguntou Poirot.

- Parece-me ser a solução mais provável. Claro, é possível que Arlena tivesse sabido do caso anteriormente, dissesse qualquer coisa a Blatt, e algum outro membro da quadrilha tivesse combinado um falso encontro com ela para lhe tratar da saúde. Como já disse, acho que a melhor solução é entregar o caso à Scotland Yard. Têm mais possibilidades do que nós de provar a ligação de Blatt com a quadrilha de traficantes.

Hercule Poirot acenou, pensativo.

- Não acha que é o mais sensato? - perguntou Weston. Poirot continuava pensando.

- Talvez seja - disse por fim.

- Bolas, Poirot! Tem ou não tem algum trunfo na manga?

- Se tiver, não tenho a certeza de poder prová-lo - respondeu Poirot com gravidade.

- Claro, sei bem que o senhor e o inspetor Colgate têm outras idéias disse Weston. - Parecem-me um pouco fantasiosas, mas tenho que admitir que podem ter uma certa razão. Mas, mesmo se tiverem razão, continuo pensando que é um caso para a Scotland Yard. Fornecemos-lhes os fatos e eles que trabalhem em conjunto com a polícia de Surrey. Creio realmente que não é um caso para nós. Não está suficientemente localizado.

Fez uma pausa.

- O que acha, Poirot? o que pensa que se deva fazer?

Poirot parecia perdido nos seus pensamentos.

- Sei bem o que eu gostaria de fazer - disse por fim.
- Diga, homem!
- Gostaria de ir fazer um piquenique - murmurou. O coronel Weston ficou olhando para ele.

CAPÍTULO DOZE

- Um piquenique, M. Poirot?
Emily Brewster olhou para ele como se estivesse doido.
- Acha possivelmente que é uma idéia absurda, não é verdade? - disse Poirot de modo cativante. – Mas, na realidade penso que é uma idéia admirável. Precisamos de uma atividade normal, natural, para que a vida comece a regressar à normalidade. Estou muito interessado em conhecer um pouco de Dartmoor, e o tempo está ótimo. Talvez seja capaz de... como direi?... de nos animar a todos! Por isso, ajude-me nesta tarefa. Tente convencer toda a gente.

A idéia teve um sucesso inesperado. No início, todos se mostraram hesitantes, mas acabaram por admitir que afinal talvez não fosse má idéia.

Não se sugeriu que o capitão Marshall fosse convidado. Ele próprio dissera que tinha que ir a Plymouth naquele dia. Mr. Blatt concordou logo de forma entusiástica, resolvido como estava a animar a função. Além dele havia Emily Brewster, os Redferns, Stephen Lane, os Gardeners (que foram convencidos a adiar por um dia a sua partida), Rosamund Darriley e Linda.

Poirot usara toda a sua eloquência para convencer Rosamund, referindo-lhe como seria vantajoso para Linda participar de uma atividade capaz de fazê-la esquecer um pouco as suas preocupações. Rosamund concordara.

- Tem toda a razão - disse. - o choque que sofreu foi muito forte para uma criança daquela idade. Deixou-a terrivelmente enervada.

- Isso é perfeitamente natural, mademoiselle. Mas, qualquer que seja a idade, uma pessoa acaba por esquecer. Convença-a a vir. Sei que é capaz.

O major Barry recusara firmemente, afirmando não gostar de piqueniques. “Muitos cestos para transportar”, dissera. “E, ainda por cima,

bastante desconfortável. Prefiro comer as minhas refeições à mesa.”

O grupo reuniu-se às dez horas. Tinham alugado três carros. Mr. Blatt estava alegre e barulhento, imitando um guia turístico.

- Por aqui, senhoras e senhores! Por aqui para Dartmoor! Urze e arandos, natas de Devonshire e presidiários. Tragam as vossas esposas, cavalheiros, ou então as... amiguinhas! São todos bem-vindos! Paisagens maravilhosas. Venham, venham todos!

À última hora, Rosamund Darriley desceu com um ar de consternação.

- A Linda não vem. Diz que está com uma dor de cabeça terrível.

- Mas só lhe faria bem vir! - protestou Poirot. - Convença-a, mademoiselle.

- Não serve de nada - disse Rosamund com firmeza. - Ela está resolvida a não vir. Dei-lhe uma aspirina, e ela deitou-se.

Hesitou por um instante; depois acrescentou: - Parece-me que também não vou.

- Não poderemos permitir, cara senhora, não poderemos permitir isso - clamou Mr. Blatt, segurando-a por um braço, prazenteiro. - *La Haute Mode* tem de adornar a ocasião. Nada de recusas! Vou levá-la presa, ah, ah! Condenada a prisão em Dartmoor.

Conduziu-a com firmeza para o primeiro carro. Rosamund deitou um olhar furibundo a Hercule Poirot.

- Eu fico com a Linda - anunciou Christine Redfern. - Não me importo nada.

- Oh, Christine - disse o marido.

E Poirot disse: - Não, não, tem que vir, madame. Quando se tem uma dor de cabeça fica-se melhor sozinho. Vá, vamos andando.

Os três carros partiram. Dirigiram-se primeiro à verdadeira Caverna do Duende em Sheepstor, e divertiram-se muito à procura da entrada, tendo-a finalmente descoberto com a ajuda de um postal ilustrado.

Era um trajeto arriscado, saltitar de rocha em rocha, e Hercule Poirot não experimentou. Ficou observando, indulgente, enquanto Christine Redfern saltava

graciosamente de pedra em pedra, e notou que o marido nunca a deixava afastar-se muito. Rosamund Darriley e Emily Brewster participaram na busca, ainda que esta última tivesse escorregado uma vez, torcendo ligeiramente um tornozelo. Stephen Lane parecia incansável, contorcendo a sua alta e esguia figura por entre os pedregulhos. Mr. Blatt limitou-se a acompanhá-los apenas por uma parte do percurso, soltando gritos de encorajamento e tirando fotografias dos aventureiros.

Os Gardeners e Poirot ficaram calmamente sentados à beira do caminho, enquanto a voz de Mrs. Gardener se elevava num agradável e calmo monólogo, pontuado aqui e ali pelos obedientes “Sim, querida” do marido.

- ...sempre considere, M. Poirot, e Mr. Gardener concorda comigo, que os instantâneos podem ser muito aborrecidos. A não ser, é claro, que sejam tirados entre amigos. Aquele Mr. Blatt não tem sensibilidade nenhuma. Chega ao pé de qualquer pessoa e tira-lhe um retrato sem dizer nem por favor, e, como já disse a Mr. Gardener, isso é realmente má educação. Foi o que eu disse, não foi, Odell?

- Foi, sim, querida.

- Aquela fotografia de grupo que ele tirou de nós, sentados na praia. Bem, aquilo está tudo muito bem, mas acho que devia ter-nos perguntado primeiro. O que aconteceu foi que Miss Brewster estava se levantando naquele momento, e ficou numa posição muito estranha.

- Também acho - comentou Mr. Gardener, com um sorriso.

- E depois, Mr. Blatt pôs-se a distribuir a fotografia para todo mundo, sem pedir autorização. Reparei que também lhe deu uma, M. Poirot.

Poirot confirmou.

- Aprecio muito aquela foto de grupo - disse.

Mrs. Gardener prosseguiu: - E olhem para o comportamento dele hoje... tão barulhento e vulgar. Até chega a enervar-me. Devia ter deixado o homem no hotel, M. Poirot.

- Infelizmente, madame, isso seria difícil - murmurou Hercule Poirot.

- Também me parece. Aquele homem intromete-se em todo o lado. Não tem sensibilidade nenhuma.

Nesse momento, a descoberta da entrada para a Caverna do Duende foi acolhida com uma ruidosa saudação.

Depois o grupo prosseguiu o seu caminho, sob a orientação de Hercule Poirot, até um ponto em que um curto passeio por uma colina coberta de urze conduzia a uma pequena clareira junto a um riacho. Uma ponte de madeira lançava-se sobre o rio e Poirot e o marido de Mrs. Gardener persuadiram-na a atravessá-la até a uma clareira que, liberta de tojo, parecia ser o local ideal para um piquenique.

Falando voluvelmente sobre as sensações que experimentara ao atravessar uma pequena ponte de tábuas, Mrs. Gardener acabou por se sentar. Subitamente ouviu-se um ligeiro clamor.

Todos já tinham atravessado a ponte sem problemas, mas Emily Brewster estava imobilizada no meio do caminho, de olhos cerrados, oscilando para um lado e para o outro.

Poirot e Patrick Redfern correram em seu auxílio. Emily agradeceu-lhes, envergonhada.

- Obrigada, obrigada. Desculpem. Nunca me senti bem ao atravessar águas em movimento. Fico tonta... uma parvoíce, bem sei.

Colocou-se o almoço sobre as toalhas, e o piquenique começou.

Todos os presentes ficaram secretamente surpreendidos por constatarem que estavam apreciando este interlúdio. Talvez fosse por lhes oferecer uma oportunidade de fugirem, por algumas horas, a uma atmosfera de suspeita e receio. Aqui, escutando o borbulhar da água, aspirando o agradável aroma da turfa, e apreciando o colorido panorama da urze e dos fetos, aquele mundo de crime e de inquéritos policiais e suspeitas parecia-lhes ter-se desvanecido, como se nunca houvesse existido. Até Mr. Blatt se esqueceu de ser a alma da festa. Terminada a refeição foi dormir a sesta, ligeiramente afastado dos outros, e os roncos que emitia testemunhavam a sua abençoada entrada no reino dos sonhos.

Algum tempo depois, um grato grupo de pessoas começou a arrumar os seus cestos de piquenique, dando os parabéns a Hercule Poirot pela agradável idéia que tivera.

O sol começava a se pôr quando iniciaram a viagem de regresso pelas sinuosas estradas secundárias. Do topo da colina, acima da Baía de Leathercombe, captaram uma rápida vista da ilha com o seu hotel pintado de branco.

Parecia em paz e inocente, ao pôr do sol.

Mrs. Gardener, por uma vez pouco loquaz, suspirou e disse: - Estou-lhe mesmo muito grata, M. Poirot. Sinto-me tão calma... Foi um dia maravilhoso.

O major Barry veio recebê-los à chegada.

- Olá! Então passaram bem o dia?

- Se passamos! - disse Mrs. Gardener. - As charnecas estavam lindas! Tão inglesas, tão velho mundo... E o ar estava delicioso e tonificante. O senhor devia ter vergonha de ser tão preguiçoso, ao ponto de não ter desejado vir conosco.

O major soltou uma risada. - Estou demasiado velho para essas coisas... sentado no chão e comendo sanduíches.

Uma criada de quarto tinha saído do hotel e vinha correndo, esbaforida. Hesitou por um momento, e em seguida dirigiu-se rapidamente a Christine Redfern.

Hercule Poirot viu que se tratava de Gladys Narracott.

- Desculpe, minha senhora - disse ela numa voz acelerada e desigual - mas estou preocupada com a menina. Com Miss Marshall. Fui agora mesmo levar-lhe um chá e não consegui que acordasse, e tem um ar tão... tão esquisito!

Christine olhou desesperada à sua volta. Poirot aproximou-se imediatamente. Segurando-a por um cotovelo, disse-lhe calmamente: - Vamos já subir, para ver.

Subiram apressadamente a escada e percorreram o corredor até o quarto de Linda.

Bastou um olhar para ambos constatarem que alguma coisa estava mal. O rosto da moça tinha uma cor estranha, e a sua respiração era quase imperceptível.

Poirot tomou-lhe o pulso. Ao mesmo tempo reparou num envelope encostado ao candeeiro da mesa-de-cabeceira. Estava dirigido a ele próprio. O

capitão Marshall entrou rapidamente no quarto.

- O que se passa com a Linda? - perguntou. - O que é que ela tem?

Christine Redfern soltou um ligeiro soluço assustado.

Hercule Poirot afastou-se da cama.

- Mande já chamar um médico - disse a Marshall -, o mais depressa que for possível. Mas receio... receio mesmo... que seja demasiado tarde. Pegou na carta que lhe era endereçada e rasgou o envelope. No interior havia algumas linhas manuscritas por Linda, com a sua cuidada caligrafia de colegial.

“Acho que esta é a melhor saída. Peça ao papai para tentar perdoar-me. Fui eu quem matou Arlena. Pensei que ia ficar contente... mas não fiquei. Lamento muito tudo o que aconteceu”.

Estavam reunidos na sala de estar do hotel: Marshall, os Redferns, Rosamund Darriley e Hercule Poirot. Permaneciam em silêncio, à espera... A porta abriu-se e o Dr. Neasden entrou.

- Fiz tudo o que estava ao meu alcance - disse bruscamente. - É possível que ela se salve... mas tenho a obrigação de dizer que a esperança não é muita.

Calou-se. Marshall, de rosto tenso e olhos de um azul gélido, perguntou:

- Como teria ela obtido o produto?

Neasden abriu de novo a porta e fez um sinal. A criada de quarto entrou na sala. Tinha estado chorando.

- Conte-nos outra vez aquilo que viu - disse Neasden.

- Nunca pensei... - disse a moça fungando - nunca pensei, nem por um instante, que houvesse qualquer coisa de errado... ainda que a menina me parecesse um tanto estranha. - Um ligeiro gesto de impaciência do médico fê-la prosseguir: - Ela estava no quarto da outra senhora. De Mrs. Redfern. No seu quarto. Estava ao pé do lavatório, e tinha um frasquinho na mão. Deu uma espécie de salto quando eu entrei, e pensei que era esquisito ela tirar coisas do quarto da senhora, mas também podia ser qualquer coisa que lhe tivesse emprestado. Ela só disse: “Ah, era disto que eu andava à procura...”, e saiu.

- Os meus comprimidos para dormir - disse Christine, quase num

sussurro.

- Como sabia ela da existência dos comprimidos? - perguntou o médico com rudeza.

- Tinha-lhe dado um - disse Christine. - Na noite depois daquilo ter acontecido. Ela disse-me que não conseguia dormir. Ela... lembro-me dela dizer: “Acha que chega um?”, e eu disse-lhe que sim, que eram muito fortes, e que me tinham recomendado que nunca tomasse mais do que um, dois no máximo.

Neasden acenou.

- Ela quis ter a certeza - comentou. - Tomou seis.

Christine soltou outro soluço.

- Oh, meu Deus, sinto que a culpa é minha. Devia tê-los guardado num local seguro.

O médico encolheu os ombros.

Talvez tivesse sido melhor, Mrs. Redfern.

- Ela está morrendo... e a culpa é minha... - disse Christine, desesperada.

Kenneth Marshall mexeu-se na cadeira.

- Não, não se culpe pelo sucedido - disse. - Ela sabia o que estava fazendo. Talvez... talvez tenha sido melhor assim.

Olhou para o papel amarrotado que tinha na mão, a nota que Poirot lhe entregara em silêncio.

- Não acredito. Não creio que a Linda a tenha assassinado - exclamou Rosamund Darriley. - É impossível, com certeza, dado os fatos conhecidos!

Christine interveio, ansiosa: - Sim, nunca poderia ter sido ela! Deve ter ficado exausta e imaginou tudo!

A porta abriu-se, e o coronel Weston entrou.

- Que se passa? - perguntou.

O Dr. Neasden tirou a nota manuscrita das mãos de Marshall e entregou-a ao chefe de polícia. Ele leu-a.

- O quê? - exclamou, incrédulo. - Mas isto é um disparate... um autêntico disparate! Impossível! Não acha, Poirot?

Hercule Poirot moveu-se pela primeira vez.

- Não - disse -, receio que não seja impossível.

- Mas eu estava com ela, M. Poirot - disse Christine Redfern. - Estive com ela até às onze e quarenta e cinco. Disse isso à polícia.

- As suas declarações deram-lhe um álibi - disse ele. - Mas em que se baseavam as suas declarações? Baseavam-se no relógio da própria Linda Marshall. A senhora não sabe realmente se faltava um quarto para o meio-dia quando a deixou; sabe disso apenas porque ela lhe disse! A senhora mesma comentou que lhe parecera que o tempo tinha passado muito depressa.

Ela ficou olhando para Poirot, paralisada.

Poirot prosseguiu: - Pense, madame: quando deixou a praia, regressou ao hotel depressa ou devagar?

- Eu? Bem... devagar, acho eu.

Recorda-se de algum pormenor a respeito do percurso de regresso?

- Nenhum, acho eu. Vinha... vinha pensando.

Poirot insistiu: - Lamento ter que lhe pedir isto, mas quer dizer-nos em que vinha pensando durante o percurso?

Christine ruborizou-se. - Bem, se for mesmo preciso... Estava pensando na hipótese de ir embora. Partir, apenas, sem dizer nada ao meu marido. Sabe, sentia-me... sentia-me muito infeliz.

- Oh, Christine - exclamou Patrick Redfern -, você tem razão... eu sei...

A voz precisa de Poirot interrompeu-o.

- Exatamente. Estava preocupada com a tomada de uma decisão de tanta importância. Estava, por assim dizer, cega e surda em relação ao que a cercava. Provavelmente caminhou lentamente, parando vez por outra para melhor esclarecer algum ponto do seu pensamento.

Christine confirmou. - O senhor é muito arguto. Foi mesmo assim. Acordei de uma espécie de sonho ao chegar ao hotel e apressei-me a entrar, convencida de já vir atrasada, mas quando olhei para o relógio do saguão constatei que ainda tinha muito tempo.

Poirot disse de novo: - Exatamente. - Depois voltou-se para Marshall.

- Agora tenho que lhe descrever certas coisas que encontrei no quarto da

sua filha logo depois do homicídio. Na grade da lareira havia um pedaço de cera derretida, cabelo queimado, fragmentos de cartão e papel, e um alfinete vulgar. O papel e o cartão poderiam ser irrelevantes, mas as outras três coisas eram sugestivas, especialmente depois de ter encontrado, escondido na estante, um livro tirado da biblioteca local, um tratado sobre bruxedos e magia. O volume abria-se com muita facilidade numa determinada página. Nessa página descreviam-se variados métodos de provocar a morte de alguém moldando-se em cera uma figura que representaria a vítima. A figura seria então aquecida lentamente até se derreter, ou então poder-se-ia perfurá-la com um alfinete no local do coração. Seguir-se-ia a morte da vítima. Mais tarde tomei conhecimento, através de Mrs. Redfern, de que Linda Marshall tinha saído naquela manhã bem cedo para comprar um pacote de velas, parecendo embaraçada ao revelar o que tinha adquirido. Não tive qualquer dúvida sobre o que acontecera a seguir. Linda teria feito uma figura com a cera das velas, possivelmente adornando-a com alguns cabelos de Arlena para lhe conferir poderes mágicos, perfurando a seguir o local do coração com o alfinete, derretendo finalmente a figura acendendo o fogo com pedaços de cartão amontoados por baixo.

“Era uma atividade primitiva, infantil, supersticiosa, mas revelava uma coisa: o desejo de matar. Seria possível que houvesse ali algo mais do que um desejo? Poderia Linda Marshall ter realmente assassinado a madrastra?

À primeira vista parecia que ela tinha um álibi perfeito... mas na realidade, conforme demonstrei, o indício relativo às horas tinha sido fornecido pela própria Linda. Poderia facilmente ter dito a Christine que faltavam quinze para o meio-dia quando eram apenas onze e meia.

“Era bem possível que, logo depois de Mrs. Redfern deixar a praia, ela a tivesse seguido, esgueirando-se até à escada de ferro, descendo-a rapidamente ao encontro da madrastra, estrangulando-a e regressando ao topo da escada antes que o barco com Miss Brewster e Patrick Redfern surgisse à vista. Poderia então regressar à Enseada da Gaivota, tomar o seu banho e voltar calmamente ao hotel.

“Contudo, isso dependeria de dois fatores. Ela precisava saber com toda a certeza que Arlena Marshall estaria na Enseada do Duende, e teria que ser

fisicamente capaz de cometer o ato.

“Pois bem, o primeiro destes fatores era viável: bastaria que a própria Linda tivesse escrito a mensagem para Arlena em nome de outra pessoa. Quanto ao segundo, Linda possui mãos grandes e fortes, do tamanho das de um homem. No que se refere à força, Linda encontra-se naquela idade em que há mais predisposição para um desequilíbrio mental, fenômeno este que é frequentemente acompanhado por uma força invulgar. Há ainda um outro pequeno pormenor: a mãe de Linda Marshall tinha sido, em outros tempos, julgada por homicídio.

Kenneth Marshall levantou a cabeça.

- Mas foi inocentada! - disse em tom feroz.

- Sim, foi inocentada - concordou Poirot.

- E digo-lhe mais uma coisa, M. Poirot - prosseguiu Marshall -, a Ruth... a minha mulher... estava inocente. Isso sei eu com toda a certeza. Na intimidade da nossa vida não poderia me enganar. Era uma inocente, vítima das circunstâncias. - Fez uma pausa. - E também não acredito que Linda tenha assassinado Arlena. É ridículo... absurdo!

- Considera então - perguntou Poirot -, que essa carta é uma falsificação?

Marshall estendeu a mão, e Weston entregou-lhe. Marshall analisou-a cuidadosamente. Depois abanou a cabeça.

- Não - declarou, contrafeito. - Acredito que foi escrita pela Linda.

Poirot prosseguiu: - Nesse caso, se foi Linda quem a escreveu, há apenas duas explicações. Ou a escreveu de boa-fé, sabendo ter sido ela própria a autora do crime, ou... ou, digo eu, escreveu-a deliberadamente para proteger outra pessoa, alguém que ela receava que estivesse despertando suspeitas.

- Refere-se a mim? - perguntou Kenneth Marshall.

- É possível, não lhe parece?

Marshall meditou por alguns momentos; depois respondeu, calmamente:

- Não, acho que a idéia é absurda. No princípio, a Linda pode ter pensado que eu era suspeito, mas agora sabia que isso estava ultrapassado, que a polícia tinha aceito o meu álibi, desviando a sua atenção para outro lado.

- Mas suponha que não era uma questão de pensar que o senhor era

suspeito - disse Poirot -, mas sim que ela sabia que era o culpado?

Marshall ficou olhando para ele e deu uma risada curta. - Isso é um absurdo.

- Olhe que não sei - replicou Poirot. - Existem, como sabe, diversas possibilidades a respeito da morte de Mrs. Marshall. Há a teoria de que estava sendo vítima de chantagem, tendo ido naquela manhã ao encontro do chantagista e sendo assassinada por este. Há a teoria de que a Enseada e a Caverna do Duende estavam sendo usadas para o tráfico de drogas, e de que ela foi morta por ter sabido acidentalmente do caso. Há uma terceira possibilidade: a de ter sido despachada por algum maníaco religioso. Mas há ainda uma quarta possibilidade: o senhor tinha muito a ganhar com a morte da sua esposa, não é verdade, capitão Marshall?

- Acabei de lhe dizer...

- Sim, sim, concordo que é impossível que o senhor tivesse podido assassinar a sua esposa... se estivesse agindo sozinho. Mas suponhamos que alguém o ajudava?

- Que raios está insinuando com isso?

O homem tranquilo estava finalmente fora de si. Soergueu-se do assento. A sua voz era ameaçadora. Havia um reluzir de cólera no olhar. Poirot prosseguiu: - Estou afirmando que este não é um crime que tenha sido cometido apenas por uma pessoa. Duas pessoas estiveram envolvidas nele. É bem verdade que o senhor não poderia estar datilografando aquela carta ao mesmo tempo em que se dirigia à enseada, mas teria tido tempo para estenografar a carta, confiando a outra pessoa o encargo de datilografá-la enquanto o senhor se encontrava ausente na sua criminoso missão.

Hercule Poirot olhou na direção de Rosamund Darriley.

- Miss Darriley declarou que deixou o Terraço do Sol dez minutos depois das onze, tendo-o observado escrevendo à máquina no seu quarto. Contudo, aproximadamente a essa hora Mr. Gardener regressou ao hotel para ir buscar uma meada de lã para a esposa. Não cruzou com Miss Darriley nem a viu. Isso é digno de nota. Parece que ou Miss Darriley nunca deixou o Terraço do Sol, ou

que o teria deixado bastante mais cedo, encontrando-se então no seu quarto muito atarefada escrevendo à máquina. Outro pormenor: o senhor declarou que, quando Miss Darriley espreitou para dentro do seu quarto às onze e quinze, viu-a através do espelho. Contudo, no dia do crime a sua máquina de escrever e os papéis estavam espalhados na escrivaninha do canto da sala, enquanto que o espelho se encontra entre as duas janelas. Portanto, essa declaração era uma mentira deliberada. Mais tarde, transferiu a máquina de escrever para a mesa situada por baixo do espelho para justificar a sua história, mas já era demasiado tarde. Eu já percebera que o senhor e Miss Darriley tinham mentido.

Rosamund Darriley falou.

- O senhor é diabolicamente engenhoso! - disse numa voz baixa e límpida.

- Mas não tão diabólico e engenhoso como o homem que matou Arlena Marshall! - disse Poirot elevando a voz. - Pense por um momento: com quem pensei eu... com quem pensou toda a gente... que Arlena Marshall teria ido encontrar-se naquela manhã? Todos chegamos à mesma conclusão: Patrick Redfern! Ela não ia encontrar-se com um chantagista. O rosto dela devia ter-me dito isso. Oh não! Ela ia ao encontro de um amante... Ou pelo menos era o que ela pensava!

“Sim, eu já estava convencido disso. Arlena Marshall ia encontrar-se com Patrick Redfern. Mas, um minuto depois, Patrick Redfern surge na praia, obviamente à procura dela. Como seria, então?

- Algum malandro usou o meu nome! - disse Patrick Redfern, com uma raiva mal controlada.

- O senhor estava obviamente transtornado e surpreendido pela ausência dela - disse Poirot. - Talvez de uma forma demasiado óbvia. A minha teoria, Mr. Redfern, é que ela foi à Enseada do Duende para se encontrar com o senhor, e que se encontrou de fato com o senhor, e que o senhor a matou, conforme havia planejado.

Patrick Redfern ficou olhando para ele.

- Está brincando comigo? - disse depois, com a sua bem humorada voz

irlandesa. - Estive com o senhor na praia até sair no barco com Miss Brewster, dando com ela já morta.

Poirot replicou: - O senhor matou-a depois de Miss Brewster ter regressado no barco para chamar a polícia. Arlena Marshall não estava morta quando o senhor chegou à praia. Estava à espera, escondida na caverna, até que não houvesse mais ninguém nas proximidades.

- E o corpo? Miss Brewster viu o corpo, tal como eu!

- Um corpo, sim. Mas não um cadáver. O corpo vivo da mulher que o auxiliou, com os braços e as pernas bronzeados com a ajuda do bronzeador e o rosto escondido debaixo do chapéu de cartão verde. Christine, a sua esposa (ou talvez não a sua esposa, mas certamente a sua sócia), auxiliando-o a cometer este homicídio tal como o auxiliara a cometer aquele outro assassinio em que “descobriu o corpo de Alice Corrigan pelo menos vinte minutos antes dela ter morrido”, assassinada pelo marido, Edward Corrigan... O senhor!

Christine falou. A sua voz era incisiva, sem emoção.

- Cuidado, Patrick não perca a calma! - disse.

Poirot prosseguiu: - Talvez tenham curiosidade em saber que tanto o senhor como a sua esposa Christine foram facilmente reconhecidos e identificados pela polícia de Surrey, entre um grupo de pessoas fotografadas aqui. Identificaram-nos prontamente como sendo Edward Corrigan e Christine Deverill, a jovem caminhante que encontrara o corpo de Alice Corrigan.

Patrick Redfern tinha-se posto de pé. O seu rosto agradável estava transformado, avermelhado de sangue, cego de raiva. Era o rosto de um assassino... de um tigre.

- Maldito parasita bisbilhoteiro! - gritou.

Atirou-se para a frente, dedos esticados como garras, vomitando maldições, apertando a garganta de Hercule Poirot...

CAPÍTULO TREZE

- Foi numa dada manhã em que estávamos sentados lá fora - disse

ponderadamente Poirot -, comparando os corpos bronzeados pelo sol com a carne exposta na vitrine de um açougue, que constatei como era pequena a diferença entre um corpo e qualquer outro. Se se observasse de perto e com atenção, sim... mas num olhar de relance? Uma jovem de formas mais ou menos aceitáveis é igual a qualquer outra: duas pernas bronzeadas, dois braços bronzeados, um pedacinho de maiô entre os dois extremos... apenas um corpo jazendo ao sol. Quando uma mulher caminha, quando fala, quando ri ou move a cabeça ou as mãos... então sim, exhibe a sua personalidade, a sua individualidade. Mas, quando se entrega ao ritual do bronzeamento... não.

“Foi nesse dia que falamos da maldade... da maldade debaixo do sol, como disse Mr. Lane. Mr. Lane é uma pessoa muito sensível... sente-se pessoalmente afetado pelo Mal... sente a sua presença... Mas não percebia bem onde ele se encontrava. Para ele, o mal encontrava-se personificado em Arlena Marshall, e quase todos concordavam com ele.

“Contudo, no meu entender, ainda que o mal estivesse presente, não estava de modo algum centralizado em Arlena Marshall. Estava relacionado com ela, sim... mas de um modo radicalmente diferente. Considerei-a sempre como uma vítima, eterna e predestinada. Porque era bela, porque era atraente, porque os homens voltavam a cabeça para olhá-la, todos pensavam que pertencia ao tipo de mulher que destroça vidas e destrói as almas. Mas eu a via de um modo muito diferente. Não era ela que atraía fatalmente os homens; eram os homens que a atraíam fatalmente. Ela pertencia àquele tipo de mulher que agrada facilmente aos homens e de que estes também facilmente se fartam. Tudo o que descobri ou que escutei acerca dela vinha em reforço desta minha convicção. A primeira coisa que ouvi a respeito dela foi que o homem de cujo divórcio ela fora a causa tinha se recusado a casar com ela. Foi então que o capitão Marshall, um daqueles homens incuravelmente cavalheirescos, entrou em cena pedindo-a em casamento. Para um homem tranquilo e reservado do tipo do capitão Marshall, uma provação pública de qualquer tipo seria o pior dos suplícios: daí o amor e a piedade pela sua primeira esposa, publicamente acusada e julgada por um crime que não cometera. Casara-se com ela e vira amplamente justificada a avaliação que fizera

do seu caráter. Após a morte da esposa surgia-lhe outra mulher bela, talvez do mesmo tipo físico (visto que Linda tem cabelo ruivo, provavelmente herdado), que se expunha à ignomínia pública. Mais uma vez Marshall vem em socorro de quem dele necessita. Contudo, desta vez pouco encontra em apoio da sua paixão. Arlena é estúpida, indigna da sua simpatia ou da sua proteção, estouvada. De qualquer modo, creio que ele sempre teve uma visão realista dela. Muito depois de ter desistido de amá-la, continuava a ter pena dela, apesar de se sentir irritado pela sua presença. Para ele, Arlena era como uma criança incapaz de progredir para além de uma dada página do livro da vida.

“Em Arlena, com a sua paixão pelos homens, deparei com uma presa à espera de um determinado tipo de homem sem escrúpulos. Reconheci imediatamente esse tipo em Patrick Redfern, com a sua boa aparência, a sua autoconfiança, o seu inegável encanto do ponto de vista feminino. O aventureiro que, de um modo ou de outro, vive à custa das mulheres. Observando-os na praia, estava certo de que Arlena era a vítima de Patrick, e não o contrário, e associei o tal foco de maldade a Patrick Redfern, não a Arlena Marshall.

“Arlena recebera havia pouco tempo uma boa soma de dinheiro, que lhe fora legada por um admirador idoso que não tivera tempo de se fartar dela. Pertencia àquele gênero de mulher que é sempre defraudada por um ou outro homem. Miss Brewster referiu-se a um jovem que tinha sido “arruinado” por ela, mas uma carta deste, encontrada no quarto de Arlena, apesar de exprimir o desejo (que nada lhe custava) de cobri-la com jóias, vinha agradecer-lhe uma contribuição generosa mediante a qual o correspondente confessava ter conseguido escapar a um procedimento judicial. Um exemplo claro de um oportunista a sugar-lhe a fortuna. Não tenho qualquer dúvida de que Patrick Redfern constatou ser fácil levá-la a entregar-lhe periodicamente grandes somas de dinheiro “para investimento”. Talvez a tenha deslumbrado com histórias de grandes oportunidades que lhes trariam mundos e fundos. As mulheres indefesas, vivendo sós, são presa fácil daquele tipo de homem, que usualmente escapa sem dificuldade com o produto da pilhagem. Se, contudo, existe um marido, ou um irmão, ou um pai, as coisas podem tornar-se desagradáveis para o vigarista. Logo

que o capitão Marshall viesse a constatar o que estava acontecendo à fortuna da esposa, Patrick Redfern não ficaria sem castigo por muito tempo.

Isso, contudo, não o preocupava, porque estava já considerando ver-se livre dela assim que achasse necessário, animado pelo êxito que já tivera com outro homicídio, o da jovem com quem se casara sob o nome de Corrigan, e a quem tinha convencido a fazer um avultado seguro de vida em seu benefício.

“Para a consecução dos seus planos contou com a colaboração e o apoio da mulher que aqui apresentara como sua esposa, e a quem era genuinamente devotado. Uma jovem muito diferente do tipo de vítima que ele parecia preferir: calma, composta, impassível, mas plenamente dedicada e uma atriz de grande talento. Desde a chegada do casal, Christine Redfern interpretara um papel, o de “pobre esposa dedicada”... frágil, indefesa, mais intelectual do que atlética. Pensem nos pormenores que ela introduziu na sua personagem: a tendência para criar bolhas ao expor-se ao sol em consequência da alvura da sua pele, o receio das alturas (com a história de ter ficado retida na catedral de Milão), etc. Realçava constantemente a sua constituição delicada e frágil; quase toda a gente se referia a ela com compaixão. Na realidade era tão alta como Arlena Marshall, mas com mãos e pés de pequenas dimensões. Dizia ter sido professora primária, reforçando assim a impressão de gostar de ler e de não possuir aptidões atléticas. Na realidade, tinha trabalhado numa escola, mas como professora de educação física, e era uma jovem muito ativa que podia escalar montanhas como um gato e correr como uma atleta.

O homicídio propriamente dito foi perfeitamente planejado, de acordo com um horário rigoroso. Foi, como tive oportunidade de dizer anteriormente, um crime cheio de traquejo. A cronometragem da operação foi um trabalho de gênio!

“Primeiro, tiveram que preparar certas cenas preliminares, uma delas representada no Terraço do Sol, onde eles sabiam que eu estava no recanto ao lado: um diálogo convencional entre uma esposa ciumenta e o marido. Mais tarde, ela interpretou o mesmo papel numa cena comigo. Lembro-me de que na altura tive uma vaga sensação de já ter lido tudo aquilo num livro.

Não me parecia real. Evidentemente, porque não era real. Depois, veio o dia do homicídio. Estava um dia bom, e isso era essencial. A primeira ação de Redfern foi esquivar-se muito cedo pela janela da varanda que ele abrira do interior (se fosse encontrada aberta, pensariam que alguém tinha ido tomar banho bem cedo). Debaixo do roupão de praia escondera um chapéu chinês verde, igual ao que Arlena costumava usar. Atravessou a ilha, desceu pela escada de ferro e escondeu-o num sítio previamente combinado, atrás de umas pedras. Primeira parte.

“Na noite anterior tinha combinado um encontro com Arlena. Estavam tomando bastante cuidado, pois Arlena andava um tanto receosa do marido. Concordaram em se encontrar na Enseada do Duende na manhã seguinte. Ninguém ia lá de manhã. Redfern iria ter com ela logo que pudesse escapar sem ninguém dar por isso. Se ela ouvisse alguém descendo a escada ou se surgisse algum barco, deveria esconder-se na caverna, cujo segredo ele lhe contara, e esperar aí até a costa estar livre. Segunda parte.

“Entretanto, Christine dirigiu-se ao quarto de Linda numa ocasião em que pensava que ela deveria estar tomando o seu banho de mar matinal. Ia alterar o relógio da moça, adiantando-o em vinte minutos. Havia, claro, o risco de Linda reparar que o relógio não estava certo, mas isso não teria muita importância. O verdadeiro álibi de Christine era o tamanho das suas mãos, que não lhe permitiria executar o crime. Todavia, necessitava de um álibi adicional. No quarto da Linda, deparou com o livro de feitiçaria e bruxedos aberto numa certa página. Leu-o, e quando Linda regressou e deixou cair o embrulho com as velas, percebeu o que esta andava arquitetando. Isto deu-lhe algumas idéias. A intenção original do casal culposos era atirar as suspeitas para cima de Kenneth Marshall, daí o desaparecimento do cachimbo, um fragmento do qual seria plantado na enseada, por baixo da escada de ferro.

“Quando Linda voltou, Christine não teve dificuldade em combinar com ela uma ida à Enseada da Gaivota. Regressou em seguida ao seu próprio quarto, retirou de uma mala fechada um frasco de bronzeador aplicou-o cuidadosamente e atirou o frasco vazio pela janela em direção ao mar, quase atingindo Emily

Brewster, que estava tomando banho. A segunda parte estava concluída com êxito.

“Christine vestiu então um maiô branco, e sobre este umas calças compridas e um casaco de praia com mangas compridas, encobrindo perfeitamente os braços e as pernas que acabara de bronzear.

“As dez e quinze, Arlena partiu para o seu encontro, e um ou dois minutos depois Patrick Redfern desceu e mostrou-se surpreendido, aborrecido, etc. A tarefa de Christine foi bastante fácil. Conservando o seu próprio relógio escondido, perguntou a Linda às onze e vinte e cinco que horas eram. Linda consulta o seu relógio e diz que faltavam quinze para o meio-dia, e a seguir encaminha-se para o mar, enquanto Christine arruma o seu material de desenho. Assim que Linda volta as costas, Christine pega no relógio da moça, que ela retirara antes de entrar na água, e acerta-o. Depois sobe correndo a trilha da falésia, atravessa apressada o topo da ilha até alcançar o princípio da escada de ferro, despe a roupa de praia que esconde, com o material de desenho, atrás de uma rocha, e desce rapidamente a escada.

“Arlena encontrava-se lá em baixo na praia, admirada com o atraso de Patrick. Escuta alguém descendo a escada, procura saber quem será, e para sua desagradável surpresa constata ser aquela inconveniente, a esposa! Atravessa a praia, apressada, e esconde-se na caverna.

“Christine retira o chapéu chinês do local onde este fora escondido, com uma falsa madeixa ruiva fixa ao rebordo da aba traseira, e estende-se de bruços na praia com a cabeça e o pescoço tapados pelo chapéu. A operação foi cronometrada nos segundos. Um ou dois minutos depois o barco transportando Patrick e Emily Brewster dobra o extremo da praia. Lembrem-se de que é Patrick quem se abaixa para examinar o corpo, é Patrick quem se mostra atordoado, chocado, despedaçado pela morte da sua amada! A sua testemunha foi cuidadosamente escolhida. Miss Brewster não suporta alturas, não irá tentar subir a escada de ferro. Irá sair da enseada no barco, sendo Patrick, naturalmente, quem fica com o corpo “para o caso do assassino ainda se encontrar nas proximidades”. Miss Brewster afasta-se, remando apressada, para ir buscar a

polícia. Assim que o barco deixa de ser visto, Christine corta o chapéu em pedaços com a tesoura que Patrick trouxe consigo, guarda os pedaços dentro do maiô e sobe rapidamente a escada, veste a roupa de praia e regressa correndo ao hotel, mesmo a tempo de tomar um banho rápido para remover o bronzeador, e veste o seu traje de tênis. Faz ainda uma outra coisa: queima os pedaços de cartão verde e a madeixa de cabelo na lareira de Linda, juntando uma folha de calendário para que este fique associado ao cartão. O que acabou de queimar não foi um chapéu, mas sim um calendário. Como previa, Linda tinha andado fazendo experiências de feitiçaria; a cera derretida e o alfinete assim o demonstram.

“Em seguida desce à quadra de tênis, sendo a última a chegar, mas sem demonstrar agitação nem pressa.

“E entretanto Patrick dirigiu-se à caverna. Arlena nada viu, e pouco escutou: a chegada de um barco, algumas vozes. Ficara prudentemente escondida na caverna. Mas agora ouve Patrick chamá-la.

“Já passou o perigo, querida.” Ela sai, e as mãos dele rodeiam-lhe o pescoço... e assim chega ao final da sua vida a pobre, tonta e bela Arlena Marshall...

Poirot calou-se.

Durante alguns instantes todos ficaram em silêncio, e por fim Rosamund Darriley disse, com um estremecimento: - Sim, desta forma podemos imaginar como tudo sucedeu. Mas essa é a história vista do outro lado. Ainda não nos explicou como foi que conseguiu chegar à verdade.

Hercule Poirot respondeu:

- Já disse uma vez que a minha mente funciona de modo muito simples. Sempre, desde o princípio, me pareceu que quem matara Arlena Marshall seria quem mais condições reunia para tê-lo feito. E essa pessoa era Patrick Redfern. Era o tipo *par excellence*, o tipo de homem que explora mulheres como ela, e o tipo de assassino, o gênero de homem que rouba as economias de uma mulher e inclui no negócio cortar-lhe a garganta. Com quem iria Arlena encontrar-se naquela manhã? Tudo no seu rosto, no sorriso, no comportamento, nas palavras,

apontava para Patrick Redfern. Consequentemente, o assassino tinha de ser Patrick.

“Mas imediatamente enfrentei, como lhes disse, uma impossibilidade. Patrick Redfern não podia tê-la matado porque se encontrava na praia e depois na companhia de Miss Brewster, quando o corpo foi descoberto. Por isso procurei outras soluções, e existiam diversas. Poderia ter sido morta pelo marido, com a conivência de Miss Darriley (ambos tinham mentido com relação a um pormenor que parecia suspeito). Poderia também ter sido assassinada por haver tropeçado acidentalmente nas atividades secretas dos traficantes de droga. Poderia ter sido morta, como já disse, por um maníaco religioso, e podia ainda ter sido morta pela enteada. Esta última pareceu-me a dada altura ser a verdadeira solução. O comportamento de Linda na sua primeira entrevista com a polícia foi significativo. Uma conversa que tive mais tarde com ela convenceu-me de um ponto: ela considerava-se culpada.

- Quer dizer que ela imaginava realmente que tinha provocado a morte de Arlena? - perguntou Rosamund, num tom de incredulidade.

Hercule Poirot confirmou com um aceno.

- Sim. Lembre-se: ela pouco mais é do que uma criança. Leu o livro sobre bruxaria e quase acreditou nele. Detestava Arlena. Fabricou a boneca de cera, fez o feitiço, perfurou-lhe o coração, derreteu a figura... e nesse mesmo dia Arlena morre! Pessoas mais velhas e mais sábias do que Linda crêem na magia negra. Naturalmente, ela acreditou que era tudo verdade: que através da feitiçaria tinha matado a madrasta.

- Oh! Pobre criança! - exclamou Rosamund. - E eu pensei... imaginei... uma coisa muito diferente... que ela sabia alguma coisa que poderia... Rosamund calou-se.

- Sei o que pensou - disse Poirot. - Na realidade a sua reação assustou Linda ainda mais. Estava convencida de que o seu ato tinha realmente provocado a morte de Arlena, e de que a senhora o sabia. Christine Redfern também a manobrou, dando-lhe a idéia dos comprimidos para dormir, indicando-lhe o caminho para uma rápida e indolor expiação do seu crime. Sabe, é que logo que o

capitão Marshall apresentou um álibi, era vital encontrar um novo suspeito. Nem ela nem o marido sabiam do tráfico de drogas. Viram em Linda o bode expiatório ideal.

- É uma mulher diabólica! - disse Rosamund.

Poirot concordou: - Sim, tem razão. Uma mulher cruel e calculista. Quanto a mim, sentia-me em grandes dificuldades. Seria Linda culpada apenas da infantil tentativa de crime através da bruxaria, ou teria o seu ódio chegado ainda mais longe, até ao ato verdadeiro? Tentei levá-la a se confessar comigo, mas não serviu de nada. Naquele momento eu não tinha certezas. O chefe de polícia estava tentado a aceitar a explicação dos traficantes de drogas, mas eu não me sentia satisfeito. Voltei a analisar muito cuidadosamente os fatos. Era como se tivesse uma coleção de peças de um quebra-cabeças, acontecimentos isolados, simples fatos. Tudo teria que se ajustar num padrão completo e harmonioso. Havia a tesoura encontrada na praia, um frasco atirado de uma janela, um banho que ninguém admitia ter tomado, tudo ocorrências perfeitamente banais mas que adquiriam um novo significado por ninguém as admitir. Portanto, tinham que representar alguma coisa. Nenhuma dessas ocorrências se ajustava às teorias que indicavam como culpados o capitão Marshall, a filha ou os traficantes de drogas. E contudo, tinham que querer dizer alguma coisa. Regressei de novo à minha primeira solução, a de que o crime fora cometido por Patrick Redfern. Haveria alguma coisa para apoiar essa teoria? Sim, o fato de uma importante quantia em dinheiro ter desaparecido da conta de Arlena. Quem teria ficado com esse dinheiro? Patrick Redfern, evidentemente. Ela era o tipo de mulher facilmente burlada por um jovem simpático... mas não era o gênero de mulher suscetível de ser vítima de chantagem. Era demasiado transparente, incapaz de guardar um segredo. A história do chantagista sempre me soou a falsa. Todavia, alguém escutara aquela conversa... mas quem? A mulher de Patrick Redfern! Era a sua história, não confirmada por mais ninguém. Por que a teria inventado? A resposta atingiu-me como um relâmpago: para justificar a saída do dinheiro da conta de Arlena!

“Patrick e Christine Redfern estavam combinados. Christine não tinha a

força física ou a predisposição mental necessárias para estrangular Arlena. Não, era Patrick quem deveria tê-lo feito... mas isso parecia impossível! Cada minuto do seu tempo naquela manhã encontrava-se justificado até o momento da descoberta do corpo.

“Do corpo... As palavras agitaram qualquer coisa na minha mente... corpos deitados na praia, todos iguais. Patrick Redfern e Emily Brewster tinham chegado à praia, deparando com um corpo ali deitado. Um corpo... E se o corpo não fosse o de Arlena, mas o de outra pessoa? o rosto estava escondido pelo amplo chapéu chinês.

“Mas havia apenas um corpo morto, o de Arlena. Então seria possível... um corpo vivo? Alguém pretendendo passar por morto? Seria a própria Arlena, convencida por Patrick a participar de alguma espécie de jogo? Abanei a cabeça: demasiado arriscado. Um corpo vivo, mas quem? Haveria alguma mulher disposta a ajudar Redfern? Claro: a mulher dele. Mas esta era uma criatura delicada, de pele alva. Ah, sim, mas o bronzeador vem em frascos... frascos... mais uma das minhas peças que encaixava no quebra-cabeças! Sim, claro, e depois teria que tomar banho, para remover o bronzeador denunciador antes de ir jogar tênis. E a tesoura? Claro, para cortar o segundo chapéu de cartão que teria que fazer desaparecer de algum modo. Com a pressa, a tesoura tinha ficado caída na praia, a única coisa esquecida pelo par de assassinos.

“Mas onde estaria Arlena nesse ínterim? Isso também se tornou bastante claro para mim. Rosamund Darriley ou Arlena Marshall: uma delas tinha estado dentro da caverna, sabia-o pelo perfume que apenas elas usavam.

Certamente que não teria sido Rosamund Darriley, por isso era Arlena, ali escondida até a praia estar livre de intrusos.

“Depois de Emily Brewster partir no barco, Patrick ficou com a praia toda por sua conta, com plena oportunidade para cometer o crime. Arlena Marshall foi morta já depois das onze e quarenta e cinco, mas o testemunho do médico apenas referia a partir de que hora o crime podia ter sido cometido. Que Arlena já estava morta às onze e quarenta e cinco foi o que disseram ao médico, e não o que ele disse à polícia.

“Dois outros pontos precisavam ser resolvidos. O depoimento de Linda Marshall dava um álibi a Christine Redfern. Sim, mas esse álibi dependia do relógio de Linda Marshall. Tudo o que era preciso provar era que Christine tinha tido duas oportunidades para mexer no relógio. Encontrei-as facilmente. Ela tinha estado sozinha no quarto de Linda naquela manhã, e havia ainda uma prova indireta, pois Linda tinha dito que “receava já estar atrasada”, mas quando desceu passavam apenas vinte e cinco minutos das dez, pelo relógio da sala de estar. A segunda oportunidade foi fácil: pôde mexer novamente no relógio logo que Linda voltou as costas para ir tomar banho.

“Depois havia a questão da escada. Christine sempre dissera que tinha medo das alturas. Outra mentira cuidadosamente preparada.

“Já tinha assim o meu mosaico concluído, com todas as peças devidamente encaixadas. Mas, infelizmente, não possuía provas concretas. Estava tudo orquestrado na minha mente.

“Foi então que me surgiu uma idéia. O crime tinha sido cometido com muita segurança, muita perícia. Não tinha dúvidas de que no futuro Patrick Redfern repetiria a proeza. E quanto ao passado? Era possível que este não tivesse sido o seu primeiro homicídio. O método utilizado, o estrangulamento, estava de acordo com a sua natureza, a de um assassino que matava não só por dinheiro mas também por prazer. Se já tivesse assassinado antes, tinha a certeza de que teria usado o mesmo meio. Pedi ao inspetor Colgate uma relação de mulheres que tivessem sido vítimas de estrangulamento. O resultado encheu-me de alegria. A morte de Nellie Parson, encontrada estrangulada num bosque solitário, poderia ter sido ou não obra de Patrick Redfern, mas na morte de Alice Corrigan encontrei exatamente o que procurava. Tinha sido usado essencialmente o mesmo método. Houvera a mesma manipulação do tempo, pois o crime não fora cometido, como é usual, antes do que tudo levava a crer, mas sim depois. Um corpo supostamente descoberto às quatro e quinze, e um marido com um álibi válido até às quatro e vinte e cinco.

O que teria realmente acontecido? Dizia-se que Edward Corrigan chegara ao café de Pine Ridge e, não tendo encontrado ali a mulher, tinha ido

aguardá-la do lado de fora do café, andando de um lado para o outro. Na realidade, contudo, dirigiu-se correndo para o ponto onde combinara encontrar-se com ela, na mata de Caeser (que, conforme podem recordar-se, era bastante perto), matou-a e voltou ao café. A caminhante que tinha encontrado o corpo era uma jovem muito respeitada, professora de educação física numa conhecida escola feminina. Aparentemente não tinha qualquer relacionamento com Edward Corrigan. Tivera de percorrer uma considerável distância para relatar o sucedido na delegacia de polícia. O médico legista só examinou o cadáver às cinco e quarenta e cinco. Como sucedeu no presente caso, a hora da morte foi aceita sem discussão.

“Resolvi efetuar uma experiência final. Tinha que saber sem sombra de dúvida se Mrs. Redfern era mentirosa. Organizei a nossa pequena excursão a Dartmoor. Se uma pessoa não suporta alturas, nunca se sente confortável ao atravessar uma ponte estreita sobre águas em movimento. Miss Brewster, que sofre realmente disso, teve uma vertigem, mas Christine Redfern passou pelas tábuas sem a menor hesitação. Era um ponto sem importância, mas era também uma prova concreta. Se ela tinha dito uma mentira desnecessária, qualquer outra mentira seria possível. Entretanto, Colgate tinha mostrado a fotografia do grupo à polícia de Surrey, que logo identificou o casal. Depois joguei o meu trunfo da única forma com possibilidades de ter êxito. Tendo primeiramente transmitido a Patrick Redfern uma sensação de segurança, atirei-me depois a ele fazendo o possível para obrigá-lo a perder o domínio sobre si mesmo. Ao saber que tinha sido positivamente relacionado com o caso Corrigan, perdeu as estribeiras.

Hercule Poirot esfregou a garganta, recordando o sucedido.

- Aquilo que fiz - declarou, com um ar importante - foi extremamente perigoso, mas não estou arrependido. Tive êxito! Não sofri em vão. Seguiu-se um momento de silêncio. Depois Mrs. Gardener soltou um profundo suspiro.

- Bem, M. Poirot - afirmou ela -, foi uma experiência maravilhosa ouvi-lo relatar exatamente como conseguiu os seus resultados. Foi tão fascinante como uma lição de criminologia; na realidade foi mesmo uma lição de criminologia. E pensar que a minha meada de lã magenta e aquela conversa enquanto

apanhávamos sol tiveram alguma coisa a ver com tudo isto! Fico tão emocionada que me faltam as palavras, e estou certa de que Mr. Gardener pensa do mesmo modo, não pensa, Odell?

- Sim, querida - disse Mr. Gardener.

- Mr. Gardener também me prestou um valioso auxílio - disse Hercule Poirot. - Queria conhecer a opinião de um homem sensato a respeito de Mrs. Marshall, e perguntei a Mr. Gardener o que pensava dela.

- Ah sim? - ripostou Mrs. Gardener. - E o que você disse a respeito dela, Odell?

Mr. Gardener tossiu.

- Bem, querida - disse -, nunca pensei muito nela, como você sabe.

- É esse o gênero de coisa que os homens sempre dizem às mulheres declarou Mrs. Gardener. - E, se quer que lhe diga, até mesmo M. Poirot me parece um pouco indulgente em relação a ela, chamando-a de uma vítima natural e tudo isso. Claro, é verdade que ela não era uma mulher culta, e, como o capitão Marshall não se encontra aqui, não me importo de dizer que ela sempre me pareceu um bocado bronca. Foi o que eu disse a Mr. Gardener, não foi, Odell?

- Sim, querida - disse Mr. Gardener.

Linda Marshall estava sentada com Hercule Poirot na Enseada da Gaivota.

- Claro que estou contente por não ter morrido - disse Linda. - Mas sabe, M. Poirot, é como se a tivesse mesmo assassinado, não acha? Era essa a minha vontade.

Hercule Poirot ripostou com energia:

- São duas coisas completamente diferentes! O desejo de matar e a ação de matar são duas coisas totalmente distintas! Se, no seu quarto, em vez da figura de cera tivesse tido a sua madrasta deitada no chão, de braços e pernas atados e incapaz de se defender, e se na sua mão tivesse um punhal em vez de um alfinete, nunca teria sido capaz de enterrá-lo no coração dele! Qualquer coisa dentro de você lhe teria dito “não!”. Acontece o mesmo comigo. Se algum imbecil me faz

enraivecer, digo para comigo: “Tenho vontade de lhe dar um pontapé!”. Em vez disso, dou um pontapé na mesa. Digo: “Esta mesa representa o imbecil, e dou-lhe assim um pontapé”. E depois, se não magoei muito os dedos do pé, sinto-me bastante melhor e normalmente a mesa não fica muito estragada. Mas se o próprio imbecil estivesse ali, não lhe teria dado um pontapé. Fazer um boneco de cera e espetá-lo com alfinetes é uma parvoíce, sim, é uma criancice, mas tem a sua utilidade. Extraíu o ódio que tinha dentro de si e transferiu-o para a pequena figura. Depois, com o alfinete e o fogo destruiu, não a sua madrasta, mas o ódio que lhe tinha. A seguir, antes de ter sabido da morte dela, sentiu-se purificada, não foi? Sentiu-se mais leve, mais feliz?

Linda confirmou com um aceno.

- Como soube? - perguntou. - Foi assim mesmo que me senti...

- Então não volte a repetir essas parvoíces - disse Poirot. - Resolva-se apenas a não odiar a sua próxima madrasta.

- Acha que irei ter outra? - inquiriu Linda, alarmada. - Ah, estou vendo, refere-se a Rosamund. Dessa eu gosto... - Hesitou por um instante. Essa é sensata.

Não era bem o adjetivo que Poirot escolheria para aplicar a Rosamund Darriley, mas percebia que, para Linda, representava o melhor dos elogios.

- Rosamund - disse Kenneth Marshall -, você chegou a se convencer de que eu tinha assassinado Arlena?

Rosamund parecia embaraçada.

- Pois é - confessou -, fui uma idiota.

- E foi mesmo.

- Tem razão, Ken, mas você se fecha sobre si mesmo como uma ostra. Nunca soube o que você sentia realmente por Arlena. Não sabia se a aceitavas tal como ela era, ou se... bem, se apenas acreditava cegamente nela. E pensei que, se fosse assim e descobrisse de repente que ela andava lhe enganando, poderia ter ficado louco de raiva. Tenho ouvido histórias a seu respeito. É sempre muito calmo mas por vezes pode se tornar assustador.

- E então você pensou que eu a tinha agarrado pelo pescoço, dando cabo dela.

- Bem... sim... foi isso mesmo o que pensei. E o seu álibi parecia-me um tanto fraco. Foi então que decidi de repente dar-lhe uma ajuda, inventando aquela história idiota a respeito de ter visto você escrevendo à máquina no seu quarto. E quando ouvi dizer que você tinha me visto pelo espelho... bem, nessa altura fiquei mesmo convencida de que tinha sido você. Isso, e os modos estranhos da Linda.

- Você não percebeu que eu tinha dito que vira você pelo espelho para confirmar a sua história? - comentou Kenneth Marshall, com um suspiro. Pensei que a sua declaração precisava ser confirmada.

Rosamund ficou olhando para ele.

- Não me diga que você pensou que eu tinha assassinado a sua mulher!

Kenneth Marshall mudou de posição, constrangido.

- Raios, Rosamund - murmurou -, você não se lembra de quase ter dado cabo daquele rapaz por causa do cachorro? Você agarrou-o pela garganta e não o largava.

- Mas isso foi há anos...

- Pois, está bem...

- Que motivo eu poderia ter para matar Arlena?

Marshall não sabia o que responder. Resmungou de novo qualquer coisa.

- Ken, você é muito convencido! - gritou Rosamund. – Pensou que eu a teria matado por altruísmo em seu benefício, não foi? Ou então... teria pensado que era por querer você para mim?

- Nada disso! - reagiu Marshall, indignado. - Mas você sabe o que disse naquele dia... a respeito da Linda e de tudo o mais... e me pareceu que você se preocupava com o que pudesse me acontecer.

- Sempre me preocupei a esse respeito - disse Rosamund.

- Acredito que sim. Sabe, Rosamund... custa-me falar a respeito de coisas... não tenho o dom da palavra... mas gostaria de esclarecer uma coisa. Não amava Arlena, a não ser no princípio, e a minha vida com ela todos os dias era

uma tarefa de arrasar os nervos. Era mesmo um verdadeiro inferno, mas tinha realmente pena dela. Era uma doidivanas, sempre maluca por homens. Não podia evitar. E eles a deixavam sempre na pior e a tratavam pior que a um cão. Não me achava capaz de lhe dar um empurrão final. Tinha-me casado com ela, e incumbia-me de cuidar dela o melhor que podia. Acho que ela sabia disso, e estava realmente grata. Ela era... era uma criatura verdadeiramente patética.

- Pronto, Ken, agora compreendo - disse Rosamund mansamente.

Sem olhar para ela, Kenneth Marshall encheu cuidadosamente o cachimbo.

- Você é muito compreensiva, Rosamund - murmurou. Um ligeiro sorriso encurvou a boca irônica de Rosamund.

- Vai se resolver a me pedir agora em casamento, Ken, ou está resolvido a aguardar seis meses?

O cachimbo de Kenneth Marshall caiu-lhe de entre os lábios e despedaçou-se nas rochas.

- Bolas - queixou-se. - já é o segundo cachimbo que perco desde que cheguei. E agora não tenho outro. Raios! Como é que você adivinhou que eu tinha decidido que seis meses seria um prazo adequado?

- Possivelmente porque é de fato o prazo apropriado. Mas preferia saber desde já alguma coisa de concreto, se você não se importasse. Porque daqui até lá é capaz de você cruzar com alguma dama perseguida e correr outra vez em seu auxílio como um autêntico cavalheiro.

Ele riu.

- Desta vez você vai ser a dama perseguida, Rosamund. Vai ter que abandonar o seu negócio de roupas, e iremos viver no campo.

- Não acha que tenho um bom rendimento com o meu negócio? Não compreende que é o meu negócio, que criei com muita dedicação, e de que muito me orgulho? É preciso descaramento para agora vir me dizer: “Desista de tudo, querida”.

- E eu sou descarado!

- E está convencido de que gosto de você o suficiente para fazer o que

me pede?

- Se não gostasse - declarou Kenneth Marshall - não me serviria de nada.

- Oh, meu querido - disse Rosamund, com suavidade -, durante toda a minha vida sempre desejei viver com você no campo. Finalmente, o meu sonho vai se realizar...

FIM